

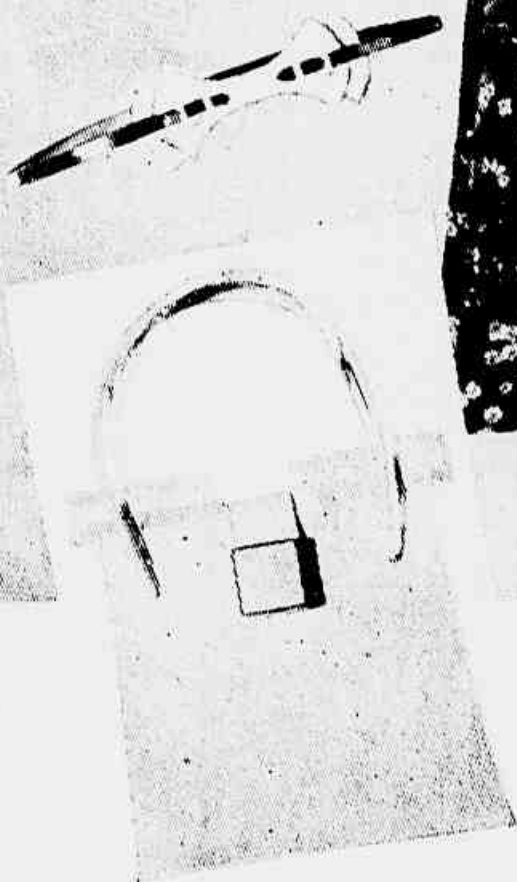
Revista da Semana

ANO XLV -- N.º 3 -- Cr\$ 1,50 em todo o Brasil -- 15 de Janeiro de 1944



DE S. PAULO

Sempre em 1ª Edição!
A *Casa Lú* apresenta o que
há de mais fino e moderno
para a Mulher



VESTIDOS
CHAPÉOS
COSTUMES
"LINGERIE"
"SPORT" e
PRAIA
BOLSAS
LUVAS
MEIAS
"BIJOUTERIE"

Casa Lú
Modas

ASSEMBLÉA Esq. GONÇALVES DIAS



O major da RAF Richard Anthony Welington, ao lado de seus pais, ao desembarcar na Estação do Norte em Dezembro último. Depois de lutar heroicamente, vem rever os seus e é recebido com as mãos e provas de carinho.

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

BRONZISOL
ANTISOLAR
De Mme. Campos
FIXA UM LINDO BRONZEADO
NATURAL
A VENDA EM TODA A PARTE

REVISTA DE ARACAJU

Recebemos o número 1 da *Revista de Aracaju* recentemente lançada na capital de Sergipe como órgão de divulgação da Prefeitura da cidade. São seus diretores os Srs. Mario Cabral e Fernando Porto, que trouxeram para a sua publicação interessante programa.

O número em causa traz assuntos históricos; trata de geografia, finanças, sociologia, urbanismo, estatística, literatura, noticiário em geral, notas administrativas, etc e assim compõe cerca de 260 páginas com algumas ilustrações.

Trata-se, em verdade, de uma publicação interessante.

MATRIZ: SÃO PAULO

Rua Libero Badaró, 103 loja -
107 s/ loja - 1.º e 2.º and.
Caixa Postal, 178-B e 2999
Tele fone 2-4550
grama "CONSTRUTORA"

**EMPRESA
CONSTRUTORA
UNIVERSAL**

A maior organização predial do Brasil

Inspetorias em todos
os Estados do Brasil.

Agências em todas
as cidades do Brasil.

BIO-HEPAX
PACIFICADOR DO FIGADO
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

DOR de ESTOMAGO?
AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS
Papeis
BANKETS

Miniatura do Herói

BERILO NEVES



WINSTON CHURCHILL JR. neto do Primeiro Ministro britânico, é mais moço de que a guerra que estronda nos quatro cantos do Mundo. Tem, apenas, três anos — porém atrás dele palpitam mais de 10 séculos de tenacidade, bom senso, energia e amor às aventuras gloriosas das viagens e das batalhas... Como seu avô, o pequeno Winston Churchill é uma soma das virtudes raciais e psicológicas da gente britânica, apuradas no transcurso dos tempos e no fogo das lutas bélicas.

A Inglaterra é uma fortaleza sitiada, perpetuamente, pelos ventos e pelo mar. É uma ilha cercada de perigos por todos os lados... Como a Grécia antiga, a grande Albion é uma forja de heróis. Seus cavaleiros resumem as melhores virtudes medievais: o rei Artur e seus companheiros da Távola Redonda enchem os séculos com o largo rumor de seus feitos fabulosos. E a história britânica não é menos sugestiva do que as lendas, que delas nascem assim como a borboleta ágil surge da lagarta grosseira... Ricardo Coração de Leão não é menos lendário do que o rei Artur, nem Maria Stuart menos encantadora do que a rainha Ginevra...

A epopéia de Dunquerque, os milagres da RAF, a força da Royal Navy, a galhardia do VIII Exército, tudo se resume numa só palavra: a superioridade do caráter britânico. Estes heróis parecem talhados no bronze, como os monumentos e as estátuas. *Sempre haverá uma Inglaterra* — diz uma canção inglesa, e diz verdade grande, porque a Inglaterra tem uma virtude comum com a Eternidade: o dom de não mudar...



Winston Churchill Jr. possui, sem dúvida, alguns dos caracteres morfológicos

de seu grande avô: o mesmo andar decidido, de lutador profissional, a mesma cabeça leonina, o mesmo olhar, claro e firme, que parece encarar o Futuro face a face, com a serenidade com que as águias fitam os olhos no sol...

Quando anda, fecha as mãos, num sestro denunciativo de *boxeur* em férias. As falipas da cabeleira loira caem-lhe pela testa abaixo, acentuando-lhe o ar provocador e brigão... Em marcha, dir-se-ia trazer, após si, todo um regimento de granadeiros da Guarda Real. É um Hércules, bifurcado em tri-ciclo, a ressurreição infantil de um herói carolíngio...

Vê-lo é ter a presciência da continuidade da Inglaterra. Lembra uma personagem de Walter Scott, transposta das páginas de *Ivanhoé* para os abrigos anti-aéreos de Londres. Segura o *quidon* do triciclo com a firmeza com que o avô manobra o leme do Império Britânico.

Menino-símbolo, o jovem Winston é um elo da enorme cadeia de cidadãos que asseguram a perenidade e a glória da Grã Bretanha. Não é, apenas, um menino loiro que se diverte: é um futuro estadista que se ensaia. Dentro de seus olhos brilha a mesma luz que se viu na pupila de Nelson em Trafalgar e na do almirante Fraser no combate com o *Schanhorst*.

Este garoto é um Titã de braços nus, em marcha para um momento decisivo da História. Enquanto o avô dirige a estratégia do Império, ele aprende a marchar pelos caminhos incertos do Futuro.

Se alguém lhe indagar o destino, deter-se-á um momento e, fitando o interlocutor com os olhos de águia implume, responderá simplesmente:

— Para a Vitória!

WEEK-END - De Hollywood, New-York, etc.

Por JANET MACKENZIE



A natureza é o cenário encantado;
Ele é o druida e ela é a fada.
Envolve-os o Sonho panteista,
Arrancado ao pincel dum boêmio artista.

A mata reflete princesa encantada — Vestida de verde, de verde esmeralda —
Bordada de ouro com pingos de Sol...

Começou a debandada, a alegre debandada das aves de arribação da elegância carioca. Não é na verdade, o verão que as leva, é antes o habito. O tempo anda maluco, ninguém sabe mais definir estações: agora deveríamos estar no verão, mas não tem sido possível usar com oportunidade um vestido branco de linho ou panamá, um chapéu de palha ou fustão. Repentinamente o tempo muda. Nada, porém, impedirá a debandada, é *chic*.

O *Week-End* é tão indispensável no verão, mesmo sendo este hipotético, como a temporada de Opera, mesmo para quem não goste de musica, ou não a entender.

O habito é uma segunda natureza!

Marguerite Chapman apresenta a última palavra da moda em chapéu. A peculiar boina á Montgomery, o valente general da campanha da Africa.



Hoje é a Columbia quem nos oferece sugestões para uma crônica de verão. A nova estrela, a atração do momento, é Marguerite Chapman. Aí a temos ao lado de Bill-Carter, metida numa ampla blusa branca, franzida no decote, e saia de linho côr de havana; depois ela mesma com Sanders, outra sensação da atualidade, apresentando um blusão em listas finas, numa combinação de azul, branco, vermelho e amarelo; o decote é de corte original, bastante alto atrás; ainda a formosa estrela de *Encontro em Berlim* e *Meu reino por um cozinheiro* foi a escolhida para lançar o novo modelo de boina à Montgomery, o bravo general inglês, que notabilizou a boina, tanto quanto Churchill o charuto.

A boina de Montgomery é hoje um troféu pois imprimiu-lhe este a sua heroica personalidade.

Dentro de cada moldura o modelo sugere também uma cena de *Week-End*.

Bill e Marguerite, um quadro de amor panteista, sob o frescor verde das ramiagens; no fundo rustico a escada de madeira que leva ao *chalet*; parece que as extravagancias da imaginação modernista não tocaram aquele recanto, tudo ali é edênicamente primitivo, puro, repousante.

(Continua na pag. 7)



E' bom ter na estante alguns livros de valor, para distração do hospede que gosta de ler.



Um lugar vazio quando, rente ao muro, um olhar guloso espreita? !...

Cousas e lousas, expressão vernacula significando mistura de assuntos variados. A' sombra da expressão fiquem aqui cousas e lousas nossas de outros tempos.

O Conservatorio Dramatico Brasileiro

Instituição deste nome iniciou entre nós regular, e regulamentadamente, a censura teatral cohibidora de excessos cênicos.

A idéa, a criação do Conservatorio deveram sobremaneira ao conselheiro Diogo Soares da Silva de Bivar. A prova de tais serviços bem a traduzio a presidência perpetua do Conservatorio conferida ao iniciador nos primeiros dias da instituição. A cargo da mesma ficou a censura suprema dos theatros do Rio de Janeiro. As peças a eles destinadas deviam ser apresentadas ao 1.º secretario do Conservatorio. O presidente designava tal ou tal membro da instituição para o exame das peças que licenciadas iam a palcos, reprovadas voltavam a autores, ás suas emendas ou ás suas gavetas.

Assim succedeu desde a instalação do Conservatorio, a 30 de Abril de 1843. O cargo de membro do Conservatorio era inteiramente gratuito, trazendo a censuras ingratições dos autores de peças licenciadas, malquerenças dos de peças recusadas. A regalia unica dos membros do Conservatorio era a entrada franca nos theatros nos quais se lhes reservava um camarote á boca de cena.

Ao Conservatorio Dramatico pertenciam pessoas distintas ou mais que distintas. Nele figuraram Marti's Penna, José Clemente Pereira, Ferraz, Gonçalves de Magalhães, Porto-Alegre, Bellegarde, Luis Honório Vieira Souto, o barão de S. Felix, o barão de Paiva Ápiacaba, Justino de Novaes, este o introdutor da revista de anno do Rio de Janeiro, em 1859, com *As surpresas do Sr. José da Piedade*.

Nem sempre os autores teatraes aceitavam de boa sombra os vetos do Conservatorio. Com a vicia de Pascal, em certos casos a vaidade tem razões que a razão não comprehende.

As questões ou as implicancias visando o Conservatorio eram tratadas á zanga ou á ridiculo, o desprestigio de autoridade gosto de tanta gente. Nem todos dissentem ou discutem com elevação de espirito e de fórma. Daí recorrerem alguns para hostilizar o Conservatorio á polemica de violencia, quando não á mofia em i.e.ditoriais, ou á precavida coragem da carta anonima.

Da existencia de um Conservatorio Dramatico na Bahia deu noticia Agrario de Menezes na introdução ao seu drama *Calabar*. Faltava-nos saber se do Conservatorio porttita os julgamentos foram sempre acatados.

Quando pela musica de Offenbach a opereta entrou a satisfazer publicos, o Conservatorio Dramatico do Rio de Janeiro, a proposito de certas passagens do libreto da *Mascotte* de Andrian, se vio combatido, ridicularisado em parte por aqueles que, em designios publicos ou secretos, tudo aproveitavam para desprestigiar instituições ou pessoas de relevo.

Dos fins á queda do Imperio o Conservatorio Dramatico foi presidido por Ferreira Vianna. Achava-se em funções em 1886 quando de Quintino Bocayuva recebia carta que temos por inédita.

Em moço, Quintino, por obras originaes e traduções, algumas homeometricas, servira nossos palcos. Dois dramas seus, — *Onphalia* e *Os Mineiros da Desgraça* — mereceram favor publico e atenção de critica.

E' necessaria esta breve noticia para melhor comprehensão da carta de Quintino a Ferreira Vianna, carta a bem de Augusto Fabregas, jornalista dado a escrever para o teatro então no Rio de Janeiro provido de palcos, de companhias e de artistas.

Ao esclarecimento preliminar acompanha a missiva do antigo escritor teatral ao então presidente do Conservatorio Dramatico e homem de boas letras, baseadas nas humidades do bacharelado do Colégio de Pedro Segundo.

"Meu caro Ferreira Vianna

Eu tambem já fui autor de peças dramaticas... Por esse titulo me animo a pedir ao Presidente do Conservatorio Dramatico que recomende brevidade no exame da peça que vae ser submettida a esse Tribunal de Consciencia pelo portador desta carta Sr. Augusto Fabregas, meu companheiro na redação do *Paiz*.

Como todos os autores, tem pressa de se aplaudir

ESCRAGNOLLE DORIA

Cousas e Lousas

a si proprio na cena. A pretensão é legitima e por isso a recomendo ao amigo e ao Juiz.

Aperta-te cordialmente a mão

o amº velho

Q. Bocayuva.

Rio 3 Dez. 1886".

A carta de recomendação tambem se recomenda pela sobriedade no apresentar e solicitar. Aos bons entendedores bastam meias palavras, e á torrente destas numa especie de asfixia por submersão, vitima destinatarios.

O Instituto Fluminense de Agricultura

Tempo houve no qual foi costume, quasi mania, declarar ironicamente o Brasil "um paiz essencialmente agricola." Outrora tambem houve quem se ocupasse á serio com a nossa agricultura e seus problemas de tanta magnitude para os interesses nacionais, mormente os da exportação e os da balança comercial.

Considerava-os oficialmente um ministerio da Agricultura creado em 1851; zelavam por eles associações particulares, entre as quais no Rio de Janeiro uma



Alameda Central do Jardim Botânico, onde de 1861 a 1889 funcionou o Imperial Instituto Fluminense de Agricultura.

associação semi-official, o Instituto Fluminense de Agricultura, distinguido com o titulo de Imperial.

Datou o Instituto de 30 de Junho de 1860, ministro do Imperio o conselheiro Almeida Pereira Filho. A 17 de Agosto de 1861, mediante contrato com o governo, o Jardim Botânico era anexado ao Instituto, ao qual pertencia muito do que havia de melhor na vida politica e social da quadra.

A diretoria do Instituto costumava reunir-se mensalmente na sala da Sociedade Auxiliadora da Industria, sala a esta cedida pelo Museu Nacional.

Entre os encargos do Instituto de Agricultura, favorecido pelo imperador, contavam-se a obrigação de publicar Revista de Agricultura, assaz duradoura, e a obrigação de manter Asilo Agricola. Edificou-o o Instituto na Gavea, na antiga fazenda do Macaco em colina a 60 metros acima do nivel do mar e a 2 quilômetros do Jardim Botânico ao qual se ligava o Asilo por via ferrea de bitola estreita. Tudo quanto na epoca representava um bom asilo agricola o Instituto instalara no seu, ao qual anexara escola primaria com ensino de musica.

O Asilo Agricola tinha por complemento uma Fazenda Normal destinada ao cultivo de plantas exoticas e acompanhando os arredores do Jardim Botânico.

Junto a este ficava o Instituto Fluminense de Agricultura, edificio de extensa fachada lateral e de um só andar, tendo por anexo o Museu Industrial.

Entre as seções do Instituto sobrelevava-se a do fabrico de chapéus de homem á imitação dos chamados do Chile. Escusa dizer que no mercado havia menos chapéus vindos da republica andina e maior numero de outros Chile — Jardim Botânico, vendidos como não imitados.

As instituições são servidas por muitos dedicados e os teve o Instituto de Agricultura. Mas do mais dedicado costuma-se dizer que é a alma da instituição. A do Instituto foi o visconde de Bom Retiro, um dos antigos brasileiros mais administradores. Que não esteve na atividade de Bom Retiro? Cadeira de Direito, presidência de provincias, deputação geral, senatoria, Conselho de Estado, Instituto de Meninos Cegos, Caixa de Amortisação, Instituto de Agricultura, Instituto Historico couberam na orbita de prestimos do trabalhador incansavel.

Bom Retiro não se contentava em ser um laborioso, era tambem um animador. A' testa de qualquer instituição não deixava esmorecer ninguém; a bem daquela, de todos requeria e obtinha um serviço. No estrangeiro, na patria, correspondia-se com quem julgava util aos interesses, ao progresso de tudo quanto lhe ficava a cargo.

Nos dous partidos politicos do Imperio, o conservador, e o liberal contava Bom Retiro amigos e admiradores de um homem de probidade nunca suspeitada, de mãos limpas no exercicio dos mais altos cargos.

Do interesse de Bom Retiro pelo Instituto Fluminense de Agricultura vai dizer-nos a seguinte carta inédita: "Poços de Caldas em 16 de Março de 1886. A' S. Exa. o Sr. Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.

Meu caro amº e collega

Desejando a V. Exª a melhor saúde e todas as prosperidades de que é muito digno vou cumprir o dever de agradecer muito cordialmente a remessa das sementes do *marfim vegetal* com a noticia de suas variedades e bem assim as que me mandou pelo vapor Pará, e que ainda não me foram entregues, mas que já ordenei se fossem procurar a bordo, hoje mesmo, pois foi quando me foi entregue a estimadissima carta de V. Exa.

Li os impressos que mandou com toda attenção. São com effeito muito interessantes as publicações. Repito com muito prazer que V. Exª tem feito uma optima presidência eminentemente creadora, e comprehendo bem que a imigração é a 1ª necessidade do nosso paiz, e que os emigrados se acclimam bem em toda parte do mundo. Tudo está em sabel-os accomodar e tomar certas cautelas nos primeiros anos de sua chegada nas provincias diversas de climas diversos d'aquelles em que nasceram e habitaram. Avante, pois, meu caro collega, que a gloria ninguém lhe ha de tirar. Outra face pela qual tenho apreciado bastante a sua administração é o facto de não ter sido *reacionario*, na extensão da palavra. E' preciso que nos vamos acostumando a isto.

Mando-lhe pedir sementes de uma planta que ahi ha, uma especie de cravo da India. Não é aquela cujos dentes, ou semente se aproveitam para varios misteres, mas sim extrahe-se da casca, como se faz á canneleira um perfume semelhante ao das sementes da outra especie. Esta arvore já havia antigamente no Jardim Botânico. Perderam-a porem, de sorte que assumi a direcção da Fazenda Normal já não existia. Conhecia-se então pelo nome de cravo do Maranhão.

Muito e obrigado pelo lindo e mimoso *specimen* que enviou de um dos trabalhos feitos nos cocos de *marfim vegetal*.

Vão para o meu *museu* particular.

Ateus meu amigo. Creia-me sempre com distinta estima e elevado apreço De V. Exa.

Amº e collega, mto obº crº

Visconde de Bom Retiro".

Acresce informar subsidiariamente que o desembargador Araripe exercia em 1886 a presidência do Pará, tendo exercido a do Rio Grande do Sul em 1876. As sementes de *marfim vegetal* por Araripe remetidas a Bom Retiro eram as da hoje tão conhecida jarina. Dela cuidou o presidente do Instituto Fluminense de Agricultura, o visconde de Bom Retiro que, morrendo em 1886, desapareceu a tempo, bem apreciando o seu seculo, a sua sociedade e por ela bem apreciado no subido de suas qualidades.

Aqui ha o tóque do magico conforto, a simulação premeditada, *chic*, requintada, uma mesa em casa de campo moderna. Hoje a casa de verão tem o maximo de conforto com o maximo de pratico, contudo os bons livros são um remedio maravilhoso para os que desejam dar tambem ao espirito umas boas férias uteis e que lhe restitua um pouco de tudo quanto lhe foi roubado nos frivolos dias de recepções e chás elegantes.

De Hollywood chegam-nos estas sugestões que podem ser otimamente aproveitadas aqui, lá nas serras ou balnearios elegantes.

A boina à Montgomery completa uma toilette, que pôde ser interpretada em *shantung* como em algodão, o vestido é bege, o casaco em tipo escocês é tambem de fundo



Ela dentro da paisagem lembra uma loira camponesa escandinava, doirada por uma restea de sol, o tímido sol das terras do gelo. Ela é como uma flôr dos trigaes.

beige e quadriculados em cores vivas. Como vemos o conjunto é harmonioso porque o estilo da boina combina com o do vestido; contudo ela pôde ser usada tambem com costumes, em estilo esportivo naturalmente. E eu desejo às nossas leitoras um feliz *Week-end*; que saibam gozar todo o encanto e beleza que a nossa terra livre lhes oferece com tanta generosidade e pletora, dentro de um mundo cujas florestas oferecem o doloroso espetáculo das queimadas. A vossa abençoada terra verde que Deus a con erve assim!

O PREÇO DA "REVISTA DA SEMANA"

Informamos aos nossos leitores que em todo o territorio nacional o preço normal da **REVISTA DA SEMANA** continúa sendo Cr.\$ 1,50. Qualquer alteração referente ao custo de venda no interior ou na capital da Republica, constará na propria capa do numero a que se referir essa alteração. De resto, deverá ser observado em todo o territorio nacional o *preço da capa*.

Os Nervos Pegando Fogo



Em muitos dias as mulheres amanhecem tristes, tão nervosas e desanimadas, tão aborrecidas, inquietas e irritadas que parece que todos os nervos estão pegando fogo!

Estes sofrimentos intoleraveis dos nervos, e outras alterações mais graves da saúde, são causados por perturbações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Para tratar isto, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas molestias do útero, pêso, dôres e cólicas no ventre durante o periodo menstrual, as perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendencia a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dôres de cabeça, enjôos, dôres nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes dessas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**.

Revista da Semana

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: ... Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00
O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país;
o número atrasado Cr\$ 2,00

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "Revista" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866
Corresp. na Baía: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 52 PAGINAS

A nossa capa

A capa do nosso numero de hoje está coberta com a fotografia do general Charles de Gaulle.

Sejam quaes forem as restrições que um conhecimento mais profundo do homem ou dissidencias internas do país possam opôr à sua personalidade, não ha, como, em boa consciencia, negar

a extraordinaria projecção do grande militar e ainda maior cidadão da França.

Na hora da derrota ele ficou de pé por sua patria como um profeta, um vidente na noite que parecia interminável. E a sua retirada do sólo patrio naquele instante foi como que a evacuação de toda a gente francesa: os que não o seguiram em pessoa foram com ele em espirito acambrar na velha Albion e ali jun ando destroços, como com estes sob os aplausos do mundo civilizado, um resto da França imortal que hoje marcha em busca do esplendor perdido.

A redação da "REVISTA" não publica colaboração que não tenha sido solicitada. E não devolve originais em nenhuma hipotese.



COPA E COZINHA

Mme. RISOLETA

Senhorita Ester

Estou hoje respondendo ao seu pedido, e é com satisfação que o faço. Sabe você que, quando temos uma obrigação habitual a cumprir, ela se torna coisa não muito agradável mas, se essa ocupação passa a ter um objetivo, então a coisa muda de figura; o rumo certo traz também certa segurança, além do prazer de servir a alguém que, como você, revela ser uma criatura inteligente, que tem a preocupação de se tornar uma boa dona de casa e anfitriã amável. Coisas estas que preocuparam bastante as formosas damas de outros tempos. Aurosos tempos de apurada educação doméstica. E aí vai, Ester, um modelo de mesa para

JANTAR AMERICANO

A decoração da mesa você pôde fazê-la ao seu gosto de acordo com a significação da festa. Sobre a mesa você dispõe pratos e talheres, copos e guardanapos em ordem e com o cuidado de facilitar o serviço. Todo o serviço disposto na mesa é para *comida salgada*. Na *étagère* ficam o serviço de sobremesa e os doces. Os pratos ficam empilhados; não faça, porém, o mesmo com talheres e copos, pois pôde acontecer que estes se quebrem o que arrisca pôr em situação de constrangimento seu convidado; os talheres colocados em ordem: evitará a confusão desagradável da procura de um garfo entre as facas e colheres e vice-versa.

O jantar pôde constar de: uma travessa com o peru cortado em fatias e presunto, farofa, um *purê* de maçãs ou uma travessa de um bom *rosbife* com molho à *maitre d'hôtel*; uma travessa de salada russa ou maionese de camarão, uma terrina com arrôz de forno e *petits-pois*; enfim, a variedade. Depois apresente também os pratos de sanduiches e frios variados. Ponche, refrescos, etc.

O SERVIÇO

A vantagem do jantar americano é evitar copeiros, pondo mais à vontade tanto o convidado como a dona de casa.

Cada um serve-se do que quer e vai sentar-se onde quer; de modo que a dona de casa não precisa fiscalizar a copeiragem, nem se afligir com a etiqueta que impõe o jantar estilo *francez*.

O convidado, uma vez servido do seu jantar, passará para o cantinho dos doces e, munido-se mais uma vez de pratinho e talher, serve-se de geléia, pudim ou olhos de sógra ou bolinhos, como lhe apetece.

BOLO RACIONAMENTO

1 chicara de farinha (trigo ou arrôz); 1/2 de açúcar; 1/4 de pó Royal; 1/3 de creme tartaro; 1 copo de leite; pitada de sal; 1 colher de extrato de amêndoas; 2 ovos.

Misture com a farinha o pó, o tartaro e o sal. Bata bem os ovos, junte o leite morno e ponha ainda, batendo sempre, o extrato de amêndoa e o açúcar; depois misture a farinha com os outros ingredientes, bata ainda e ponha numa fôrma Pirex, ou numa fôrma comum untada com banha e farinha. Forno quente.

Prezada Maria Augusta

O VALOR DAS APARENCIAS

Em nossos dias cruamente utilitários, ninguém ignora por certo o valor palpável das aparencias. Brillat Savarin, o notável mestre da gastronomia, já recomendava naquele tempo, a bela aparência dos acepipes tanto quanto do ambiente, como sendo dos melhores estimulantes para o apetite.

Mesmo na intimidade, sobretudo ao jantar a mesa deve apresentar um aspecto agradável, uma toalha bem alva, e bem passada; os guardanapos, a louça, os acessórios tudo muito limpo e disposto com ordem e elegância. Em mesa de cerimonia não se usa saleiro nem vidros de mólhos, nem palitos, o suporte para talheres já caiu de moda, pois o talher deve estar sempre no prato. As flores; por mais singelas que sejam, dão sempre à mesa um aspecto bonito, mas os vasos devem ser baixos para não impedir que se vejam os que estão *vis-à-vis*. Os candelabros ao contrario devem ser altos.

Na primeira oportunidade darei as explicações pedidas para um jantar de cerimonia; hoje respondo as perguntas que me faz, porque para o resto não ha espaço.

Essa bonita mesa dará uma idéia do que você precisa.

Prezada D. Alice.

O valor da sua cooperação é verdadeiramente grande, agradeço-lhe sinceramente o punhado de velhas receitas que me enviou e das quais aproveitei algumas para o nosso repositório de hoje. A senhora me fez lembrar as cuidadosas mães de outrora, as nobres senhoras que presidiam o lar, fazendo de sua missão um sacerdocio admirável. O ensino doméstico caiu de moda, foi substituído pelo ensino mais rendoso do inglês, da estenografia etc... e tudo isso dá realce e valor à antiga vida de família, que, felizmente, entre nós ainda existe.

O coquetel *olhos azues* vai em sua homenagem como prova do meu agradecimento à sua preciosa dadiwa.

BLUE EYES COQUETEL

Conta um cronista que esta mistura foi composta ao som da valsa *Prenez garde aux yeux bleus*; é uma historietta romantica.

Mistura — 1 clara de ovo bem batida
1/2 Dry Gin ou kirshe des Voges
1/2 Grenadine
1/2 limão (Suco. Pedacos de gelo. Sacuda o shaker durante uns 20 minutos).

TOMATE SUBSTANCIAL

O tomate é um dos poucos vegetaes que contém a *Vitamina C*, a vitamina que rejuvenesce e dá vigor. Por ser assim vamos dar algumas receitas em que ele entra como elemento principal.

Lave 6 tomates grandes, tire uma rodela em cima e com uma colher, retire a semente. Polvilhe o tomate por dentro com sal fino e umas gotas de limão, ponha em cada tomate um ovo cru e por cima uma colherinha de manteiga. Ponha os tomates em forma de untada com manteiga.

Com as rodela do tomate, 1 copo de leite, 1 colherinha de maisena e outra de manteiga faça-se um creme. Ponha os tomates em um prato grande e ao redor o creme. Pôde acrescentar *petit-pois*.

TOMATE COM PALMITO

Bata 3 ovos, junte-lhes 1 colher de massa de tomate, 1 chicara de leite, 1 pitada de sal, pimenta, salsa picada bem fina. Refogue à parte em azeite, cebola, alho e cebolinha verde, 6 tomates grandes e os palmitos. Quando o refogado estiver bom retire do fogo, vá juntando o molho, engrosse com um pouquinho de farinha, junte por fim 1 colher de manteiga e sirva quente.

Atrás da barreira

J. S. FLETCHER
(Novela traduzida especialmente
para a REVISTA DA SEMANA)

I

As três horas daquela manhã voltei para minha casa em North Audley Street e subi direto as escadas para o meu quarto, esperando devotadamente que nada me fizesse levantar de novo da cama. Tinha-me deitado às dez horas, somente para ser chamado à meia noite para tratar dum caso que não era sério e novamente à uma hora, para ver outro de mais importância. Agora, voltando ao leito pela terceira vez, esperava que fosse para dormir de fato, mas, pela experiência de dez anos das vicissitudes noturnas daqueles que se dedicam à arte de curar, absolutamente não nutria certeza de que minhas esperanças fossem atendidas.

Que elas não deveriam realizar-se naquela noite tornou-se evidente, antes que minha cabeça tivesse tocado sequer o travesseiro. A campainha elétrica à minha mesinha de cabeceira rompeu de repente num clamor chirriante que quasi me pôs de pé, acostumado como estava a suas incursões sobre o meu recolhimento, em toda espécie de momentos inoportunos. E quem quer que fosse que estivesse com o dedo sobre o botão, lá em baixo na rua, estava evidentemente disposto a que eu devesse escutar, pois o barulho não cessou por um instante até que eu me dirigi ao tubo acústico que pendia perto da campainha.

— Sim, sim! — disse eu ao clamoroso desconhecido. — Já ouvi... não continue a tocar. Que é que há?

Uma voz, agitada, pejada de urgência, tremendo de sofreguidão, veio pelo tubo, do homem que estava esperando impacientemente na minha soleira. Seu tom, suas palavras davam a idéia de um homem agindo sob uma grande excitação e angústia de espírito:

— Pelo amor de Deus, Ralston, deixe-me entrar... deixe-me entrar depressa, Ralston... eu... oh, ande depressa, peço-lhe... deixe-me entrar!

Havia qualquer coisa que me era familiar na voz — meu nome dito sem nenhum prefixo mostrava que o homem era algum amigo ou conhecido. E no entanto não reconheci de todo meu estranho visitante pelo tom ou pelo timbre. Falei de novo.

— Sim, sim! — disse eu. — Vou descer imediatamente... já, já. Mas, quem é?

A voz veio de novo, mais agitada do que nunca:

— Oh, ande depressa! Sou eu... Arthur Treherbert. Preciso ver você, Ralston. Eu estou... estou com medo. Ande depressa, peço-lhe.

Tampeei o tubo, enfiei às pressas um pouco de roupa e desci para o hall o mais depressa que pude. E no par de minutos que isso levou imaginava o que teria trazido Arthur Treherbert à minha porta e que era que ele estava recelando para trair tamanha agitação. Arthur Treherbert? — ora, naturalmente o conhecia, embora não nos víssemos muito frequentemente há muitos anos. Ele e o irmão Frank — eram gêmeos e curiosamente parecidos um com o outro — tinham sido meus contemporâneos no hospital e naquele tempo andávamos em boas relações de amizade. Mas suas intenções de se dedicarem à medicina nunca se realizaram; quando tinham vinte e dois anos de idade morreu um parente e lhes deixou, de modo completamente imprevisto, um considerável domínio no Wiltshire, que os dois deveriam partilhar em conjunto, e desde então raramente foram vistos nos pontos que antigamente frequentavam.

II

Contudo, aqui estava Arthur Treherbert de volta a Londres e se apresentando na minha porta em circunstâncias que, para dizer o menos, pareciam fora do comum. Parecia-me farejar um mistério, ao correr os ferrolhos e as trancas, e minha vontade de dormir havia desaparecido diante duma impressão de curiosidade a respeito do que me esperava do outro lado da porta.

Parei para acender a lâmpada do hall e quando abri a porta sua refulgência caiu sobre Arthur Treherbert em pé na soleira e segurando o portal para se aguentar. Vi na mesma hora que ele estava mentalmente transtornado em grau extraordinário — a cara lívida, crispada e coberta de suor; os olhos desviados e fixos, com as pupilas desusadamente dilatadas; a boca e a mandíbula tremendo num modo que indicava que ele estava muito perto de perder o controle próprio. Sem perder tempo, puxei-o pelo braço, fi-lo entrar no hall e fechei a porta.

— Que é isto, Arthur? — perguntei do modo mais calmo que pude.

Senti que ele fazia um esforço supremo para se dominar. Os músculos crispavam-se sob a minha mão e enguliu duas ou três vezes antes de poder falar.

— Eu... eu não sei — disse por fim. — E'... não sei o que é... tive medo. Oh! Oh!

Levantou uma das mãos e a passou rapidamente pelos olhos e pela testa. O gesto parecia denotar dois desejos: afastar da vista alguma imagem; eliminar do espírito alguma idéia.

Não respondi ao que ele disse. Levei-o para a sala de jantar, fiz com que se sentasse numa poltrona e lhe dei uma boa dose de conhaque. Os dentes batiam-lhe contra o copo.

— Ora, vamos, Arthur, que é que há? — perguntei, depois de o ter observado atentamente durante alguns segundos e ver que ele ia recobrando o domínio próprio. — Beba o resto do conhaque e me conte tudo. Você agora está melhor, anime-se.

Ele depôs o copo com a mão que estava muito mais firme do que cinco minutos antes e as sobrancelhas se uniram num esforço palpável para pensar e falar claramente.

— Tenha calma, Arthur — disse eu. — Procure ser claro.

Enquanto ele esperava, evidentemente seguindo meu conselho para ter uma noção clara do que queria dizer, eu olhava para ele muito cuidadosamente e percebia que ele estava trajado tão sem cerimônia como eu próprio — quer dizer, de onde quer que



tivesse sido arrancado, havia conservado as roupas de dormir sobre as quais enfiara umas calças e o paletó. A cabeça estava despenteada e havia saído sem chapéu ou boné; os pés eram apenas protegidos por um par de escarpins. Tinha, efetivamente, o aspecto dum homem que é arrancado ao leito, no meio da noite, por um som insólito e desce a escada correndo, em procura de ladrões. Mas nenhum homem mostraria tais sinais de temor à simples perspectiva de encontrar um ladrão, como Arthur Treherbert estava mostrando, no rosto, quando o fiz entrar em minha casa.

Pelo que mais lhe dizia respeito, não notei que estivesse muito mudado. Eu me lembrava muito bem que ele e o irmão Frank eram muito mais parecidos do que os irmãos gêmeos costumam ser — ambos altos, magros, o mesmo rosto comprido, fino e delicado, a mesma figura ligeiramente recurvada, os mesmos olhos sonhadores e a mesma boca sensível, o mesmo ar de estarem muito mais interessados no abstrato e no espiritual do que no visível e material. Eu sempre dizia deles que eram sonhadores e que o ato do parente provendo-os de meios de vida fora muito providencial e agora, ao observar Arthur com cuidado, estava mais do que nunca convencido da verdade da minha crença primitiva. Seus olhos eram os olhos dum homem que vê ou pensa ver o que não se vê.

Seu controle próprio aumentava gradativamente; afinal levantou os olhos para mim e sorriu num ar de excusas e eu vi que ele estava senhor de si. Sacudiu a cabeça e encolheu os ombros.

— Acho isso terrivelmente estranho, Ralston — disse ele. — Eu... eu passei pela aventura mais estranha... que ainda me dá um arrepio. Você me dá um charuto? Isso me acalmará os nervos, creio.

Estendi uma caixa de charutos e tomei e acendi um para mim.

— Conte-me tudo o que houve — disse eu.

— E' uma história comprida — respondeu ele. — E'... singular. Você precisa seguir atentamente, Ralston, para compreender. Eu não posso. Veja, foi assim. Você se lembra que Frank e eu recebemos um domínio nos velhos tempos do hospital, e que abandonamos toda idéia de profissão médica fixando-nos em Upford Magna?

— Naturalmente, eu me lembro muito bem — repliquei eu.

— Lá temos passado a maior parte do nosso tempo, desde então — continuou ele. — Nós sempre estivemos de acordo, Frank e eu, nossos gostos são idênticos. Ultimamente nós temos dedicado uma boa parte do nosso tempo ao estudo da psicologia. Uma vez por outra, naturalmente, viemos à cidade, mas isso tem sido muito raramente. Frank tem vindo mais do que eu. Certas vezes tem sido necessário fazer uns negócios e ele é melhor negociante do que eu. E, deixe-me ver, hoje é quinta-feira? Sim, quinta-feira; bem, ele deixou Upford Magna para vir a Londres, a negócios, na segunda-feira passada pela manhã, e desde então não soube mais notícias suas.

— Quando você esperava tê-las? — perguntei.

— A intenção dele era voltar para casa terça-feira à tarde — respondeu Treherbert. — Ia apenas passar uma noite na cidade. Porém não voltou terça-feira. Não me alarmei, porém não me senti bem, porque nós nos temos identificado tanto um com o outro que eu tinha a certeza de que ele me faria conhecer a mais leve alteração nos seus planos. Contudo, não tive nenhuma notícia dele.

— Percebo que você veio ontem à cidade, Arthur — disse eu, acenando significativamente para seu aspecto — pois vejo que você esteve dormindo num canto qualquer. Como sabe que Frank não cruzou com você no caminho, você vindo e ele indo para casa?

— Não — replicou ele. — Frank não tinha voltado até tarde da noite ontem. Eu telegrafei pedindo notícias dele, e não havia nenhuma. Ralston, Frank desapareceu, e eu creio que ele tenha caído numa cilada.

Eu o olhei gravemente. Era fácil ver que ele estava dizendo o que realmente sentia ser a verdade.

— Você pensa? — perguntei, quasi com pena, pois eu havia pensado a mesma coisa muito antes, para esconder tal noção. — Considere isto: você não tem notícias dele apenas há três dias.

Ele sacudiu a cabeça.

— Frank caiu numa cilada — reiterou ele — e foi segunda-feira à noite. Escute: segunda-feira à noite eu fui me deitar como de costume em Upford Magna e adormeci perfeitamente calmo. Cerca de meia noite acordei de repente, com uma terrível convicção de que Frank estava em perigo mortal — ele não estava me chamando com a voz habitual, mas seu ser espiritual, a alma dele, se você quiser dizer assim, me chamava com insistência. Foi um chamado rápido e angustioso; depois tudo se acabou. Não senti mais nada e tudo o mais foi um profundo silêncio, um completo vácuo. Fiquei tão alarmado que assim que pude telegrafei a Frank — deveria ser terça-feira de manhã — para o Hotel Metrópole — nós sempre nos hospedávamos lá quando vínhamos à cidade — para perguntar se tudo ia bem. Não obtendo resposta até a tarde, telegrafei para a gerência, para saber se Mr. Frank Treherbert estava lá ou se tinha estado. A resposta veio imediatamente, negativa. Absolutamente ele não estivera lá. Telegrafei então a diversos outros lugares onde pensava que pudesse obter notícias. Ninguém podia dizer-me nada, exceto o gerente da agência do Banco Nacional Provincial da Inglaterra em Piccadilly — nós tínhamos lá nossa conta principal — que o vira na segunda-feira, justamente antes das três horas. Naturalmente eu sabia que Frank tinha ido lá descontar um cheque — essa fôra a razão principal de sua vinda à cidade. Além disso...

— Um momento, Arthur — disse eu. — O cheque era duma soma considerável?

— Sim — respondeu ele — era de três mil libras.

— Continue sua história — disse eu. — Estou acompanhando atentamente.

— Bem, além disso — continuou ele — eu não soube mais nada. Mas durante todo aquele dia e mais particularmente durante a noite de terça-feira, em que não pude dormir, tinha uma impressão de que Frank estava me chamando. Não era um chamado exterior; era um chamado íntimo, uma perene expressão de sua necessidade de me ver, num modo muito mais imperioso do que as palavras. E quarta-feira, isto é ontem pela manhã, a impressão era tão forte que eu vim para Londres e aqui cheguei logo depois do meio dia. Durante toda a viagem no trem eu o sentia estar me chamando e eu tinha a certeza de que estava viajando para acudir-lhe ao chamado. Mas, quando saí do trem em Waterloo, tive uma noção momentânea de que a situação era quasi desesperada. Achar um homem entre tantos milhões! Você compreende o aparente absurdo de tal intuito, Ralston?

— Naturalmente, compreendo — concordei. — Mas estou mais interessado no que você fez, Arthur, do que em pensar nisso.

— Bem, primeiro fui ao banco, porque fôra lá que Frank tinha sido visto à última vez. Frank havia descontado o cheque em ouro, segundo seu costume absurdo. Tinha arrumado os pacotes de ouro numa forte valise de couro que levava para esse fim, e essa fôra levada até fora por um carregador e colocada num taxi que ia passando. O carregador não ouviu Frank mencionar nenhum endereço ao chauffeur, nem anotou o número do carro nem reparou no chauffeur. Portanto não pude saber mais nada.

— Podia-se pôr um anúncio para o chauffeur — lembrei.

— Sim, eu pensei nisso — disse Arthur — e tentei mandar anúncios para todos os principais jornais de hoje. Mas, depois de deixar o banco em Piccadilly, aconteceu uma coisa extraordinária que me pôs numa nova pista, de fato na pista direta de Frank. Como é habitual em tantos casos na vida, isso me aconteceu pelo que é, erroneamente, creio, chamado acidente. Foi assim: eu tinha andado sem desígnio ao longo de Piccadilly, na direção do Parque, e havia parado para olhar uns retratos numa vitrina. Enquanto ali estava percebi que um homem ao meu lado estava olhando para mim com insistente atenção. Voltei-me e olhei para ele — um homem bem vestido, bem apresentado, de fisionomia fresca. Ao encontrar meu olhar levantou o chapéu muito delicadamente e observou que o dia estava bonito. Eu concordei que estava. Isso era um tanto extraordinário, mas não tanto como o que se seguiu. O homem pareceu hesitar por um momento e depois disse interrogativamente: — O senhor vai voltar para o hotel, esta noite, Mr. Treherbert? — Eu olhei para ele, por um segundo, e de repente percebendo a verdade — que ele estava me tomando por Frank — repliquei: — Hotel? Que hotel? Não sei o que o senhor está dizendo. — Então ele pareceu surpreso. — O senhor não se lembra, disse ele, que alugou um quarto — número dezoito — no meu hotel, segunda-feira à tarde e saiu cedo terça-feira de manhã — tão cedo que efetivamente ninguém o viu? Eu fiquei um tanto aflito, quando o senhor não voltou terça-feira à noite. Podemos esperá-lo hoje à noite, sir? — Bem, nessa hora compreendi que havia dado com um indício da estadia de Frank — o homem estava tomando um dos gêmeos pelo outro. Você sabe, Ralston, nós somos da mesma altura, muito parecidos nos traços e no todo, e trajamos da mesma forma — sempre foi assim. Não havia por que se admirar do engano do homem, não é mesmo?

— Pois não, disse eu. — Mas que encontro de sorte!

— Resolvi tirar todas as vantagens do encontro — respondeu Arthur — e disse ao homem que devia ser meu irmão Frank a quem ele estava se referindo e que eu estava a procura dele. Então ele me contou sua história. Seu nome era Charles Burchell e era proprietário dum pequeno hotel particular em Upper Brook Street, procurado, ao que parece, por uma boa porção de militares, marujos e solteirões. Ele disse que Frank tinha alugado lá um quarto segunda-feira à tarde e certamente dormira naquela noite,

pois o viu recolher-se. Mas havia desaparecido muito cedo na terça-feira. A criada sendo interrogada, disse que a porta do quarto estava aberta e o quarto desocupado quando ela entrou para fazer a arrumação. Todavia ninguém o vira sair do hotel. Era possível, perguntei a Mr. Burchell, que ele pudesse sair sem ser notado? Sim, disse ele, era possível, mas muito improvável. Contudo permanecia o fato — Frank tinha desaparecido.

— Isso — disse eu — é estranho, mas pode ser explicado de maneira inteiramente natural. Que foi que você fez?

— Resolvi, naturalmente, ir ao hotel com Mr. Burchell. Seguimos juntos. Vi a assinatura de Frank no registro de hóspedes. Não havia dúvida de que ele chegara segunda-feira à tarde, ainda cedo. Mas, mesmo assim, três horas tinham decorrido desde sua chegada ao hotel de Burchell e sua saída do banco, e ele poderia ter-se movimentado dum lugar a outro em poucos minutos. No entanto, não podíamos perder tempo com a questão de saber o que ele estivera fazendo essas três horas — o natural era ver o quarto de Frank e examinar a bagagem para ver se havia algum indício. Assim, com Burchell, dirigi-me ao número dezoito.

III

Arthur Treherbert parou abruptamente, e um bocado do horror que eu lhe vira nos olhos ao chegar voltou a eles. A mão começou a tremer-lhe e os sinais de medo e de agitação aumentaram tão rapidamente que eu lhe dei outra dose de conhaque, incitando-o a ter ânimo.

— Procure pensar nos fatos concretos — disse eu — e abandone por enquanto o lado abstrato.

— Mas não posso, homem! — exclamou ele. — E talvez o que você chama de abstrato seja mais concreto para mim do que você pensa. Assim que entrei naquele quarto, Ralston, tive uma sensação definida da presença de Frank, mas de maneira inteiramente diversa daquela que sempre eu experimentava antes. Era como se... como se sua presença estivesse fazendo um esforço poderoso para se materializar para mim e não pudesse. Fiquei certo de que Frank estivera no quarto e comeci a examinar-lhe os pertences. Ele havia trazido de Upford Magna uma valise e uma maleta-armário, — ali estavam elas, com o conteúdo em evidência; de fato, o quarto tinha o aspecto de que o ocupante fosse voltar a cada momento. E aqui estão duas coisas significativas, Ralston: o sobretudo de Frank estava no cabide — do mesmo modo que o chapéu — e sua bengala encostada num canto. Não é estranho que ele tivesse deixado um hotel a uma hora presumivelmente muito matinal, nesta época do ano, Outubro, sem chapéu nem sobretudo?

— Muito pouco provável que o fizesse — respondi. — Mas, Arthur, e a respeito da valise contendo o dinheiro? Estava lá?

— Não havia sinal dela. Eu a conhecia muito bem. Ele a usara para fins idênticos anteriormente, isto é para transportar dinheiro. E agora, Ralston, escute isso que prova como a maioria das pessoas carece de espírito observador. Ninguém no hotel sabia dizer com segurança quantas malas Frank trazia ao chegar. O homem que as tirara do taxi estava em dúvida; o homem que as carregara para o quarto estava em dúvida; a criada que as vira no quarto estava em dúvida. Mas Frank e essa maleta especial tinham desaparecido.

— O que é provável, Arthur, é que Frank não tenha levado essa maleta para lá — disse eu. — Muito provavelmente ele a colocou sob a guarda doutro banco qualquer ou depositou nalgum cofre.

— Pode ser — replicou ele. — Mas não estou tão preocupado — efetivamente não estou em absoluto preocupado — acerca do dinheiro como a respeito de Frank. Quero contar-lhe o que aconteceu. O proprietário, Mr. Burchell, estava inclinado a ser perfeitamente otimista sobre o caso. Disse que Frank tinha provavelmente saído para tratar de qualquer negócio e que voltaria são e salvo. Contudo admitia que habitualmente ninguém sai dum hotel cedinho em Outubro, sem chapéu nem sobretudo. Mas ainda insistia que não podia ter acontecido mal algum a Frank e que ele voltaria — provavelmente àquela noite — e sugeriu que eu passasse lá a noite para esperar por ele. Com isso concordei, e ele me arranhou um quarto exatamente fronteiro ao de Frank.

IV

Fez uma pausa por um momento e sorveu sombriamente o conhaque.

— Ralston, você não pode imaginar o que passei nessa noite e nas primeiras horas da manhã até que vim procurá-lo! De propósito jantei tarde, de propósito me recolhi tarde. Era uma hora quando me deitei. Frank ainda não aparecera. Deitei-me, porém não era provável que pudesse dormir, em tais circunstâncias. E no entanto dormi — de certo modo — um sono leve e inquieto. Acordei com uma impressão de horror supremo — senti que Frank estava no quarto dele e estava me chamando — afinal não era um chamado, mas um aceno, um apelo, uma literal convocação, que me forçava a ir para ele. Eu fiquei estirado, suando de terror, por algum tempo — até que fui obrigado a me levantar. Abri minha porta, atravessei o corredor, empurrei a porta do quarto de Frank, entrei nele. E...

Ele mostrava tais sinais evidentes de horror nesta fase que tive de forçá-lo a se controlar de novo. Um momento depois, lutando com suas emoções, ele prosseguiu:

— Ralston, perante Deus, eu senti que ele estava lá — naquele quarto — junto de mim — porém não como ele era. Havia... havia uma diferença. Era como se ele estivesse estendendo os braços detrás de uma barreira que nenhum de nós podia transpor, como se me chamasse através de um vasto espaço que sua voz não podia ultrapassar. Mas ele estava lá — ele está lá. Eu lhe digo que ele está lá, Ralston... em qualquer canto daquele quarto... ôh!

Ele começou a tremer e a gemer na sua angústia, e demorei alguns minutos para o fazer voltar a um estado mais calmo.

NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

A posse de S. Excia. o Sr. dr. Getulio Vargas

REVESTIU-SE de extraordinária solenidade a cerimonia da posse do Sr. Dr. Getulio Vargas na Cadeira 37 da Academia Brasileira de Letras, no dia 29 de Dezembro p. findo.

A cadeira de que é patrono Tomaz Antonio Gonzaga foi ocupada por Silva Ramos e Alcantara Machado.

Na mesa diretora da Academia, viam-se o Presidente, Embaixador José Carlos de Macêdo Soares, cujo mandato se concluiu com o êxito admirável d'aquela dia; o Secretário Geral Mucio Leão, Presidente eleito para o ano que começou: os academicos Antonio Austregesilo, Pedro Calmon e Manoel Bandeira. Ao lado desses membros da diretoria, sentaram-se o Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Jayme Camara, o Interventor de S. Paulo, Dr. Fernando Costa, o Governador de Minas Geraes, Dr. Benedicto Valladares, o Interventor do Estado do Rio, Comandante Amaral Peixoto.

No estrado que cerca a mesa, viam-se os Ministros de Estado General Eurico Gaspar Dutra, Aristides Guilhem, Salgado Filho, Arthur de Souza Costa, Mendonça Lima,



O novo academico ao entrar na sala de recepções, vendo-se na foto os snrs. Cassiano Ricardo, Pedro Calmon e Antonio Austregesilo.

Apolonio Salles e Gustavo Capanema, o Prefeito do Distrito Federal Dr. Henrique Dodsworth, o Presidente do Supremo Tribunal Federal, Ministro Eduardo Espindola, o Secretário da Presidência da Republica Dr. Luiz Vergara, o Chefe do Estado Maior do Exército, General Mauricio Cardoso, o Secretário Geral do Itamaraty, Embaixador Leão Velloso, e o Chefe da Casa Militar da Presidência, General Firmo Freire.

O Corpo Diplomático ocupava, ao lado esquerdo, as primeiras filas de poltronas: o Nuncio Apostólico Dom Aloisi Masella, o Embaixador inglês Sir Noel Charles, o Embaixador do Peru, Sr. Jorge Prado, o Embaixador do Chile, Sr. Gonzalez Videla, o Em-



S. Excia. o sr. Presidente da Republica pronunciando o seu discurso de posse, calorosamente aplaudido.

baixador da Espanha Sr. Garcia Conde, o Embaixador do Uruguay, Sr. Cesar Gutierrez, o Embaixador do Paraguay, Sr. Juan Bautista Ayala, o Embaixador do Equador, Sr. Gonzalo Zoldumbide, o Embaixador da Colombia, Sr. Jaramillo Sanchez, o Embaixador da Argentina, General Rawson, o Embaixador da Bolivia, Sr. David Alvestegui, o Embaixador do Canadá, Sr. Jean Desy, o Ministro da Finlândia, Sr. Walikangas, o Ministro da Grecia, Sr. Diamantopoulos, o Ministro do Iran, Sr. Azodi, o Ministro da Polonia, Sr. Skowronski.

O Embaixador de Portugal, Dr. Martinho Nobre de Mello, logo no início da sessão, foi convidado pelo Presidente Macedo Soares a sentar-se entre os academicos, como membro da Academia das Ciências de Lisboa.

Nas poltronas acadêmicas estavam os seguintes membros da Academia: José Carlos de Macedo Soares, Viriato Corrêa, Claudio de Souza, Mucio Leão, A. Austregesilo, Cassiano Ricardo, Menotti del Picchia, Filinto de Almeida, Olegario Mariano, Pedro Calmon, Levi Carneiro, Ademar Tavares, Roquette Pinto, Aloysio de Castro, Celso Vieira, Rodolpho Garcia, Affonso Taunay, Oliveira Vianna, Ataulpho de Paiva, Gustavo Barroso, Clementino Fraga, Manuel Bandeira, Barbosa Lima Sobrinho e os correspondentes João Luso e Serafim Leite.

A sala se achava repleta, dominando o numero de senhoras numa parada de distinção e elegancia que maravilhava.

A sessão foi aberta às 21,30. Havia uma ansiosa expectativa pela entrada no recinto do Sr. Getulio Vargas.

O Embaixador Macedo Soares nomeou a comissão de academicos que deveria acompanhar ao recinto o novo confrade: Srs. Aloysio de Castro, Olegario Mariano e Ademar Tavares.

Aparece, então, vindo da direita, o Sr. Getúlio Vargas, que entra risonho, agradecendo as palmas com que todos de pé, o recebem. Veste o fardão acadêmico. Senta-se na sua poltrona de acadêmico, na primeira fila, subtraído ao olhar da assistência pelo numero envolver de fotografos e cinematografistas que fixam o instante celebre. S. Ex.^a se presta paciente a esse imperativo da publicidade e da informação gráfica.

O Presidente da Academia dá a palavra ao novo acadêmico. O Sr. Getúlio Vargas sobe à tribuna, toma as laudas e inicia, com pausada solenidade, o seu discurso acadêmico.

Finda a sua oração, recebeu o Sr. Getúlio Vargas, das mãos do presidente José Carlos de Macedo Soares, as insignias acadêmicas e o seu diploma. De pé, toda a assistência aplaudiu o ato.

Voltando à sua poltrona de acadêmico, o Sr. Getúlio Vargas ouviu então o discurso do Sr. Ataulpho de Paiva, designado para recebê-lo em nome da Academia.



Tomaz Antonio Gonzaga nascido em 1744 e falecido em 1807, o patrono da cadeira agora ocupada pelo acadêmico Getúlio Dornelas Vargas.

Após o discurso do Sr. Ataulpho de Paiva, estava terminada a sessão.

O Sr. Getúlio Vargas recebeu os cumprimentos dos presentes e retirou-se como chegara, ao som do Hino Nacional tocado pela banda do Corpo de Bombeiros e cercado das mesmas atenções com que fôra recebido, sendo, à porta, acolhido de novo por uma salva de palmas espontânea das numerosas pessoas do povo que se apinhavam em frente à Academia.

O Sr. Getúlio Vargas recebeu ontem o seu primeiro "jeton" de acadêmico. S. Ex. deu logo destino à importância a que tinha direito. Chamou o porteiro da Academia, o popular Fidelis, e deu-lhe de presente o primeiro "jeton".

A' venda em toda parte

"ALMANAQUE EU SEI TUDO" PARA 1944

Calendário e informações completas sobre o novo ano, de interesse geral, veem ao lado de outras matérias, inclusive conselhos práticos, notas úteis, etc.

Assuntos históricos, religiosos, novidades científicas, contos de aventura e sentimentais tomam muitas páginas do precioso livro.

Os agricultores, os aeronautas, os banqueiros, os militares de terra e mar, os bancários, os turistas, os amadores de rádio; toda a gente, enfim, das cidades e dos campos, terá no "ALMANAQUE EU SEI TUDO" um informante através de leitura agradabilíssima.

Trabalho feito para o homem e para a mulher, o "Livro dos mil assuntos", não obstante as dificuldades do momento, oferece aspecto agradável em quasi 300 páginas, muitas das quais primorosamente coloridas.

Poderá ser procurado em todas as livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço único de Cr\$ 8,00 por exemplar.

Pedidos por via postal pelo serviço de reembolso ou mediante vale do Correio à COMPANHIA EDITORA AMERICANA, Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

Livros

NOSSA SENHORA DE PARIS, romance de Victor Hugo — São Paulo, — 1943.

Mais uma tradução da *Notre Dame de Paris*. Desta vez o tradutor deixa de nos dar o seu nome. Por que não quiz acamaradar com a maior parte dos profissionais, que estão cultivando o gênero? Por que o sentimento da modéstia escrupulosa o impediu de se aproximar em letra redonda, isto é: em público, do gênio que compoz *Os miseráveis* e rimou *A lenda dos séculos*? Na primeira hipótese, não lhe podemos negar certa razão. A grande maioria das traduções que por aí surgem, se multiplicam, acaparando as livrarias, não constituem obra de escritores e não se atina por que motivo ou com que fim foram confiadas a tais profanos — se não admitirmos ao mesmo tempo o desleixo e a ganância. É coisa bem desta época de cálculo e de lucro a todo transe dar-se semelhante trabalho a indivíduos que o não podem dignamente cumprir. Parte-se do princípio que o público em geral, o "grosso publico" como nestes casos, e com bem razão, se lhe chama, não distingue ou não faz questão, enfim: não exige mão de obra superior à que, em tantíssimas traduções, se lhe está fornecendo.

Assim, bem andou, talvez, em adotar o anonimato o tradutor do grande romance de Victor Hugo, que nos fala da formosura predestinada de Esmeralda, da importância sombria de Claudio Frollo, da disformidade trágica e heroica de Quasímodo — imagens que, uma vez avisadas, nunca se esquecem e a que o gênio hugoano comunicou a sua perpetuidade.



DIREITO-SOLIDARIEDADE-JUSTIÇA — Haroldo Valadão. — Rio — 1943.

Haroldo Valadão não é somente um professor, é um mestre. A' sua vasta cultura jurídica, a seu espírito aberto a todas as correntes do pensamento moderno, à elegância que arrasta e seduz, junta ele esse dom raríssimo de saber transmitir o que aprende e de criar discípulos. Para aquilatar-mos esse poder realmente socrático, basta que conversemos um aluno seu. O discípulo fala pelo mestre. Compreendemos imediatamente que não se trata aqui de um repetidor mecânico de coisas velhas aprendidas em compêndios serôcios, e sim de um didata no mais elevado sentido da palavra, capaz de interpretar a lei não apenas no seu sentido material, literal, mas funcionando-lhe o calor do espírito, o sentido humano, sem o qual ela nada mais é que um amontoado de palavras sem significação. Haroldo Valadão filia-se à corrente de humanismo sadio que tem vivificado desde suas nascentes o direito pátrio. É, sempre foi, um defensor caloroso das grandes causas humanas, um brasileiro de quatro costados que grita bem alto seu patriotismo, um cultor da liberdade e dos direitos imprescritíveis do homem.

É esse Haroldo Valadão que encontramos no livro recém-publicado. Aqui reuniram-se alguns dos troféus que engrandam sua carreira de brilhante tribuna. São discursos densos, de forma trabalhada, mas que nem por isso perderam em espontaneidade e vigor. Atrás dessas páginas nunca perdemos de vista a personalidade estuante do orador e do mestre, cioso de seu nacionalismo, cioso do papel que tem desempenhado na formação das novas gerações de advogados e pronto, a todo momento a defender ao homem contra as ideologias que visam amesquilhar e destruir.

Apontando o pernicioso exemplo dos mestres "fáceis" Valadão afirma: "A missão fundamental do mestre é a formação do caráter de seus discípulos". E verbera o proceder desses professores inescrupulosos que premiando sem discernimento favorecem a preguiça e permitem a incompetência. Isso já patenteia a linha de conduta desse sábio que põe o caráter acima da ciência e exige de seus alunos, antes de tudo, honestidade.

A obra do professor Haroldo Valadão deve ser lida não só por todos os cultores do direito, mas por todos aqueles que no momento trevozo que atravessamos desejarem ouvir a palavra serena e inspirada de um verdadeiro mestre.



O SEGREDO DE BELLA PALMERS — Renée d'Antillat — S. Paulo. — 1943.

Renée d'Antillat escreveu um romance cheio de sensibilidade e encanto que naturalmente agradará às inteligências femininas. O enredo é bem urdido, a história fascinante. A atmosfera de mistério que envolve a heroína do romance obriga-nos a lê-lo de um só fôlego. Sem pretensões, o livro foi feito para encher algumas horas de lazer.



OS ÚLTIMOS DIAS DE SEBASTOPOL — Boris Voyetckhov — Rio. — Epasa

Aos historiadores futuros da 2.^a Grande Guerra, o cerco e a tomada de Sebastopol hão de afigurar-se um dos episódios capitais do medonho conflito. Toda a dureza, a crueldade e o heroísmo dessa resistência memorável foram fixados por Boris Voyetckhov nestas páginas que não têm outra pretensão a não ser a de um relato objetivo do que viu e ouviu. Lêmo-lo como uma reportagem e nada mais. É um depoimento interessante que vem acrescentar-se a todos os outros e cuja maior ou menor parcela de verdade será apurada posteriormente. Daí a atração deste livro, que lamentamos não tivesse sido melhor traduzido.

Novos

AS TRES MULHERES DE ANTIBES — Somerset Maugham — S. Paulo — 1943.

Neste livro tornamos a encontrar o contista perfeito das *Histórias dos Mares do Sul*, esse Somerset Maugham que é antes de tudo um extraordinário vidente do humano. Em todos eles a mesma observação segura do real, o mesmo estilo preciso e objetivo, conduzindo a ação com domínio perfeito até ao desenlace final sempre surpreendente.

Há, neste volume, histórias trágicas e histórias humorísticas. E as há também em que os dois espíritos se misturam como na admirável *A Pele do Leão*, onde um indivíduo sacrifica sua existência a um sonho fútil. Maugham nos parece ora um observador compadecido das fraquezas humanas, ora um caricaturista impiedoso dos ridículos do mundo moderno. Seu humor porém, não encerra resíduos amargos. Apesar de cético, empedernido, vê a vida sem amargura, e também sem profundidade. Não há que procurar nêle dramas profundos de consciência, torturas do espírito a debater-se entre polos antagônicos. Nada disso procura pela razão de em nada disso crê. Seus dramas desenrolam-se quase sempre à flor da pele, na região intrínseca das paixões humanas, onde o indivíduo aparece ora engraçado por uma força íntima, ora reduzido à inconsciência do animal e às proporções do verme. Sendo pela paixão que o homem se mostra a um tempo patético e caricato, esse plano, focalizado de fora, que Maugham gosta de abordá-lo. Assim, traça a psicologia de um carrasco que consegue atingir a perfeita felicidade na véspera de uma execução e momentos antes de ser assassinado (*Um Cargo Oficial*). Ou então, dando-nos outra versão do seu Gauguin, de *Um Gosto e Seis Ventos*, põe-nos a história de um homem que tudo abandona arrastado pela trágico amor à natureza. Aqui encontramos uma figura que já nos era familiar em Maugham. A do homem que libera seus instintos anárquicos e, abandonando as trilhas normais, a monotonia da vida social, rebelando-se contra os laços que o prendem, tornando-se um vagabundo, um homem livre, busca realizar o seu mundo. Não raro encontramos, nos livros de Maugham, homens que tudo deixam pelas praias da Oceania que parece serem o Eden preferido dos seus personagens em *O Comedor de Lóvão*, porém é a paisagem de Capri que fascina o pacato Wilson e o arrasta a um trágico fim.

Em *Lord Mountdrago* descobrimos uma tentativa, não muito rara em escritores da família mental de Somerset Maugham, para atingir camadas mais profundas da realidade. Parece que esses homens sentem, com sua acurada intuição artística, que o mundo dos fatos concretos não lhes é suficiente. E, apesar de não crerem no que possa existir mais além, sua imaginação criadora tateia as trevas do mistério. Quanto a *Os Fatos da Vida*, *O Tesouro* e *As Três Mulheres de Antibes*, que abre o livro, são maravilhas de humor e apresentam evidente fundo satírico. E' com satisfação que encerramos a leitura desse livro onde Maugham continua a manter-se à altura de si mesmo.

• • •

BREVE INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA ESTUPIDEZ HUMANA. — Walter Pitkin. — S. Paulo. — 1943.

O trabalho de Pitkin, louvável em sua intensão, que é a de pesquisar as principais causas e manifestações da estupidez humana através dos tempos, é bem representativo de um determinado setor da mentalidade norte-americana. Ao lado de grandes cientistas e de profundos pensadores que constituem, na civilização estadunidense, um verdadeiro contraste ao materialismo e utilitarismo de suas massas, existe um número bastante grande de pseudo-pensadores e de sub-cientistas que, quando em vés, produzem obras de uma superficialidade irritante e de uma mediocridade doentia.

Servindo-se de um enorme acúmulo de fatos mal digeridos, provenientes de todos os ramos do saber, esses enciclopedistas apressados põem-se a vozejar profecias e a emitir doutrinas se não desastrosas, pelo menos ridículas.

Essa classe de livros é a que mais se vende. Constitue os *best-sellers*, ao lado dos enormes romances de oitocentas páginas, tipo *E o Vento Levou*, onde o sentimentalismo cretino das *girls* encontra abundante repasto.

Pitkin, por mais de um aspecto de sua obra, integra-se nessa legião onde já figuram Will Durant e outros. Não há dúvida que é meritório procurar as diversas modalidades de estupidez e suas possíveis causas. E' meritório e inútil. Porque é impossível destruí-la, sobretudo pelos processos mecânicos que Pitkin preconiza e cujo advento na Era da Super-Inteligência (*sic*) anuncia a gritos de camelo. Logo no começo de seu livro há uma estupidez não menos digna de enfileirar-se junto às que enumera. E esta é de sua lavra. Estranha éle que pouca gente se tenha dedicado a um estudo tão transcendente. Falta de tempo, talvez, Sr. Pitkin... Mas não é isso que pensa. A causa de ser a estupidez um tabu é para o distinto professor de jornalismo da Universidade de Colúmbia... o cristianismo, que eleva os pobres de espírito, e rebaixa os sábios. "... A atitude cristã tende a ser a de dourar a estupidez, o raciocínio retardado, os desatinos e todas as demais formas de procedimento estúpido". E' fantástico. Pitkin devia exclusivamente escrever romances e deixar para outros as obras de pensamento. (E como é cômica a maneira por que se

efere a Spengler em diversos pontos do livro!) Após ali haver diversos dados sobre o fenómeno-estupidez que não deixam de ser elucidativos, Pitkin reserva as últimas páginas da obra para concluir alguma coisa sobre o assunto. Suas conclusões não são propriamente revolucionárias. São estúpidas. Declara que a estupidez humana será reduzida ao mínimo, em breve anos, por mecanismos aperfeiçoados que, dora em diante, impedirão os homens de cometer erros ou desatinos. E remata, solene: "Não! O homem só se poderá salvar das suas próprias estupidezes por meio da ciência, e não pela religião, pelas regras morais, nem muito menos — pelas leis". Para compreendermos a ingenuidade infantil do psicólogo, é preciso distinguir as premissas de que parte: todos os males do homem provêm de sua estupidez. E mais: eliminada a estupidez desaparece o mal e o homem será perfeitamente feliz. Isto se conseguirá na Era da Super-Inteligência, que já vem aí, onde dominará a ciência, única força capaz, por si só, de resolver todos os problemas.

Cumprimos Walter B. Pitkin pelo novo e preciso material que veio fornecer aos seus continuadores do futuro — os estudiosos não apenas da estupidez mas do orgulho humano.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



Rotenol

A base de óleos balsâmicos e plantas germicidas da Amazonia, contém os elementos naturais de que a epiderme necessita para a conservação de sua beleza.

NÃO HA MELHOR SABONETE SEJA QUAL FÔR O PREÇO



E' O MELHOR
E
NÃO E' O MAIS CARO!



A VENDA EM TODO O BRASIL

T. TARQUINO

Números atrasados desta revista, em São Paulo
Procurar á Rua D. José de Barros, 323 -- Tel. 47-866

Papini... antes e depois de Cristo

De RENZO BIANCHI

Uma das figuras mais atraentes da literatura italiana é, sem dúvida, Giovanni Papini. A fama de Papini explodiu, podemos dizê-lo, duas vezes, e pode-se acrescentar também que a segunda vez ele disparou contra si mesmo. Aludimos à sua clamorosa conversão ao catolicismo, ocorrida em 1920 com a publicação de sua "História de Cristo". Ninguém esqueceu por certo o clamor provocado por esta obra que, para alguns, foi julgada um prodígio de origens divinas e por outros, um escândalo de origens descaradamente terrenas. Dois pontos de vista, na verdade, demasiadamente categóricos: "Deus ou o Diabo"; ou milagre ou especulação. Logo a "História de Cristo" triunfou por seu mérito intrínseco; e Giovanni Papini, uma vez proclamado artista sério, meditativo e profundo, esteve menos em moda.

Sempre é assim: a seriedade garante o futuro, mas sacrifica as utilidades imediatas.

O valor do livro de Papini matou, pois, o acontecimento mundano da conversão do conhecido blasfemador florentino. Sim: porque Papini, antes de 1920, muito blasfemou; blasfemou com ira e com volutuosidade; com o prazer satânico de destruir ídolos e derrubar altares. Aos vinte anos de idade abriu-se um caminho com dinamite; aos trinta, com chicote e aos quarenta abandonou o chicote e levantou o crucifixo. O certo é que houve de que sentirmo-nos assombrados. Mas contudo, a nosso ver, incorreram em erro os católicos crendo que sua conversão fosse uma conversão autêntica, e incorreram também em erro os da outra margem quando o acusaram de especulação preconcebida. O catolicismo de Papini estava na realidade em sua alma de homem do povo toscano: o povo toscano "blasfema...mas crê". Em todo caso teve de chegar à "História de Cristo" por necessária reação à ogeriza professada durante tanto tempo contra seus semelhantes; e com a "História de Cristo" não quis "perdoar" (o que teria sido ridiculamente presunçoso), mas sim "perdoar-se". Seu Cristo é a abordagem necessária ao otimismo e à vida após uma desesperada luta com o pessimismo, que é matéria que se não move e não pode fazer outra coisa senão girar ao redor de seu centro, como o torvelinho e, por consequência, é mortal.

De modo pois, que Giovanni Papini com a "História de Cristo" não foi um "vencido", e sim um "vencedor", visto que as verdadeiras vitórias são obtidas pelos artistas apenas quando as obtêm sobre si mesmos.

Os poetas, os críticos ou os filósofos, sistematicamente negadores e falseadores, chegam fatalmente a um ponto de sua carreira em que ou logram substituir o "conceito" ao "preconceito" ou estão acabados.

Aos quarenta anos, teve Papini a precisa sensação desse perigo e salvou-se. Aqueles que continuam a preferir o Papini "de antes de Cristo", o Papini das agudas genialidades, o Papini que mudava as fachadas (apenas as fachadas) da poesia, da prosa e da filosofia, não são por certo seus melhores admiradores. E' indiscutível que no jovem agressor de fachadas artís-



Giovanni Papini, em traços de Alberto Lima.

ticas havia uma exuberância de gênio que podia assombrar e até encantar, mas é também indiscutível que por trás daquelas fachadas haviam permanecido bem sólidas a poesia e a filosofia "dos outros".

Por uma simples aparência, até célebre se poderá ser, mas não se estará vivo. Daí ser agora Giovanni Papini menos célebre, porém mais vivo.

A editora G. Barbera publicou há tempos, na Itália, um volume de Alberto Viviani intitulado "Gianfalso" (pseudônimo de Papini) no qual a vida física e espiritual de Papini é narrada com amplitude de detalhes e amor de análise.

O livro de Viviani é muito interessante e o é sobretudo onde para melhor fazer sobressair seu personagem cria-lhe em redor um vasto cenário pictórico e cultural harmonizando assim todo um mundo com a voz mais alta do "solista".

Viviani é, na verdade, mais um apóstolo que um historiador ou um crítico de Papini, e colocou-se valentemente diante do alvo para defendê-lo do tiro dos ou-

tros; e, sem embargo, sua história sempre ficou dentro dos limites do "grande amor" e em nada transcendeu a odiosa cortezania, o que torna simpático seu trabalho. Sim, porque a um artista podemos odiar, ou adorar, ou criticar, mas nunca o devemos incensar. O que infelizmente sucede não poucas vezes naqueles ambientes onde se fabricam os "revolucionários profissionais", que logo são os colecionadores de hipotéticas bastilhas retóricas.

Giovanni Papini nasceu em Florença, em 1881. Teve uma infância taciturna, e retraída. Foi uma dessas crianças para quem o mundo não é o que vêm, mas sim o que sentem ou pressentem em seu temor; e é um mundo aterrorizado pelos fantasmas de gigantescos pontos de interrogação. Aos oito anos já compunha versos imitando Giusti. Não é um prodígio? Quem o sabe! Mas por certo é uma criança precocemente envelhecida pela solidão. Após as poesias aparecem as novelas de aventuras, e nessas novelas, escritas quando tinha dez ou doze anos, já transparece uma clara tendência à ironia. E' certo que todas as coisas têm uma face, mas em cada face pode encontrar-se uma falha. Pois bem: a criança viu imediatamente a falha. Ignorou por completo o gozo de rir, de jogar e de entorpecer-se. Os poucos centímetros de que dispunha para comprar pão na escola, dividia-os em duas metades para comprar livros. E lia, lia, dia e noite, queimando-se os olhos e enterrando-se na meditação.

Chegou a adolescência e com ela um negro pessimismo alimentado pelo desespero: "uma prisão sem janelas". Cresceu sua sapiência e cresceu com ela o tormento de sua voluntária solidão espiritual. Sua filosofia do pessimismo chegou a tal ponto que o fez anunciar a macabra teoria do suicídio em massa de todos os homens: "assim a terra continuará girando no nada".

Mas, por que, pobres homens? Porque ao jovem Papini apareciam unicamente como imbecis ou patifes. Onde se vê que atravessou os anos da inocência e do entusiasmo matando tanto a uma como ao outro.

Nada mais lógico, pois, que Papini, aos vinte anos chegasse a ser um crítico exasperado, um filósofo trágico e um poeta que enxugava as lágrimas com blasfêmias.

As frentes de suas batalhas chamaram-se: "Leonardo" (1903) que foi o diário dos reformadores, por "partir", dos jovens que odiavam um mundo mas sem possuir outro que o substituísse. Não obstante, o diário seduziu, porque sempre seduzem os mosqueteiros quando empunham uma espada em defesa ou contra alguma coisa. E em tais casos o que brilha é a espada e não a idéia.

Após o primeiro diário, vieram os primeiros livros: "Il Crepuscolo dei Filosofi" e "Il Pilota Cieco". Logo depois, os outros diários: "La Voce" (1908) e "L'Acerba", que só por um instante pareceu fundir o futurismo de Marinetti com o grupo dos "vociani" capitaneado por Papini e Soffici.

Desta época é o famoso discurso que Papini lançou contra Roma na própria Roma, do proscênio do teatro Constanzi: "Não espereis ó Romanos — disse — um hino provinciano de amor pela calma cidade donde partiram as águias à conquista do mundo, e permaneceram de guarda os gansos..."

E mais adiante acrescentou: "Mais de uma vez exprimi esta profunda repugnância pelo orbe de todas as retóricas."

Pouco faltou para que caíssem sobre sua cabeça todas as pedras do Coliseu. E, contudo, foi esse o Papini "da moda", o Papini "mais interessante". Mas já o dissemos: o Papini artista e pensador valia muito mais que sua moda; e isto o vêem todos melhor hoje que já não está tão em moda.

Desde o "Trágico Cotidiano" até o último livro "Dante Vivo", há um Papini que incide fortemente na história da literatura italiana, e é o Papini mais radicado no tronco poderoso de Josué Carducci. Quanto ao processo espiritual do artista, é evidente conforme adverte o próprio Viviani — que a princípio foi perturbado por aquelas duas grandes epidemias do século passado: a dúvida e a análise; logo com "L'Uomo Finito" anunciou seu renascimento e o renascimento produziu-se com a "História de Cristo"; até que por fim adquiriu esse maravilhoso sentido da natureza e da poesia que é mais forte que qualquer coisa porque vence à ogeriza e até à dor.

Papini teve que conquistar a infância ao envelhecer, enquanto ela é um dom para os outros... Esse foi seu drama: essa sua vida e sua arte. Daí o que cria ter começado por blasfemar.

PERFUME

Reve Rose

SONHO QUE SE TORNOU REALIDADE!

EXTRATO Nº1317
Nº1330

PÓ DE AROZ Nº1350

COLONIA Nº1500-F
Nº1301-F

BRILHANTINA Nº 1312

LOÇÃO Nº 1320
Nº 1321

EXTRATO Nº1332 C/CX
Nº1332 S/CX
Nº1332-M

A VENDA EM TODO O BRASIL

INVEJA

Conto de ALUIZIO AZEVEDO

ERA uma rica tarde de Novembro. O sol acabava de retirar-se naquele instante, mas a terra, toda entubecida, palpitava ainda com o calor dos seus últimos beijos. O céu, vermelho e quente, destracava-se sobre ela, envolvendo-a num longo abraço voluptuoso; de todos os lados ouvia-se o lamentoso estridular das cigarras, e as árvores concentravam-se, murmurando, em êxtase, como se rezassem a oração do crepúsculo.

Aquela hora de recolhimento e de amor a natureza parecia comovida.

A noite abriu lentamente no espaço as suas asas de paz, úmidas de orvalho, prenhes de estrelas que ainda mal se denunciavam numa palpitação difusa. Uma boiada recolhida ao longe, abeberando nos charcos do caminho, e bois tranquilos levantavam a cabeça, com a boca escorrendo em fios de prata, e enchiam a solidão das clareiras com a prolongada tristeza nos seus mugidos. Num quintal, entre uma nuvem de pombas, uma rapariga apanhava da corda a roupa lavada que estivera a secar durante o dia; enquanto um homem, em mangas de camisa, passava pela estrada, cantando, de ferramenta ao ombro. De cada casa vinha um rumor alegre de famílias que se reúnem para jantar, e, junto com latidos de cães e choros de criança, ouvia-se o contente palavrear dos trabalhadores em descanso, ao lado da mulher e dos filhos.

Entretanto, um padre ainda moço, depois de passear silenciosamente à sombra das árvores, foi assentar-se, triste e preocupado, nos restos de uma fonte de pedra, cuja pobreza as ervas disfarçavam com a opulência da sua folhagem vigorosa e florida. E aí ficou a cismar, perdido num profundo enlevo, como se o ardente perfume daquela tarde de verão lóra forte de mais para a sua pobre alma enferma de homem casto.

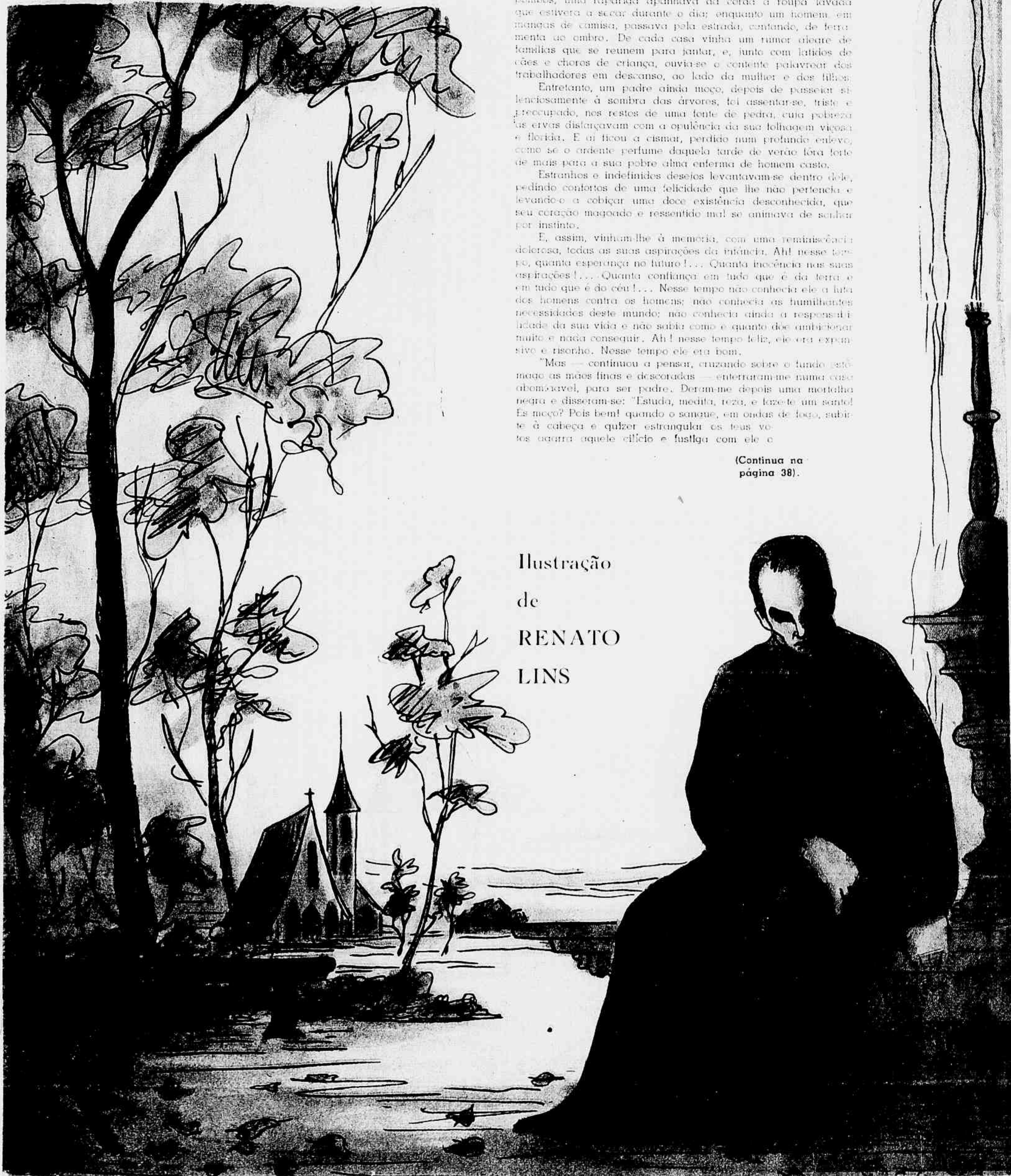
Estranhos e indefinidos desejos levantavam-se dentro dele, pedindo contornos de uma felicidade que lhe não pertencia e levando-o a cobçar uma doce existência desconhecida, que seu coração magoado e ressentido mal se animava de sentir por instinto.

E, assim, vinham-lhe à memória, com uma reminiscência dolorosa, todas as suas aspirações da infância. Ah! nesse tempo, quanta esperança no futuro!... Quanta inocência nas suas aspirações!... Quanta confiança em tudo que é da terra e em tudo que é do céu!... Nesse tempo não conhecia ele a luta dos homens contra os homens; não conhecia as humilhantes necessidades deste mundo; não conhecia ainda a responsabilidade da sua vida e não sabia como é quanto dói ambicionar muito e nada conseguir. Ah! nesse tempo feliz, ele era expansivo e risonho. Nesse tempo ele era bom.

"Mas — continuou a pensar, cruzando sobre o fundo do mago as mãos finas e descoradas — enterraram-me numa casa abominável, para ser padre. Deram-me depois uma mortalha negra e disseram-se: 'Estuda, medita, reza, e faz-te um santo! És moço? Pois bem! quando o sangue, em ondas de fogo, subite à cabeça e quizer estrangular os teus votos acurra aquele cilício e fustiga com ele o

(Continua na página 38).

Ilustração
de
RENATO
LINS



ESPORTES



Adrian desenhou para Gwen Kenyon este short em linho branco, com enfeites azuis e vermelhos.



1 — Vestido de fustão ou linho branco com faixa do próprio tecido
2 — Saia de fustão branco com pregas, blusa de tricot de linho. Cinto de camurça branca.



SLACKS AND SLEWS

A roupa ideal para as estações de veraneio; elegantes, práticas, quer nas serras, quer nas praias e bem mais discretas que as saias curtas. Si os homens não gostam é que temem a concorrência...

FIGURAS E FATOS



ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO. Realizou-se no dia 11 de Dezembro p. findo nesta capital um almoço de confraternização dos bachareis de 1936 da Faculdade de Direito da Universidade do Rio, presidido pelo Prof. Hahneman Guimarães, que foi o paraninfo da turma.



ESTRELAS DE HOLLYWOOD PARA QUITANDINHA. Pelo avião da Pan-American chegou ao Rio Jean Clayton, a nova estrela da Metro Goldwyn Mayer, que veio ao Brasil para a grande temporada da abertura parcial de Quitandinha.



NO TOURING CLUBE. Como vem fazendo todos os anos, o Touring Clube do Brasil ofereceu, por ocasião do Natal, um Almoço de Confraternização Jornalística em honra da Imprensa Brasileira. O tradicional ágape realizou-se no Hotel Glória, conforme mostra a nossa gravura, onde se vê o presidente Murinho Nobre, ladeado pelo dr. Herbert Moses, presidente da A. B. I., e capitão Amílcar Dutra de Menezes, diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda. Fez o oferecimento o vice-presidente Berilo Neves, em nome do Touring Clube, tendo respondido o dr. Herbert Moses, pelos jornalistas homenageados.

EXPANDE-SE O PROGRAMA DE AÇÃO DO BANCO DO BRASIL



A primeira conta da nova Agência Metropolitana do Banco do Brasil foi aberta pelo Dr. João Marques dos Reis, Presidente do grande instituto de crédito.

Em cumprimento do programa que se impôs de tudo fazer para servir cada vez mais eficientemente o publico que o procura em todo o país, o Banco do Brasil vem ampliando o numero das agencias que compõem a sua já vastíssima cadeia.

Essa grande organização, que é um dos mais poderosos instrumentos da política de consolidação financeira do atual govêrno, tem sempre relevado a primeiro plano a sua missão primaria de servir a uma das maiores clientelas que tem possuído uma instituição bancária no Brasil.

Particularmente na gestão do seu atual presidente, dr. João Marques dos Reis, tem-se materializado esse programa de multiplicação do numero de unidades a serviço do publico. Ainda agora temos o prazer de registrar, salientando o brilho de que se revestiu o ato, a inauguração de uma Agência Metropolitana, que vem a ser a sétima, na estação de Ramos — suburbio da Leopoldina — á rua Leopoldina Rego, n. 78.

A' cerimonia de inauguração desse novo centro de atividade da grande instituição bancaria, instalado em sede propria, compareceram o Presidente do Banco do Brasil, Dr. João Marques dos Reis, o Diretor Dr. Jorge de Toledo Dodsworth, o Superintendente, Snr. Pedro de Mendonça Lima, o Secretario do Presidente do mesmo Banco, snr. Manoel Bezerra de Oliveira Lima, o Chefe Interino da Inspeção das Agencias Metropolitanas, Snr. Edgard Rumann Soares, o Inspetor das Agencias Metropolitanas, Dr. Oscar Santa Maria, os Snrs. Fernando Moraes Ferreira, Eduardo Marques dos Reis, Orlando Gélío, João Dantas, do Gabinete da Presidencia do Banco do Brasil, Marcilino Firmino Pinto e Orlando Ribeiro Seabra, gerente e contador da referida agencia, Adolfo Gadini, Miguel Hamaty, Francisco Rodrigues Pinto, Vassalo Caruso, J. C. Trigo, Dr. Euclides Faria, Dr. Peri de Alencar, Walter Daetwyler, Irvin Canddank, Fernando Goulart, comerciantes e industriais, Dr. Geraldo Rocha, Gerente da Filial do Banco de Crédito Real de Minas Gerais, na localidade, major Diretor da Fabrica de Bonsucesso, representado pelo Snr. Miguel Stamile, Heliantho Barreto, Heitor Almeida, Gerente e sub-Gerente do Banco Economico Nacional, em Campo Grande, Distrito Federal, além de outras pessoas gradas e altos funcionários do Banco do Brasil.



Logo após a cerimonia de inauguração da nova Agência, foi colhido o grupo acima, onde aparecem, entre outras pessoas, o dr. João Marques dos Reis, Presidente do Banco do Brasil, o Snr. Pedro Mendonça Lima, Superintendente, o dr. Jorge de Toledo Dodsworth, Diretor, e o Snr. Edgard Rumann Soares, Chefe Interino da Inspeção das Agencias Metropolitanas.

LIMPE A PELE UMA VEZ POR DIA
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA A PARTE



USE 3 VEZES
"LEIF"
E TUDO BRILHARÁ

LEIF

DÁ
BRILHO



AOS
METAIS

LEIF

ENCERA



ASSOALHOS

LEIF

LUSTRA

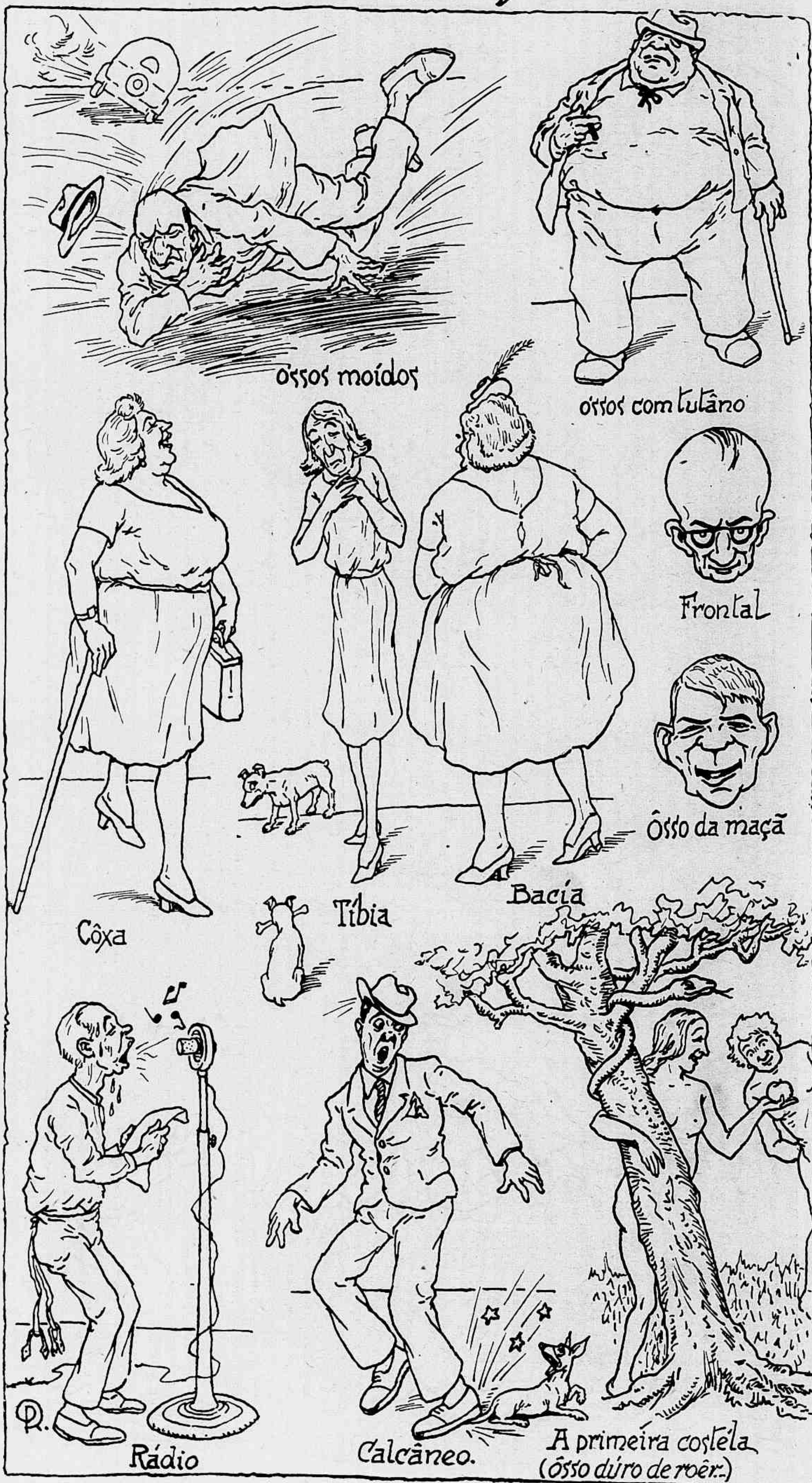


MOVEIS

FABRICANTES E DISTRIBUIDORES:
SOCIEDADE COMERCIO E
INDUSTRIAS "LEIF" LTDA.
RUA CANDELARIA, 55-2.
TELEFONE 43-0223

SABÃO
TIMBORÓL
A BASE DE TIMBO USO VETERINÁRIO
ASSEGURA A HIGIENE E BELEZA DO CÃO
POR COMBATER OS PARÁSITOS E AS
MOLESTIAS QUE OS MESMOS PROVOCAM

Caixa d'ossos



JUVENTUDE DEPOIS DOS 30



Pôr o creme de massagem e com as pontas dos dedos ir friccionando, sempre de cima para baixo. Erga a cabeça bem, e conserve-a firme.

Vamos conversar com as nossas caras leitoras transmitindo-lhes alguns conceitos oportunos da formosa Miss Ann Sheridan e de Miss Kalman, especialista no assunto.

Não é raro ouvirmos pessoas de certa idade protestarem contra o epíteto de velha... Velho é trapo oizem elas e com bastante razão. As mulheres mais admiradas do mundo, pelo conjunto de encantos que reúnem, são mulheres que já passaram dos 35 e até dos 40. Há bem pouco tempo vimos como uma delas não só venceu uma nação, mas desafiou o mundo. Acresce que, quase sempre, o homem de valor e de espírito prefere a mulher balzaquiana; o que não deixa de ser uma grande e agradável vantagem.

Miss Kalman diz "O período da primeira juventude, entre os 15 e os 30, é um período de 'preparação'; a mocidade no seu ciclo mais envolvente e sedutor dura enquanto dura a saúde e o interesse pela vida. Compreendida assim a juventude, poderíamos dizer com os filósofos e biólogos que uma mulher de 40 é às vezes mais moça que uma de 30.

Não é a idade que caracteriza a pessoa: é a sua esbeltez, a sua flexibilidade, a sua maneira de vestir-se, de pen-

tear-se, de andar; a sua conversação brilhante, a alegria. Não é obrigatório andar sempre de escuro com roupas de corte severo. O branco vai bem a todas as idades, bem como as cores neutras ou pastel: cinza, lilá, bege, amarelo seco, azul pervinca, etc... Está claro que é preciso situar-se no sábio e inteligente "meio termo". Uma mulher, mesmo parecendo muito jovem, depois dos 35 não deve vestir-se como se veste a sua filha mais velha; também não deve enfeitar-se muito ou "maquilar-se" com



Punhos fechados, movimento de rotação descendo até à base do pescoço. Repetir várias vezes o movimento, sempre de cima para baixo.



Fazer pressão nos músculos com força como se estivesse beliscando-os, de modo a fazer afluir o sangue à flor da pele.



Faça girar a cabeça sobre o pescoço várias vezes. Este movimento é dos mais importantes para a flexibilidade do pescoço.



Com a mão direita sobre o lado direito do rosto empurre a cabeça até tocar no ombro; a seguir, faça o mesmo do lado esquerdo.



Sente-se em uma cadeira cujo espaldar atinja a altura de sua nuca, dobre a cabeça até encostar no espaldar. Limpe por fim o creme e envolva o pescoço num pano fino ensoado em água fria e algumas gotas de alúmen. Deixe ficar por horas.



certo exagero; isso produzirá um efeito contrário ao desejado, fazendo-a parecer mais velha. Ann Sheridan, a beleza loura da Warner, diz: "Para conservar-se jovem é necessário e importante não se escravizar a nenhum hábito porque aquilo que é bom aos 20 pode ser prejudicial aos 30, portanto as dietas como os passatempos devem ser adaptados. Não tema o sol, nade na piscina ou na praia, danse uma hora, ao menos, à tarde, faça-se acompanhar de gente jovem otimista, que ajude a esquecer o lado mau da vida, sobretudo nunca tenha pena de si mesma. Todos os dias pela manhã, faça a seguinte oração: "Deus meu, ajude-me a viver este dia que me deste, com a alma cheia de prazer, da-me um ser humano a quem ame, um raio de sol e a oportunidade de realizar uma boa ação!"

Esta linda oração vale por um hábito higiénico que purifica a alma e dispõe o corpo para um dia útil e feliz.

A "ginástica" e a "massagem", orientadas sempre por especialistas, são elementos indispensáveis à conserva-

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Sallará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pílulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especificamente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pílulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$ 3,00.

Você Sofre De Afecções Da Pele?

Quantas vezes V. sofre de coceiras horríveis, ardores constantes, erupções de eczema e desespera por não encontrar alívio. Entretanto, numa clínica de pele de um grande hospital, foi descoberto um novo tratamento científico: o emprego de BELZEMA, que é uma nova forma de pomada, não gordurosa, que penetra imediatamente na pele, combatendo as eczematides, psoríasis, erupções, vermelhões, coceiras e outras afecções da pele.

BELZEMA já aliviou as mais rebeldes erupções da pele em pouco tempo, muitas vezes em moléstias já bem antigas. BELZEMA foi aplicada, as coceiras cessaram imediatamente e a pele tornou-se limpa e nova. BELZEMA não mancha a roupa e não requer ataduras. Não é visível nem sentida, quando aplicada. Use BELZEMA hoje e veja como V. sentirá alívio. Continue a usar BELZEMA até sua pele tornar-se macia e limpa.

BELZEMA

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e radiante volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

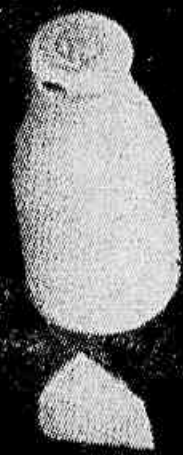
Experimente-o.

ção da saúde e da juventude, pois apenas a dieta não basta para um emagrecimento uniforme e que não prejudique a saúde. Tanto a ginástica como a massagem não devem ser consideradas atributos da vaidade. Homens e mulheres, sobretudo aqueles que seguem o ritmo da vida moderna, devem fazê-las obrigatoriamente como se faz um tratamento médico.

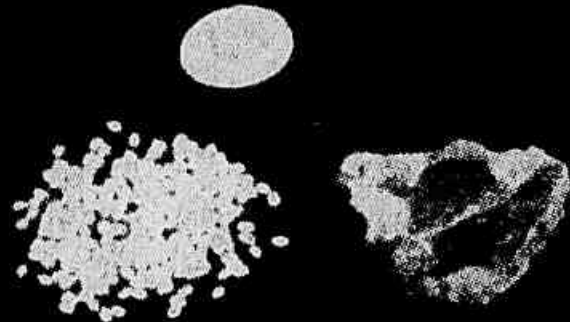
Às nossas leitoras damos hoje umas lições de massagem aplicada ao pescoço, como um dos pontos principais de conservação do aspecto juvenil.

O cuidado principal para esta massagem é nunca fazer o gesto de baixo para cima, sempre partindo do queixo, porque, do contrário afrouxa os tecidos. É preciso também usar bastante creme de massagem, e fazer a mesma com a ponta dos dedos, em pressões fortes. No princípio os movimentos são difíceis devido à falta de flexibilidade dos músculos do pescoço, mas aos poucos vai ele adquirindo flexibilidade, elegância, graça e aspecto de juventude.

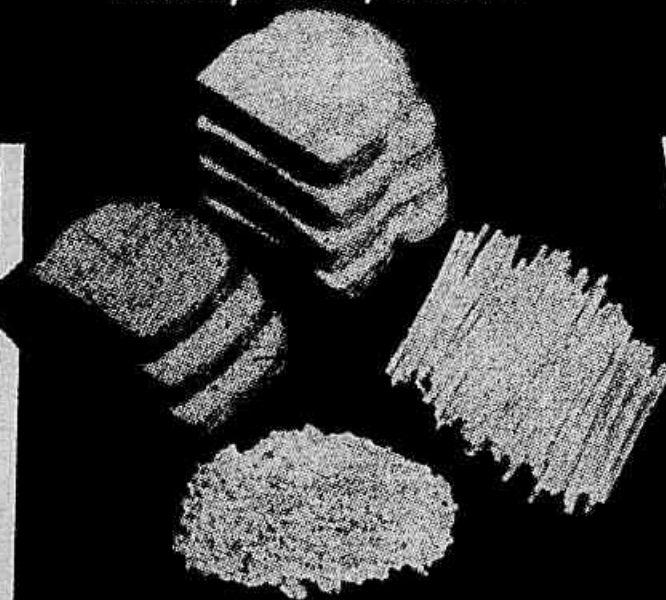
MILK & MILK PRODUCTS



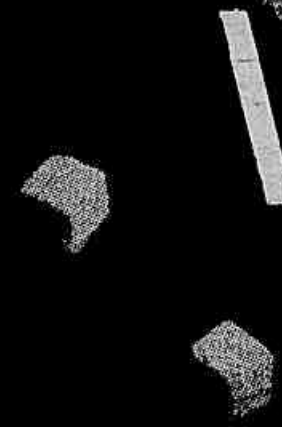
MEAT, FISH, EGGS, ETC.



BREAD, FLOUR, CEREALS



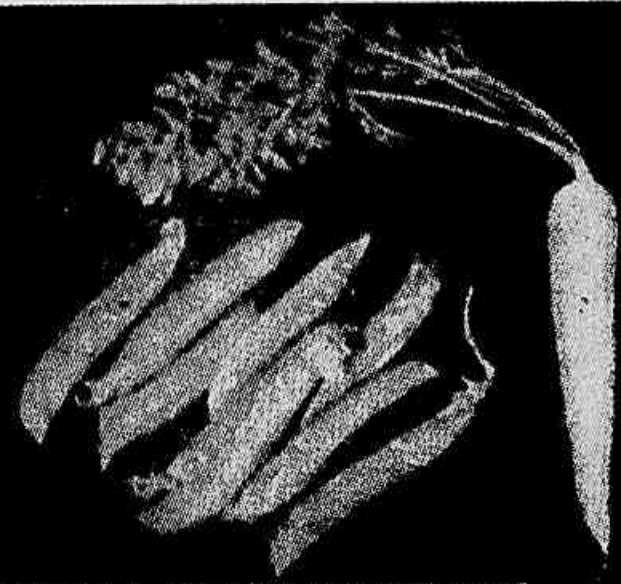
BUTTER



SUGAR & OIL



GREEN & YELLOW VEGETABLES



VITAMIN C FRUITS



POTATOES, OTHER VEGETABLES & FRUITS



Alimentos para um dia num regime dietético: são divididos em sete categorias de alimentos (além do açúcar e do azeite para a salada). Essa tabela foi organizada pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. Todos os grupos contêm calorias suficientes mas a variedade é necessária para as proteínas, vitaminas e minerais. O grupo em que está incluída a carne, por exemplo, proporciona proteína, vitamina B, G e ferro. Esta é a mais econômica das duas dietas preconizadas pelo "National Research Council". Regimes mais dispendiosos, iguais em valor alimentício, contêm mais carne, frutas e vegetais e menos cereais.

- a) leite e derivados
- b) carne, peixe, ovos, etc.
- c) pão, farinhas, cereais
- d) manteiga
- e) açúcar e azeite
- f) vegetais
- g) frutas (vitamina C)
- h) batatas, legumes e frutas. Essas três alimentações são iguais em valor nutritivo.

OS ELEMENTOS INDISPENSÁVEIS PARA UMA ALIMENTAÇÃO PERFEITA

Uma dieta conveniente deve contar com três elementos essenciais: proteína, minerais e vitaminas. São estes os elementos que preservam a saúde e determinam a resistência do organismo. Sendo encontrados em alimentos como a carne, o leite, os ovos e os vegetais, nem sempre é possível incluí-los no regimen alimentar.

A proteína constitui não menos de 10% do numero total de calorias. Alguns especialistas em nutrição distinguem a "bôa" proteína (produtos animais) e a proteína "pobre" (vegetais), embora outros considerem essa distinção sem importancia. Os vegetarianos podem gosar de saúde perfeita.

Ha ainda muito que aprender a respeito das vitaminas. A vitamina B, por exemplo, é agora conhecida como um conjunto extremamente complexo compreendendo a vitamina B1, riboflavina, niacina, etc. Entretanto temos elementos suficientes para estimar o regimen alimentar indispensavel para conservar um homem em bôa saúde e com energias.

Incluindo as calorias indispensáveis (com os 10% de proteína) são ainda necessários os seguintes elementos:

ferro.....	12	miligramas
calcio.....	800	miligramas
vitamina B1.....	1,8	miligramas
riboflavina.....	2,7	miligramas
niacina.....	18	miligramas
vitamina C.....	75	miligramas
vitamina A.....	5.000	Unidades Internacionais
vitamina D.....	400 a 800	Unidades Internacionais

Não é preciso ressaltar a importancia das vitaminas. Ela é tão grande que nos Estados Unidos as vitaminas em capsulas ou concentradas constituíram um quarto da venda total de drogas no ultimo ano.

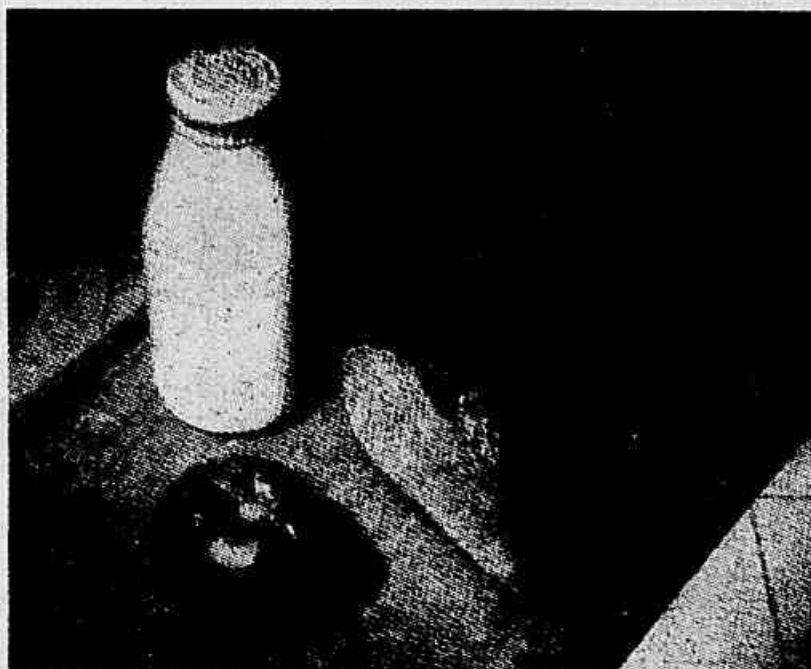
Uma bôa porção desses medicamentos são um desperdício, de dinheiro, pois até onde podem opinar os especialistas em nutrição a quantidade de vitaminas excedente á fixada para as necessidades diarias não tem nenhum valor. Uma bôa alimentação não requer complemento de vitaminas.

O regime padrão, de acordo com as recomendações do *National Research Council*, é mostrada nas fotografias desta página.

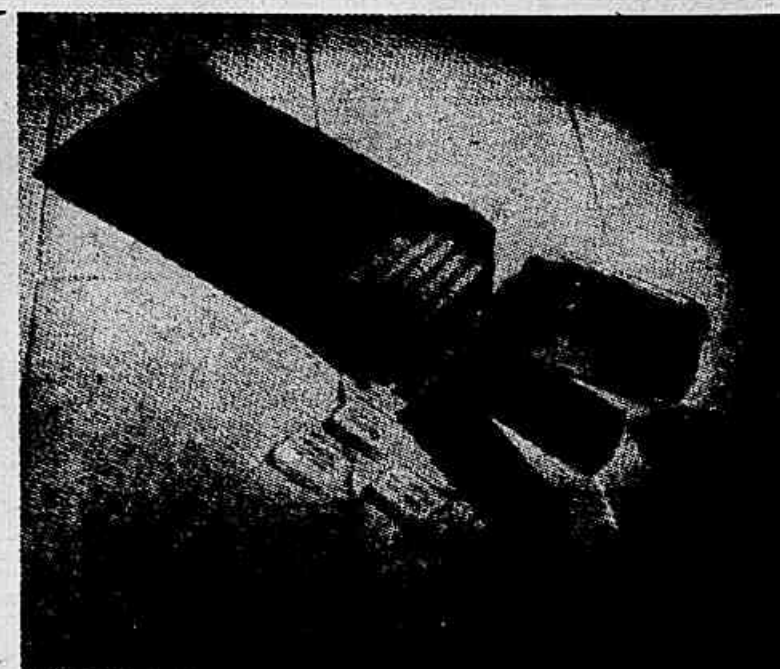
30% das calorias são obtidas dos cereais. Ainda assim, em três habitantes dos Estados Unidos, somente um come de acordo com o regime preconizado abaixo, embora a maioria pudesse fazê-lo se escolhesse criteriosamente seus alimentos. O pão e o leite são tão valiosos quanto os aspargos ou os concentrados.



A — Dispendiosa: esse belo jantar fornece um terço do alimento necessário para um dia (além de ferro e proteína, extra).



3) Economica: Estes alimentos também fornecem um terço das necessidades de um dia (adicionada a calcio e tiamino)



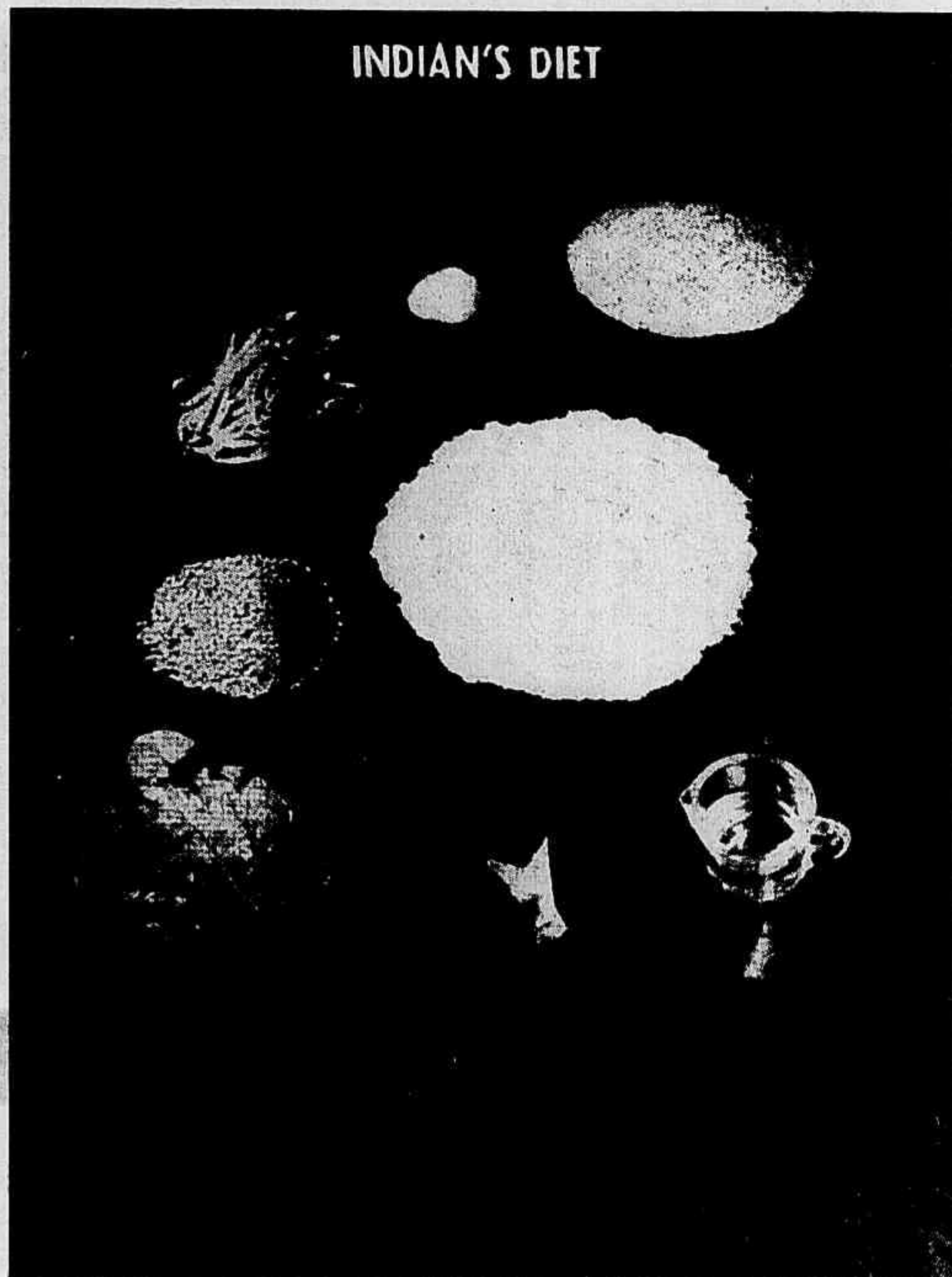
4) Concentrada: Eis aí a "Ração K" do Exército: carne, biscoitos de vitaminas, chocolate e açúcar. Todas três refeições contêm 1.148 calorias.

NEW ZEALANDER'S DIET



A alimentação de uma semana de um Zeelandês proporciona-lhe 3600 calorias diárias, quasi (mas não exatamente) a dieta padrão. É baseada na alimentação de um trabalhador urbano.

INDIAN'S DIET



A alimentação de uma semana para um trabalhador de Madrastra (Índia) lhe proporciona 2300 calorias diárias não compreendendo alimentos básicos em quantidade suficiente, como carne, leite e vegetais.

OS RESULTADOS DA ALIMENTAÇÃO

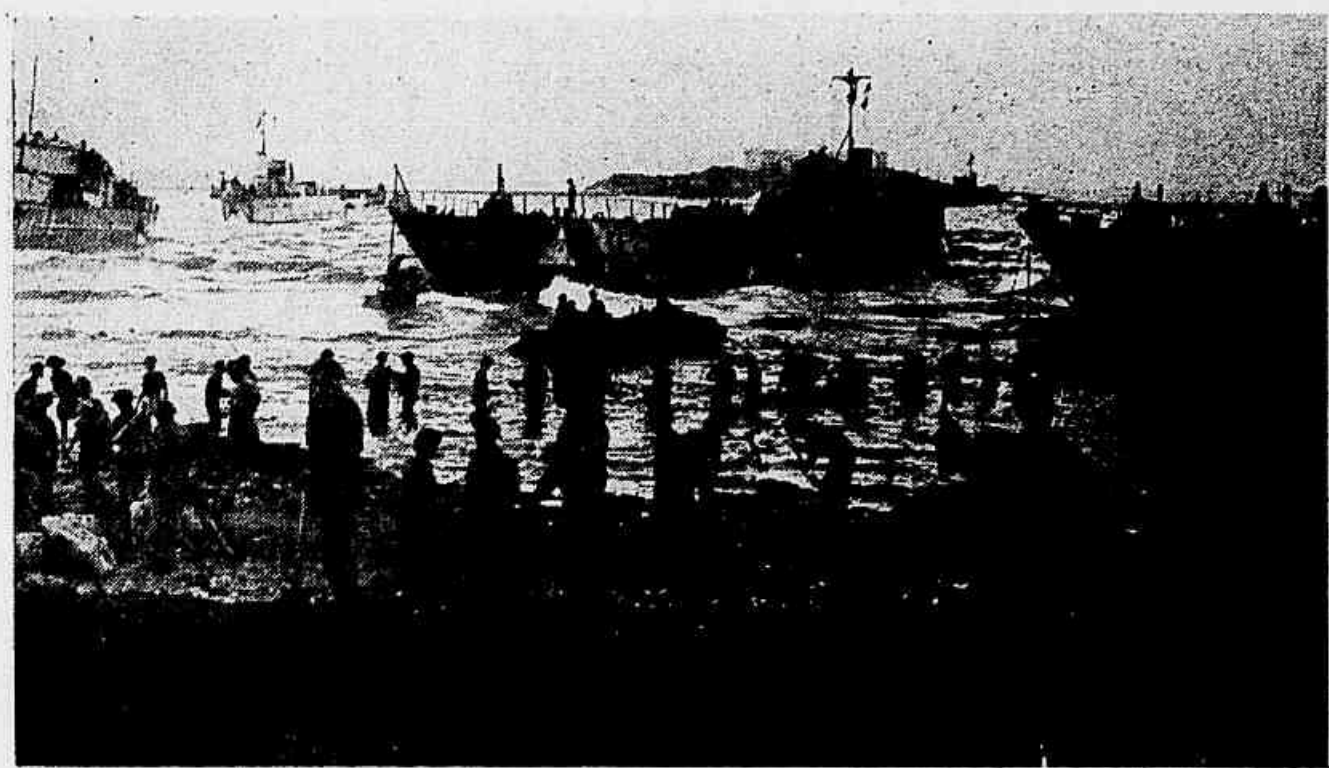
Estas fotografias mostram os resultados da alimentação na estatura e na saúde dos indivíduos. Confrontamos o Néio Zeelandês, o homem mais bem alimentado do mundo, e o Índú, o de regime alimentar mais deficiente. Vemos acima a alimentação semanal de ambos. No quadro abaixo podemos observar o resultado.

O Néio Zeelandês vive em média duas vezes e meia mais do que o Índú, sendo mais alto (12 centímetros em média) e bem mais pesado. Entre os primeiros a mortalidade por tuberculose é seis vezes menor. Resta saber se o Índú, obedecendo ao regime alimentar de um Néio Zeelandês, seria tão alto e tão forte como este. O fato é que alguns Índús, como os Sikhs, que têm um regime alimentar adequado, são em média tão altos como os povos ocidentais de maior estatura. Talvez que para os Índús a saúde e a longevidade, comparáveis à dos povos ocidentais, sejam apenas uma questão de higiene e de alimentação.

	← NÉIO-ZEELANDÊS	INDÚ →
Peso.....	154 LB	120 LB
Altura.....	68¼ in.	63 in.
Longevidade.....	65 anos	27 anos
Taxa de morte.....	9.2 por 1.000	21.8 por 1.000
Mortalidade pela tuberculose..	39 por 1.000	232 por 1.000
Mortalidade infantil.....	31 por 1.000	167 por 1.000



Flagrantes da Guerra



Durante a invasão do continente Europeu pelos Aliados os soldados da vanguarda com água pela cintura, procedem ao descarregamento do material bélico. Enquanto isso, na praia, as estradas são preparadas para a passagem do tráfego.

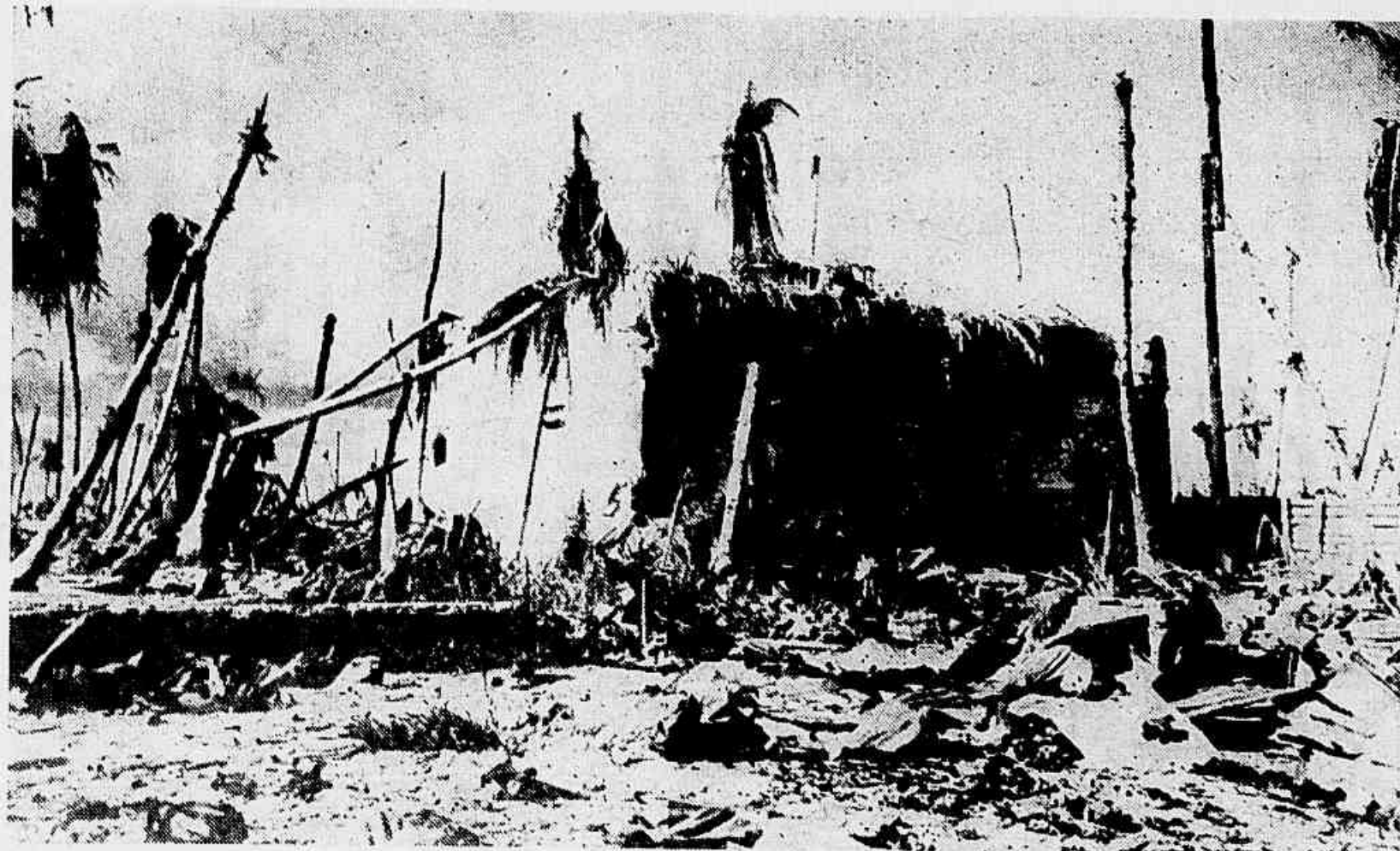


As tropas russas atravessam o Dnieper em perseguição dos nazistas. As tropas nazistas achavam-se em face de um iminente desastre ao sul da Rússia.



Caindo dos céus como aves justiceiras, os Americanos tomam pé em território inimigo. O flagrante é da invasão da Sicília pelos Aliados.

O Presidente Roosevelt saúda o povo de Ottawa, durante a inspeção da guarda de Honra, composta de membros do Exército, Marinha e Aviação do Canadá.



O estado em que ficou o Quartel General dos Japoneses em Tarawa, depois de sofrer um tremendo bombardeio aliado que arrasou essa construção de concreto e aço, mostra bem a ferocidade da luta no Pacífico.



A mecanização foi a grande inovação desta segunda conflagração mundial. Além dos tanques que esmagaram a civilização de todo um continente, vemos aqui alguns carros blindados aliados, em alguma parte da África.

OS QUE NOS FELICITAM



Natal, 29 de Nov. 43
 Illmo. Snr. Diretor da
 REVISTA DA SEMANA
 Rio de Janeiro.

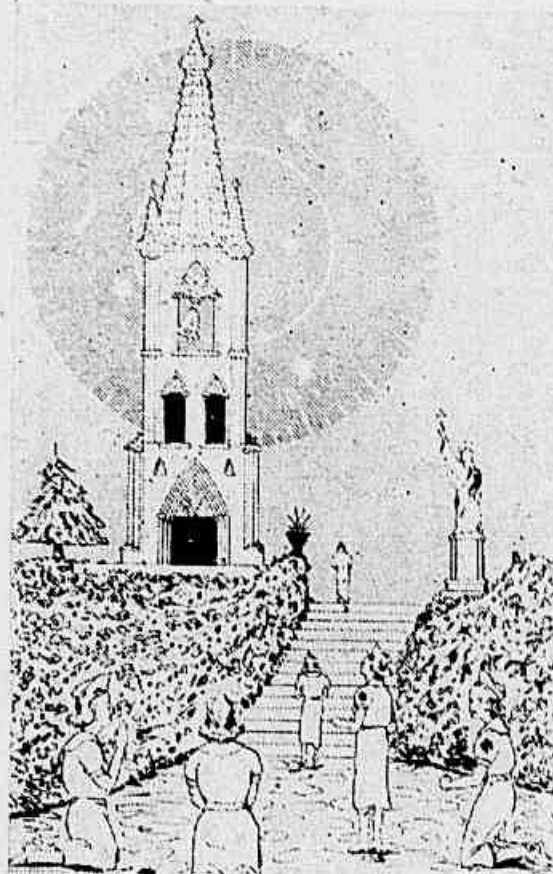
Prezado senhor.

Encontrando-me atualmente no Nordeste do Brasil, por ter sido convocado para o serviço ativo do Exército, dedico os meus momentos de folga ao desenho e, depois de ter enviado muitos para os jornais e revistas do meu torrão natal, lembrei-me de fazer um desenho especialmente para o número de Natal da REVISTA DA SEMANA, a qual compro sempre que aparece aqui no Norte, embora chegue com muito atraso.

E a REVISTA DA SEMANA, e outras aí do Rio, que nos dá um pouco de alegria e muita recordação nos traz do sul.

Certo de que será aceito, termino enviando os cumprimentos atenciosos de,

EDGARDO,



Delicado postal da Escola Ana Nery.

Edgardo de Castro Nunes Cabo 145 do IIIº. R. A. D. C. — Natal.

Reproduzimos à esquerda o desenho enviado pelo missivista.



Uma "charge" do Departamento de Publicidade da Light.



Pernoite de monção em Rio Pardo (quadro de H. Florence), Cia. Melhoramentos de S. Paulo.



O jasmineiro de Auta de Souza, postal de J. Alves de Melo, Natal.

- 1944

A quantos enviaram à REVISTA ou à Cia. Editora Americana cumprimentos de Natal deixamos consignados os nossos melhores agradecimentos de par com os votos de feliz ano novo:

Capitão Amílcar Dutra de Menezes, Diretor Geral do Departamento de Imprensa e Propaganda; Viúva Vicente Sant'Anna e filhos; Industrias Chímicas Duprat; C.F. Queiroz & Cia.; Klabin Irmãos & Cia.; Espana Paramés & Irmão; Otis Elevator Company; Sebastião Fernandes; Club dos Contadores; Diretoria do Club Militar; Bruno Manarino & Cia.; J. C. Eno (Brasil) Ltd.; Cia. Melhoramentos de São Paulo; Aliança da Bahia Capitalização; T. Janér & Cia.; Biondi, Antonini & Cia. Ltda.; Banco do Distrito Federal S. A.; Ateliers Esto; Gráfico Concentra Hartmann Irmãos S. A.; Casa Polidor; Centro Beneficente dos Motoristas do Rio de Janeiro; Edson Augusto dos Santos; Atlantic Refining Club; E. Barbosa; J. Mendonça; Banco do Comercio S. A.; Dois Mundos Editora Ltda.; "Livros de Postugi" Ltda.; Cia. Importadora Sueca Ltda.; Alberto De Carvalho; Diretoria do Centro Civico Major Sucupira; Banco Central; Radio Clube do Brasil; Albino Mesquita & Cia.; George W. Mattox; Linotipo do Brasil S. A.; Cia. Química Rhodia Brasileira; Companhia Lanston do Brasil S. A.; Brito Oliveira & Cia.; Moore Mc Cormack (Navegação) S. A.; Centro Carioca; S. A. Mercantil Anglo Brasileira; S. A. Prosper de Publicidade; Hercules da Silva Ribas; Sul America Capitalização; Nello Garavini; Escribano & Araujo; Arthur Sievers & Cia.; A. Santos Filho & Cia.; Associação Atletica Banco do Brasil; Escola de Enfermagem Ana Nery; British News Service; Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa; Agencia Continental; S. A. Radio Tupi; Dr. Carlos Gomes de

Oliveira, Presidente do Instituto Nacional do Mate; O observador Economico e Financeiro; Mc Cann Erickson Corporation of Brazil; José Candido de Moraes Neto; Publicidade Para Todos; Manuel G. Larcano; Industria de Tintas e Vernizes Cottomar Ltda.; Zello Valverde; E. Wolff; Clube Ginastico Português; Empresa de Propaganda Poyares Ltda.; Mme. Campos, da Academia Científica de Beleza; Sociedade dos Auxiliares da Imprensa; Dr. Clementino Fraga, Presidente da Cruzada Brasileira Contra a Tuberculose; Carmem Brown; Grant Anuncios S. A.; Banco Americano de Credito S. A.; Metropole (Companhia Nacional de Seguros Gerais e Acidentes de Trabalho); Empresa de Publicidade "Pubrasil" Ltda.; Lar Brasileiro; Agencia Pestana de Transportes Ltda.; Dr. Heitor Beltrão, Presidente do Tijuca Tennis Clube; Sr. Jean Desy, Embaixador do Canadá; o poeta Robespierre de Mello; Oficina Grafica Mauá Ltda.; Imper Ltda.; A Equitativa dos EE. UU. do Brasil; Associação dos Sub-Oficiais da Armada; Vidraçaria Nacional; Empresa de Publicidade Ecletica; Empresa de Propaganda Standard Ltda.; Cia. Internacional de Seguros; Casa Nunes; Industrias Químicas Tonkil Ltda.; Teodor Popovici e Prefeitura Militar de Deodoro; Moacyr Nogueira, de Curitiba; Empresa Arco Ltda., de São Paulo; G. Henrique Valverde, da Organização "Recortes" de Montevideo; José Assis Vieira, de Pombas, Minas Gerais; José Garcia de Barros, de Batatais, São Paulo; Paulo A. Petta de Campinas, São Paulo e Alfredo Souza, da Bahia.

Recebemos de J. C. Eno um vidro de Brylcreem (fixador de cabelo) e outro do Sal de Frutas "Eno" laxante estomacal; do Instituto do Mate, 5 barris



M. Guilherme mandou vistas de Fortaleza nas letras C E A R A.

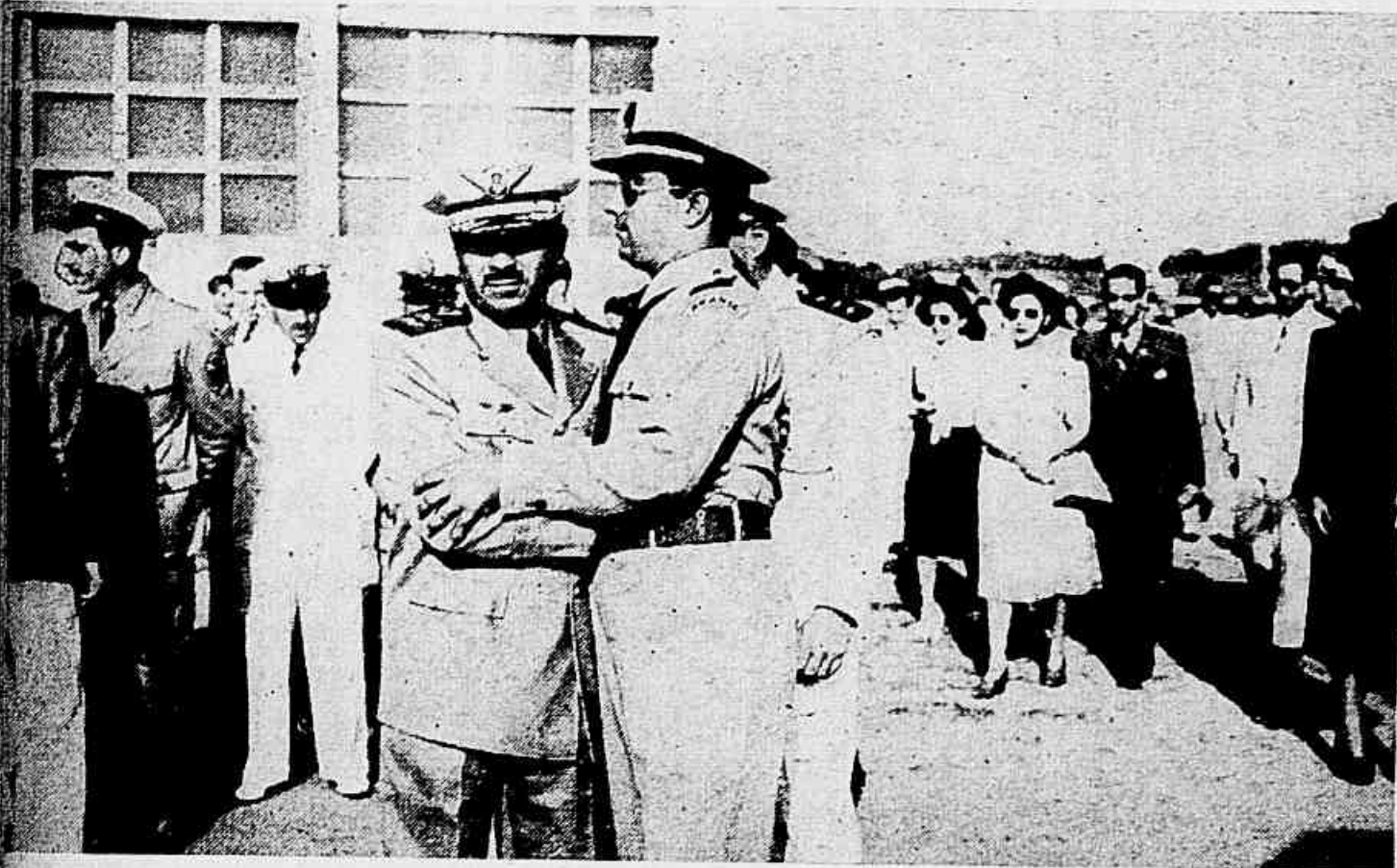
de mate brasileiro, e folhinhas da Cia. Internacional de Seguros, da Papelaria Botelho (Heitor Coupé & Cia.); de Gon-



Raul, o inconfundível.

çalves Fonseca (Óleos e Lubrificantes); de S. Excia. o Sr. Ministro Plenipotenciário da Polónia, Sr. Taddée Skwronski.

A FAB NA GUERRA



O CAP. JOEL MIRANDA ABRAÇA, ANTES DA PARTIDA O TENENTECORONEL PRATA.



O MINISTRO SALGADO FILHO CUMPRIMENTA O CAP. GIBSON JAQUES. A' DIREITA VEMOS O MAJOR NERO MOURA, CTE. DO GRUPO DE CAÇAS.



O EMBAIXADOR BRASILEIRO CUMPRIMENTANDO MR. OLIVER LYTTETLTON, QUANDO ESTE CHEGAVA PARA O BANQUETE.

No momento em que as Nações Unidas se preparam para desfechar o golpe de morte nos inimigos da civilização, sente-se em todo o mundo a atmosfera de grande agitação que precede os momentos supremos.

O Brasil é incontestavelmente, em todo o mundo latino, o país que mais intensa e entusiasmamente coopera com as forças da Liberdade.

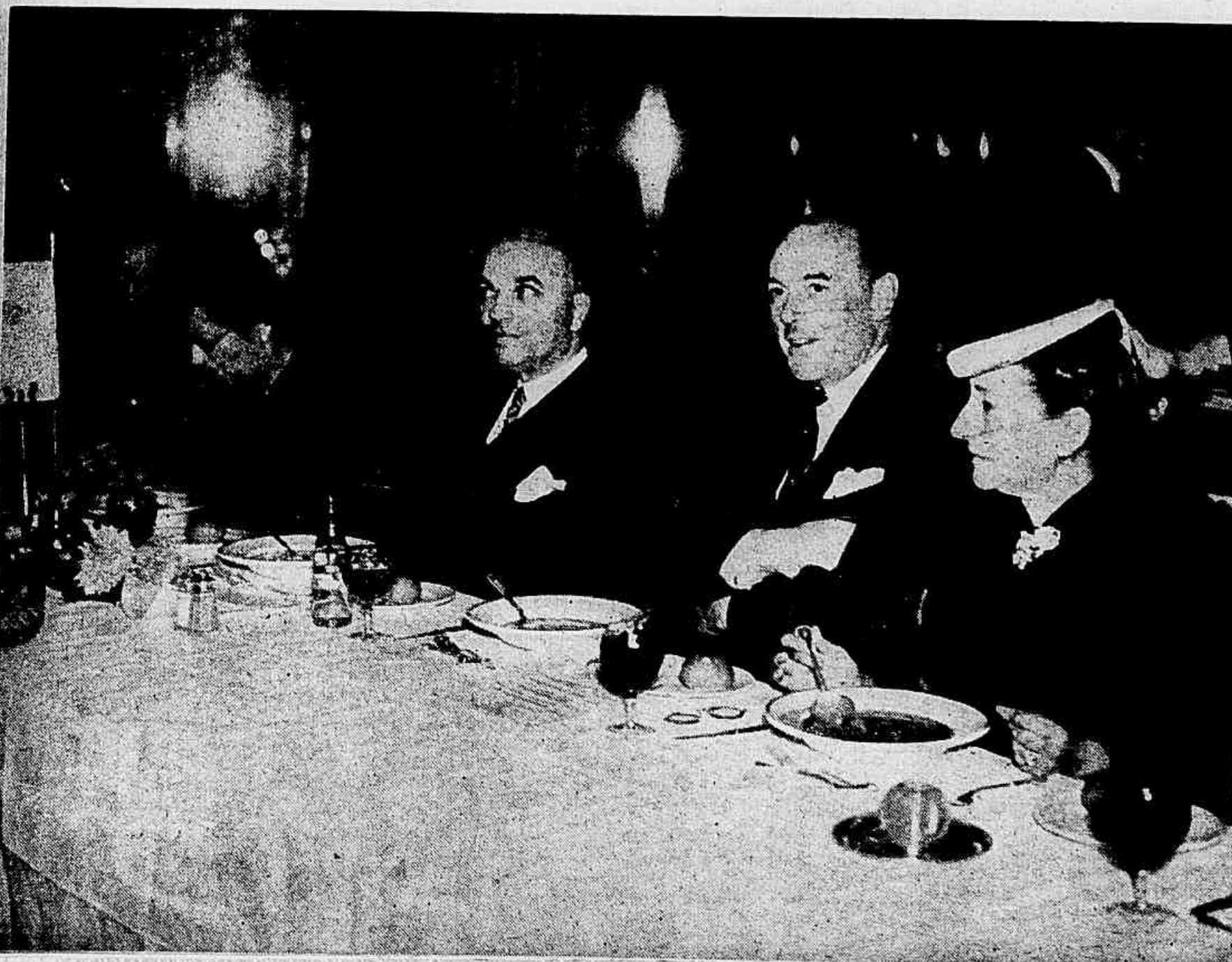
Abraçamos uma causa e saberemos defendê-la com o ardor e a lealdade que sempre demonstramos em nossas atitudes.

Nossos oficiais organizam os planos e entram em enterdimento com os chefes militares das Potências Aliadas, enquanto nossos jovens seguem para o front onde defenderão os ideais comuns a todos os povos amantes da liberdade.

Nesta página estampamos expressivos flagrantes da partida dos nossos aviadores para a América do Norte, onde aperfeiçoarão seus conhecimentos, partindo depois para o front de combate.

As asas do Brasil sobrevoarão a Europa e estes jovens, sob a orientação segura de seus chefes, saberão mostrar ao inimigo seu arrojo e determinação.

MR. OLIVER LITTELTON, COM O EMBAIXADOR DO BRASIL E SUA ESPOSA, DURANTE O ALMOÇO.



O CEL. SA' EARP, CHEFE DA MISSÃO DA FÁB, COM O AVIADOR REYNALDO DE CARVALHO, EM COMPANHIA DE LADY COOK.



A



S O MAJOR

o golpe de
ra de grande

mais intensa

ealdade que

m os chfcs
ont oi de de-

os aviadores
tindo depois

ão segura de

DA MISSÃO DA FAB
VALHO, EM COMPAN-



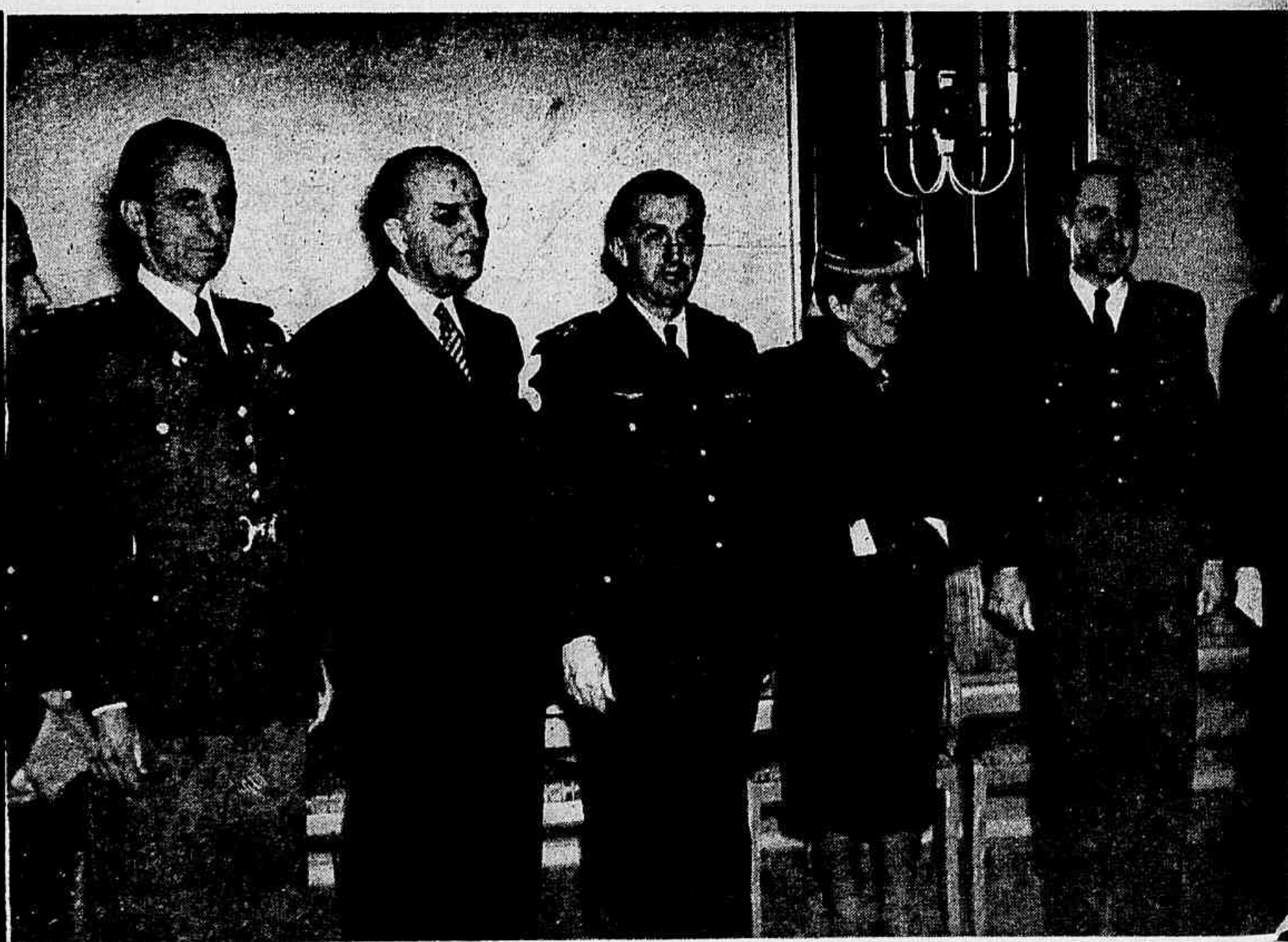
PRONTOS PARA A PARTIDA — NO AVIÃO EM QUE VOARÃO ATE' OS ESTADOS UNIDOS, VEMOS A' ESQUERDA, DO FUNDO PARA A FRENTE: CAP. FORTUNATO, TENENTES THEOBALDO KEPP, NEIVA DE FIGUEIREDO; A' DIREITA: CAP. NEWTON LAGARES DA SILVA, TNTE. PAULO PRADO, CAP. BERALDO, TNTE. LUCIDIO CHAVES.

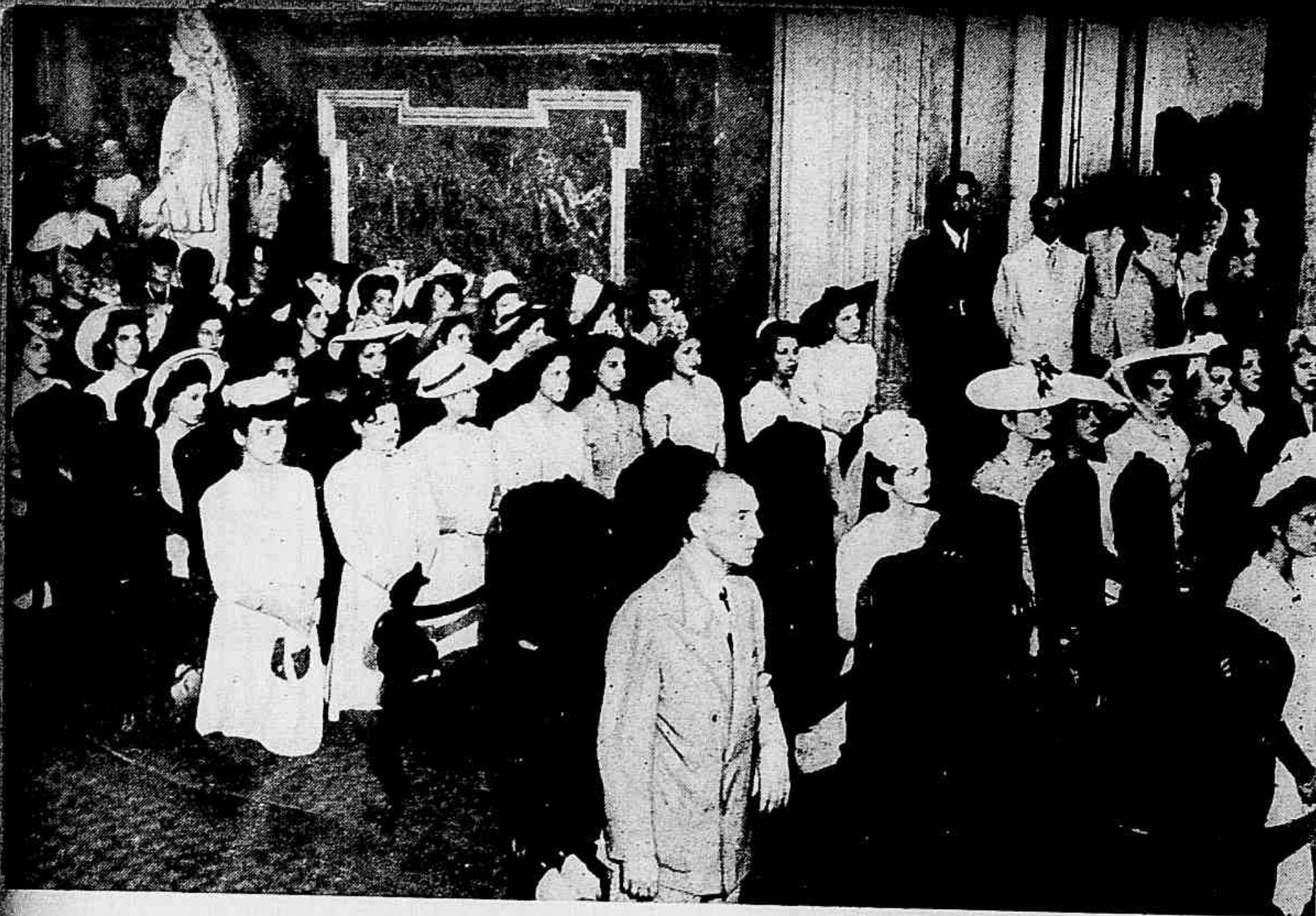
Vemos tambem alguns flagrantes do almoço oferecido pela Sociedade Anglo-Brasileira em Londres e patrocinado por S. Excia. o embaixador Moniz de Aragão, e no qual foi hospede de honra Mr. Oliver Lyttelton.

Compareceram ao almoço diversos oficiais brasileiros presentemente em Londres integrando a missão da FAB, naquela capital.

RES (A' ESQUERDA) E O TNTE. CORONEL
EXCIA. A EMBAIXATRIZ DORA MONIZ DE ARA-

APARECEM NA FOTOGRAFIA, DA ESQUERDA PARA A DIREITA: O CORONEL BRILHANTE, ADIDO MILITAR EM LONDRES, O EMBAIXADOR MONIZ DE ARAGÃO, O CEL. SA' EARP, CHEFE DA MISSÃO DA FAB EM LONDRES, S. EXCIA. A EMBAIXATRIZ DORA ISABEL MONIZ DE ARAGÃO, O TNTE. CORONEL REYNALDO DE CARVALHO E LADY COOK.





Quizeram as diplomandas dos cursos de Ginásio do Colégio Feminino do Instituto La-Fayette dar graças a Deus pela vitória nos estudos e, para tanto, mandaram rezar missa na Igreja da Candelária, a que compareceram o professor La-Fayette Côrtes, Diretor Geral, Famílias de alunas, professores e muitas pessoas gradas.

QUANTAS esperanças ao findar o ano! Espera-se a paz no mundo e maior tranquilidade na Família, na Pátria e na Sociedade em geral! Esperam-se surpresas agradáveis, maior doçura nas almas e maiores proventos do trabalho honrado... Nota-se na mocidade otimismo e mesmo alegria insopitável com o findar do ano. Os que estudam, recebem o prêmio justo e os que trabalham aguardam a realização de esperanças e sonhos há muito acalentados.

No Instituto La-Fayette o findar do ano foi uma alvorada linda no coração dos moços.

Do curso primário aos cursos mais avançados, o secundário, os técnicos de comércio e os da Faculdade de Filosofia, foi um continuar festivo de despedidas, onde, a par com as alegrias pela vitória nos estudos, se notava acentuada esperança na vitória esplêndida do Brasil.

Foi particularmente interessante a festa de despedida do curso primário, a primeira realizada. Muito significativa a despedida do curso complementar, últimas turmas da lei Francisco Campos.

A solenidade de colação de grau, nos cursos técnicos de comércio do Instituto La-Fayette, levou ao recinto dos salões de réctas, uma luzida assistência.

Não menos concorrida que as anteriores, foi a solenidade dos ginásios da 4.ª série que receberam os diplomas de licença e os prêmios pelo rendimento dos trabalhos.

Nessa solenidade, a que compareceu, entre outras autoridades, o representante do Sr. Presidente da República, foram entregues ao professor La-Fayette Côrtes bonus de Guerra adquiridos pelos alunos, para que chegassem às mãos da Diretora da Divisão do Ensino Secundário, em favor da Campanha organizada por essa Divisão.

ESPERANÇAS DE HOJE, REALIDADES



A Diretora do Departamento Feminino, D. Alzira Lopes Côrtes, distribuindo prêmios, na solenidade de despedida dos alunos primários do Departamento Preliminar do Instituto La-Fayette, tem, para cada crença, uma palavra de bondade e de animação...

...enquanto a assistência contempla, com alegria, a alegria das crianças, naquela linda festa de fim de ano, no Instituto La-Fayette, que estabeleceu um grande padrão de ensino do mais elementar — o Jardim da Infância, ao mais elevado — a Faculdade de Filosofia.



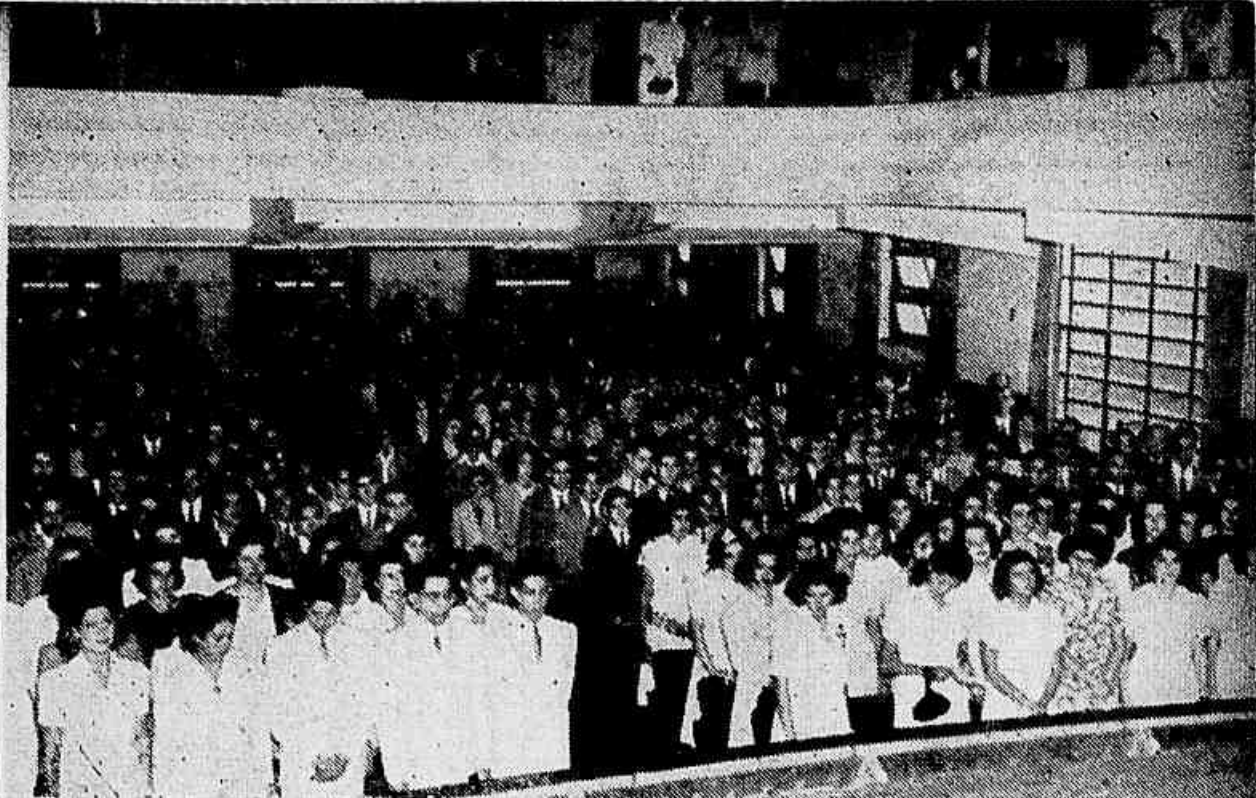
A mocidade torna-se eloquente, quando educada para vencer o bom combate pelas causas justas da vida. Nas festas de despedida no Instituto La-Fayette, as últimas turmas do curso complementar falaram pela palavra dos oradores escolhidos e paraninfos eleitos.



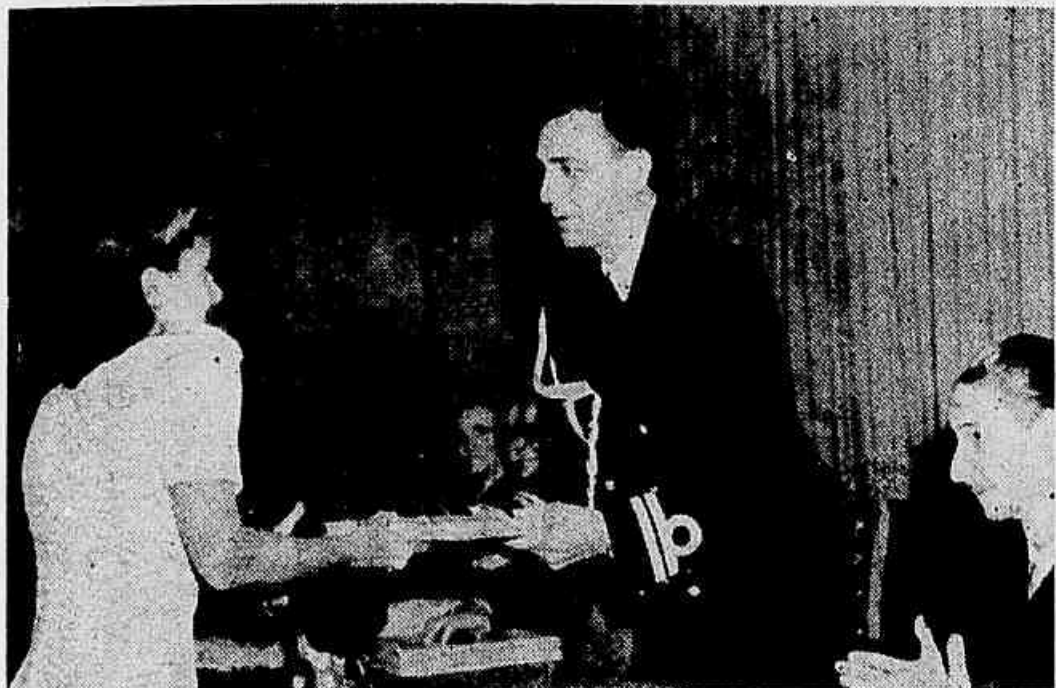
DE AMANHÃ



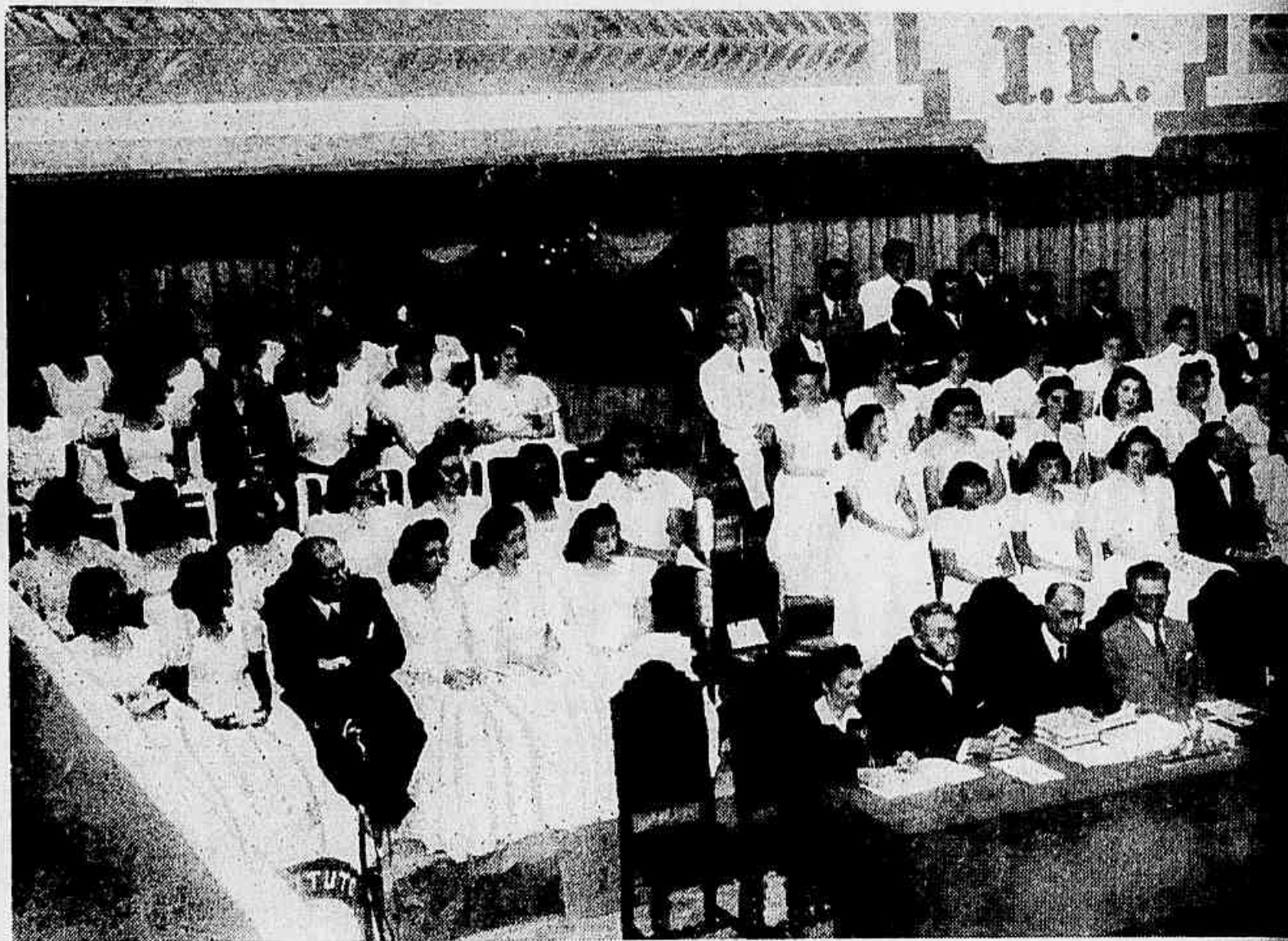
O professor La-Fayette Côrtes recebe das mãos dum aluno bonus de guerra para a campanha organizada pela Diretoria da Divisão do Ensino Secundário, sendo este um dos números mais interessantes da festa dos ginásianos.



E a assistência á festa dos ginásianos, após as demonstrações de tanta significação cívica, ouve, de pé o hino nacional. Exaltados sejam os que educam, porque é pela educação dos moços que as nações se afirmam.



O comandante Abelardo Matta representou o Sr. Presidente da República na solenidade dos ginásianos que completaram os exames de licença no ano findo e fez a entrega de prêmios aos alunos mais distintos das várias turmas dos departamentos do Instituto La-Fayette.



O preparo técnico dos moços é problema que sempre preocupou a direção geral do Instituto La-Fayette. As Escolas de Comércio dessa casa de ensino muitos elementos de valor têm fornecido, ao comércio e à Indústria no Brasil. Neste fim de ano, os Departamentos Masculino, Feminino e Misto apresentaram turmas de contadores e de secretários que se mostravam confiantes na vitória.



Oradores escolhidos pelas turmas de ginásianos e os parvínhos eleitos reafirmaram as esperanças na vitória do Brasil.

Deixaram, pois, agradável impressão as despedidas dos estudantes do Instituto La-Fayette nesse fim de ano. Os estudantes!... Esperanças de hoje, realidades de amanhã!...

Aliás, a alma da cidade nas festas de Natal e Ano Bom é a mocidade despreocupada. Os velhos, esses, com o saber de experiência feito, contemplan mais as desgraças presentes do mundo e temem o futuro dos filhos e netos.

Há, contudo, devaneios por toda parte, mesmo sob o guante da desgraça. Um ano que finda e o ano bom que começa...

Quantas esperanças pelo mundo afora!... A paz na Família, na Pátria e na Sociedade em geral!... Surpresas agradáveis!...

Maiores proventos do trabalho honrado e maior doçura na alma rude do homem!...

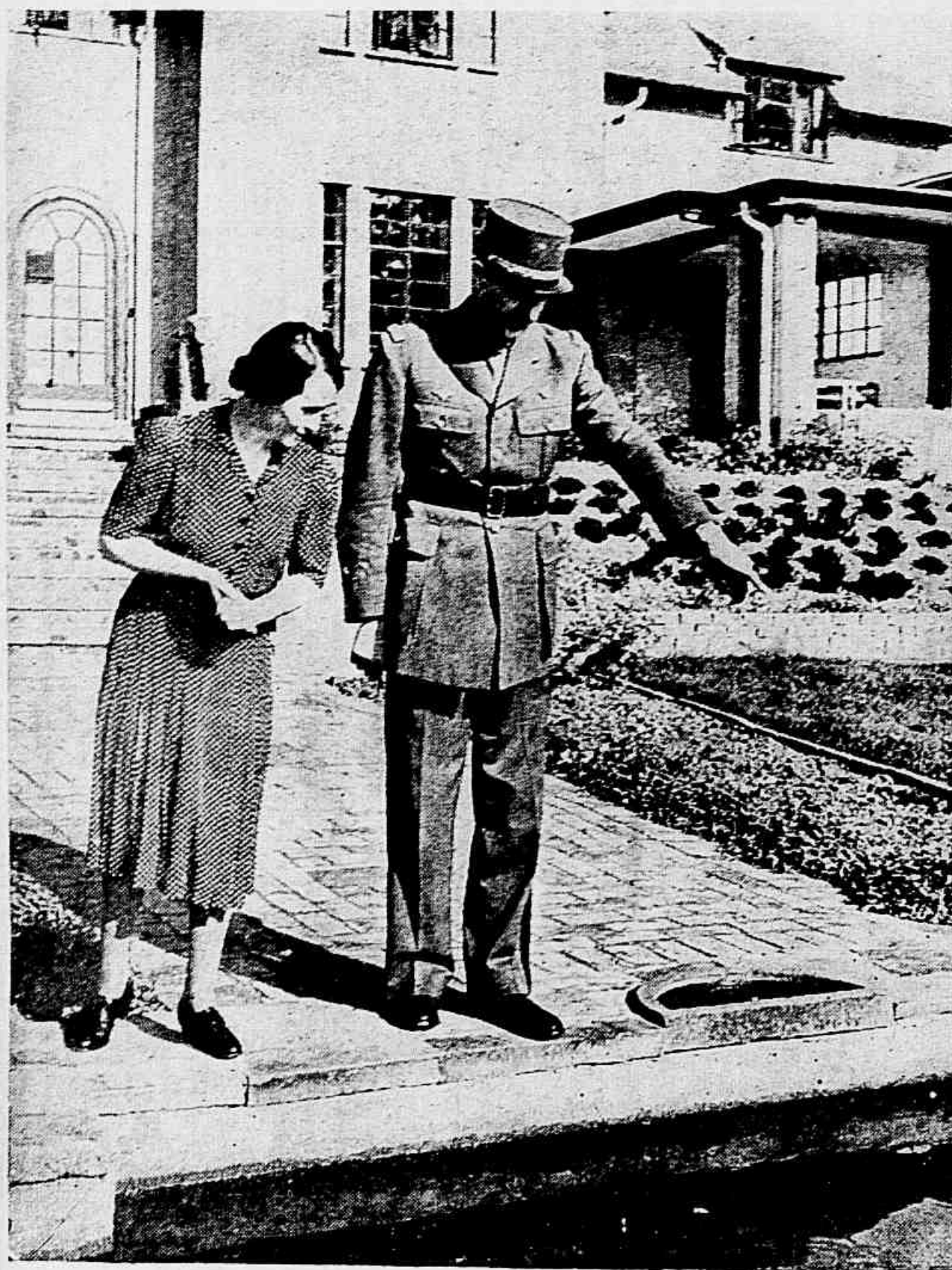


As alunas do Colégio Feminino do Instituto, que terminaram o curso de Ginásio, quiseram também contribuir com bonus de guerra para a campanha organizada pela Divisão do Ensino Secundário. E a comissão entrega, ao Professor La-Fayette, os bonus adquiridos para tal fim.



O Diretor Geral do Instituto La-Fayette., Professor La-Fayette Côrtes, distribui prêmios aos que mais se distinguiram no Curso Complementar, classes didáticas de Engenharia, Medicina e Direito.

NA INTIMIDADE DE DE



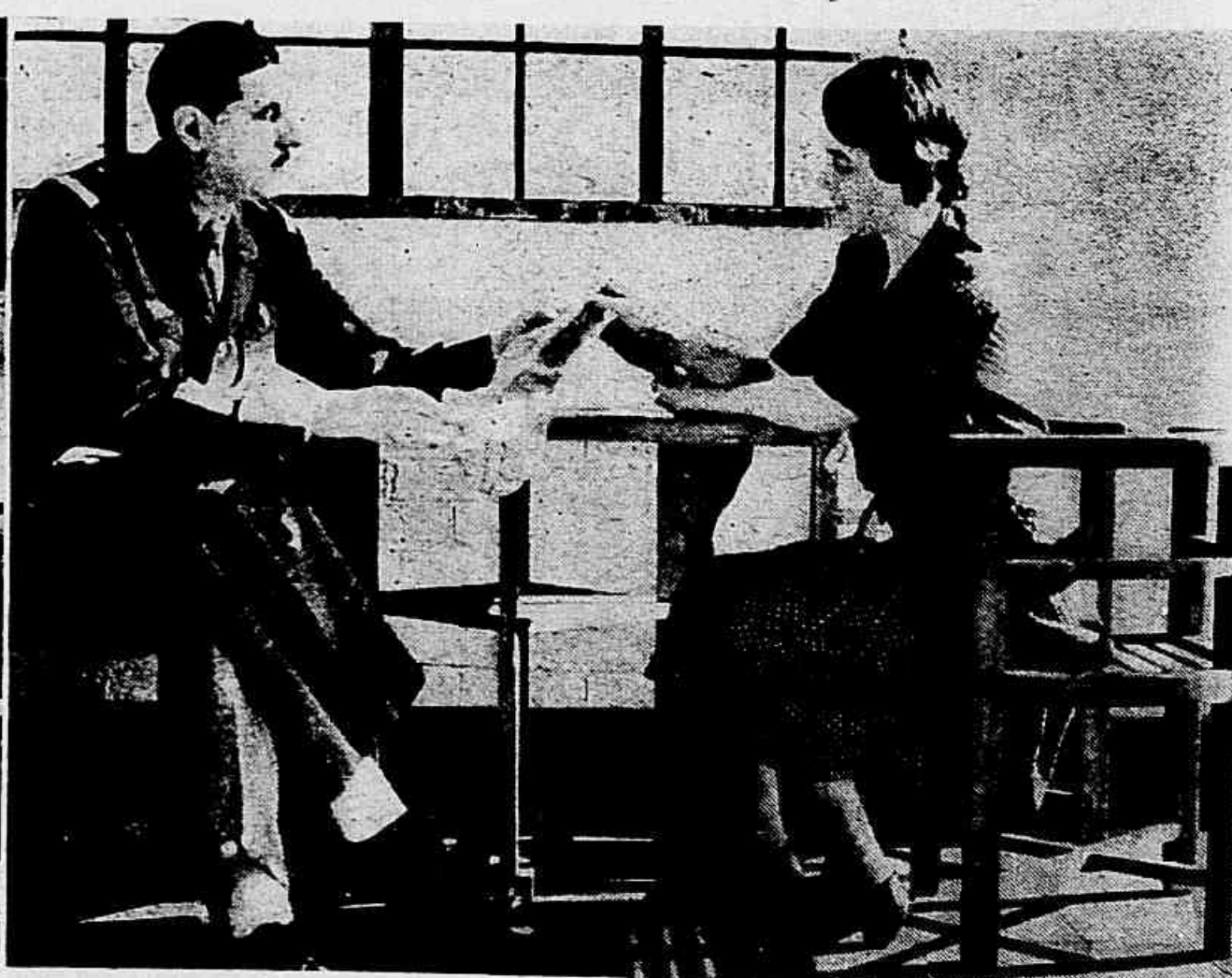
NO JARDIM. — Quando ele descansa, após longas discussões políticas e militares, o general De Gaulle, gosta de percorrer o seu jardim em companhia de Mme. De Gaulle. Vemos o casal admirando o lago que embeleza agradavelmente o jardim.



NO TERRAÇO. — O general da França Combatente pode permanecer por longo tempo na calma da sua residência. Vemo-lo aqui quando se dirige para o quartel, em Londres, dos franceses combatentes.



DITADO. — Madame Yvonne De Gaulle não é unicamente uma esposa, mas também secretária do General. Ela toma nota dos ditados, auxilia nos trabalhos literários, toma conta da casa, cozinha e cuida do jardim.



CRÍTICA. — Além dos seus muitos afazeres, Mme. De Gaulle ainda encontra tempo para contribuir com pequenos presentes para um maior conforto dos soldados. O general De Gaulle examina um par de meias que ela acabou de fazer.

GAULLE

O general Charles de Gaulle nasceu a 22 de Novembro de 1890 em Lille.

Admitido na Escola Militar de Saint-Cyr, ingressou em 1911 no 33.º de infantaria, regimento que escolheu levado pela admiração ao seu comandante, coronel Philippe Pétain, o futuro Marechal de França. Pouco depois veio a guerra. Ferido logo no início da luta, em Outubro de 1914, restabeleceu-se e voltou ao front para novamente em Março de 1915, já Capitão, tombar outra vez ferido na Champagne.

Um ano mais tarde, na famosa batalha de Verdun, em combate corpo a corpo com o inimigo, cai gravemente ferido pela terceira vez.

Feito prisioneiro é citado na ordem do dia do Exército pelo general Pétain, em termos muito elogiosos.

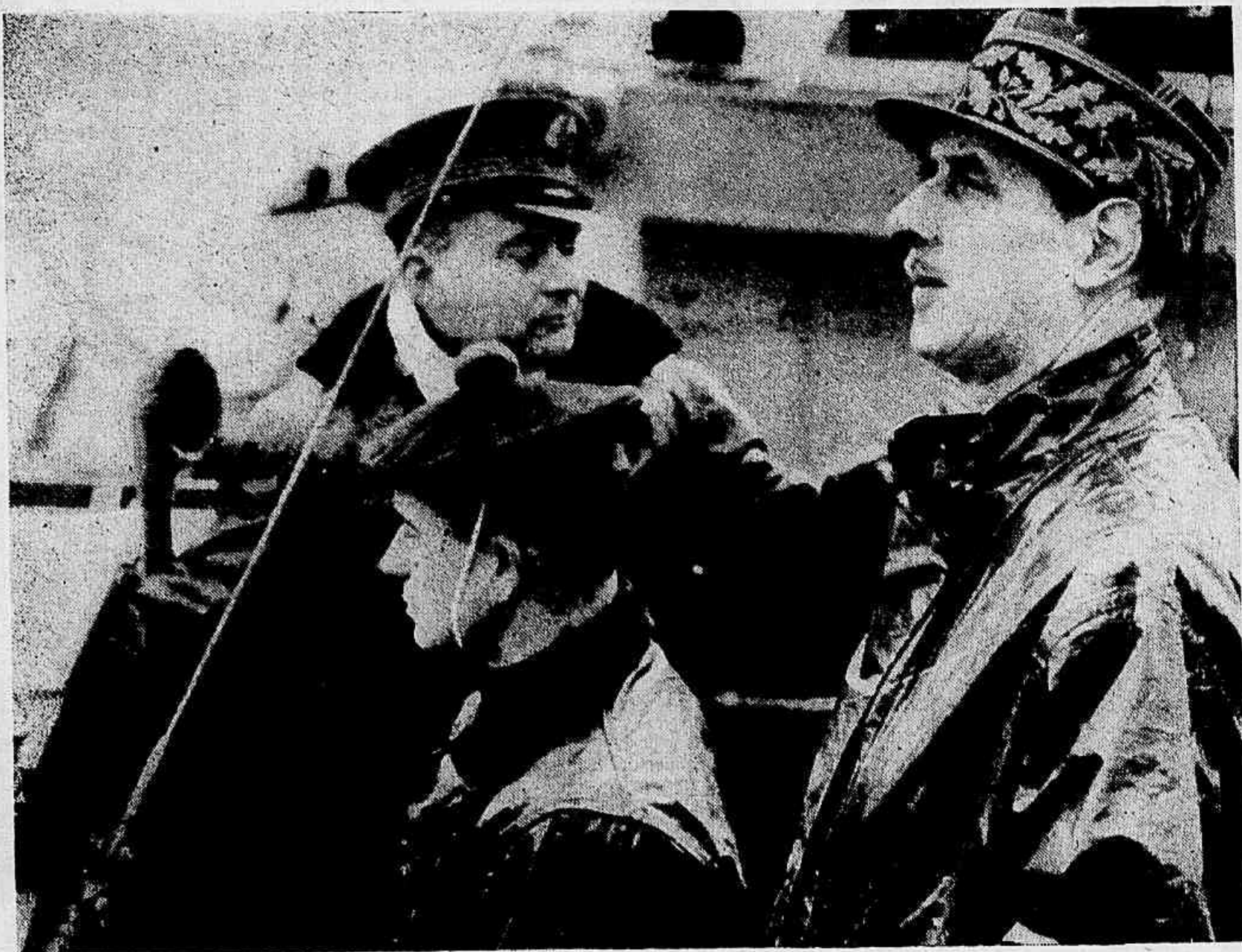
Cinco vezes tentou evadir-se mas, sempre identificado pela estatura, não conseguiu realizar seu intento.

Depois da primeira Grande Guerra o capitão De Gaulle foi nomeado professor de História na Escola Militar de Saint-Cyr. Recebido na Escola de Guerra, sai diplomado Oficial de Estado Maior. Foi então que, pela primeira vez, manifesta-se contra os métodos obsoletos da tática militar francesa.

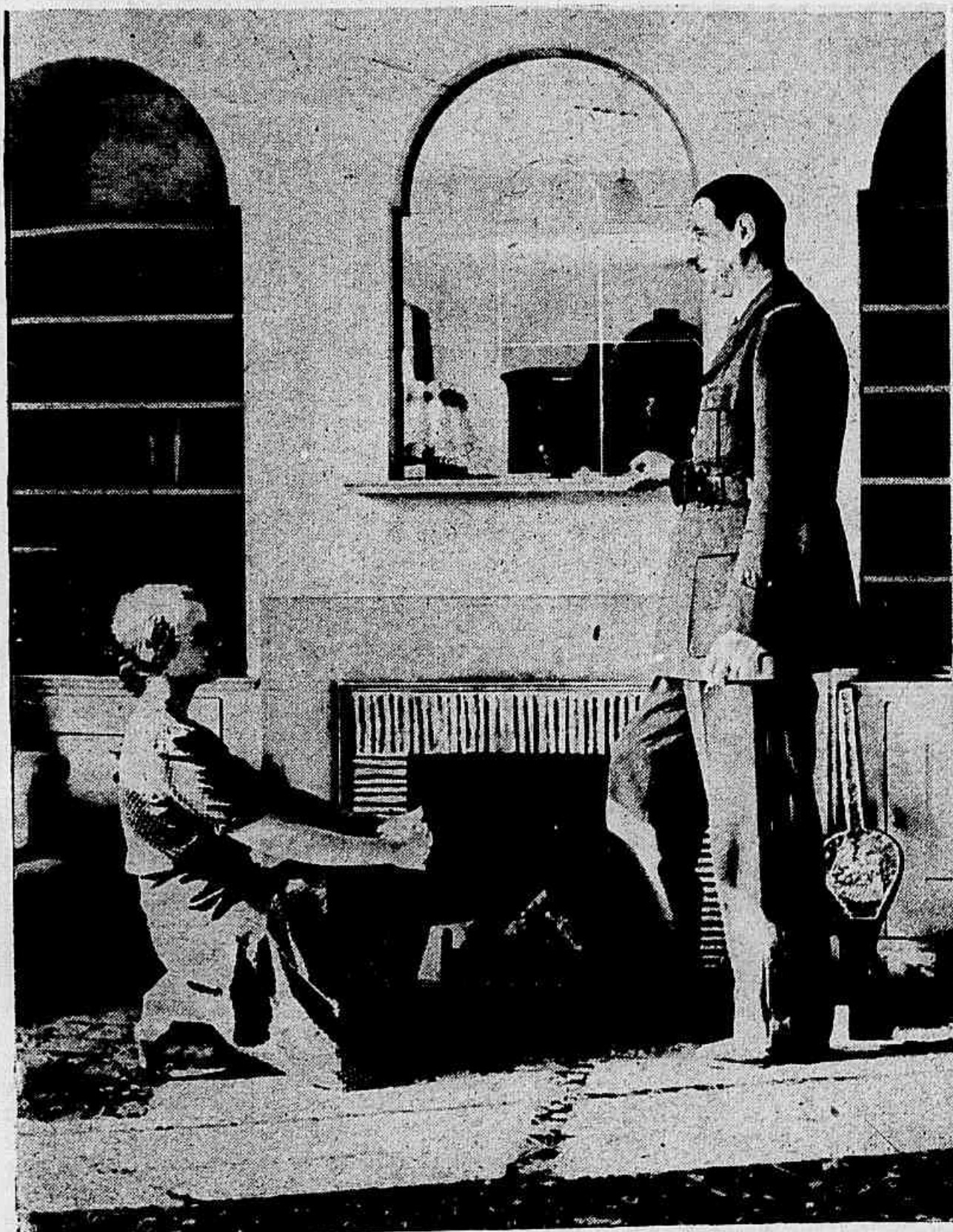
Interessando-se pelas suas doutrinas, o marechal Pétain o nomeia encarregado dos Cursos da Escola de Guerra. Depois de varias missões no estrangeiro, em 1932, é nomeado Secretário Geral do Conselho Superior da Defesa.

Ocupa esse posto durante 4 anos, sendo em seguida designado para servir um ano no Centro de Altos Estudos Militares. Esta nomeação foi ditada em vista dos livros que escrevera sobre a motorização do Exército.

Nomeado coronel em 1937, comanda o 507º Regimento de Carros de Assalto, em Metz, mais tarde em 1939, a brigada da mesma arma do 5.º Exército na Lorena. A 2 de Junho de 1940 comanda a 4.ª Divisão Blindada, sendo nomeado no campo de batalha, o mais



O general De Gaulle visita a marinha de guerra da França Combatente. O General (à direita) aparece na ponte de um barco torpedeiro, durante uma inspeção à frota de guerra que opera atualmente em águas Britânicas. O filho do General foi recentemente promovido a sub-tenente da Armada da França Combatente. A inspeção, durante a qual foi tomada esta fotografia teve lugar depois da histórica conferência de Casablanca.



ELEVADA ESTATURA. — Este flagrante nos dá bem uma idéia das razões que tornaram De Gaulle uma figura popular entre os seus colegas de St. Cyr. Mme. De Gaulle olha bem para o alto... até onde chega seu marido. Ela casou-se em 1920 quando De Gaulle era ainda um oficial obscuro.



EMBLEMAS. — O general e sua esposa estão olhando alguns dos emblemas e insignias usadas por ele e por seu filho Filipe. Muito embora tenha um grande número de condecorações, desta guerra e da passada, usa apenas uma aza de aviador na túnica e a Cruz de Lorena, que é o emblema da França Combatente.



ONDE ESTARÁ O GENERAL? — Mme. De Gaulle enxuga o prato usado na última refeição do marido. Esses pratos são ainda uma lembrança do tempo em que o general De Gaulle era um oficial desconhecido do exército da França.



PASSATEMPO. — No hall da sua residência em Berkhamstead, o general De Gaulle tem uma coleção de armas, espadas e espingardas de caça. Muita coisa perdeu-se em França, ... e não apenas da coleção.



UM EXEMPLO. — Mme. De Gaulle não em a seu serviço nenhuma empregada. Ela faz todos os serviços de casa e prepara para o marido todos os pratos preferidos. Como todas as mulheres francesas ela, é uma excelente cozinheira.

jovem General do Exército Francês, pelos sucessos alcançados em 17, 18, e 19 de Maio nas cercanias de Laon. É citado em ordem do dia pelo General Weygand, como "chefe admirável em astúcia e energia".

Seus sucessos na guerra e o acerto de suas profecias decidem Paul Reynaud a chamá-lo à meia noite de 6 de Junho. Recebido de madrugada, aceita o cargo de Sub-Secretário do Estado da Defesa Nacional e da Guerra.

Pouco depois vem o armistício. O General de Gaulle não hesita: deixa o território francês e torna-se a alma da resistência heróica da sua pátria.

Encontra-se com Winston Churchill e pouco depois estabelece o seu Q. G. em St. Stephens House, na Inglaterra. Condenado à morte pelo governo de Vichy, como traidor e desertor dedica todos os seus momentos à luta pela libertação da França, tornando-se o símbolo da resistência contra o jugo alemão.

Em Novembro de 1942 os Aliados desembarcam na África do Norte. Alguns meses depois, juntamente com o general Giraud, assume a co-presidência do Comité Francês de Libertação Nacional.

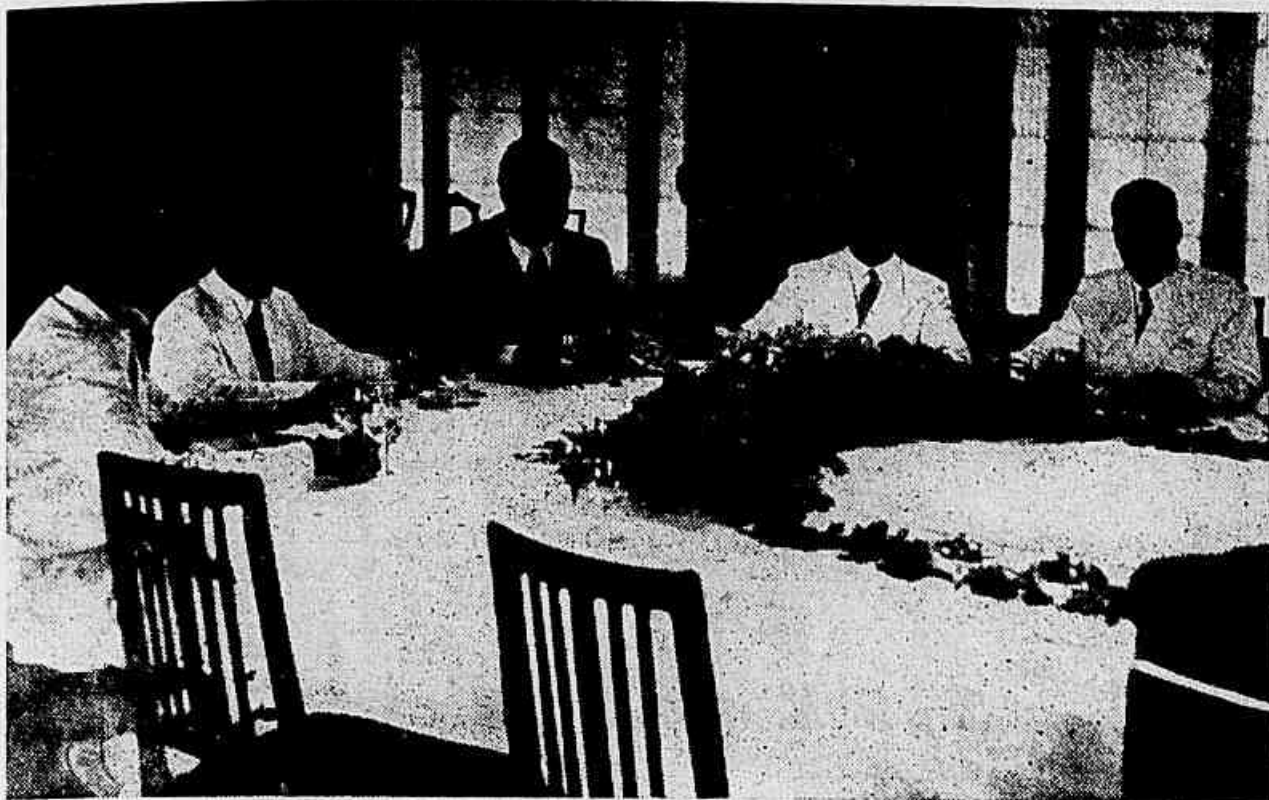
Com a saída do general Giraud, que passa a consagrar-se unicamente ao comando do Exército Francês, torna-se o Presidente do Comité de Argel e o responsável pelo destino da Pátria.

Atual líder da França Combatente, tornou-se, pela sua visão clara dos progressos da guerra moderna, um verdadeiro "profeta".

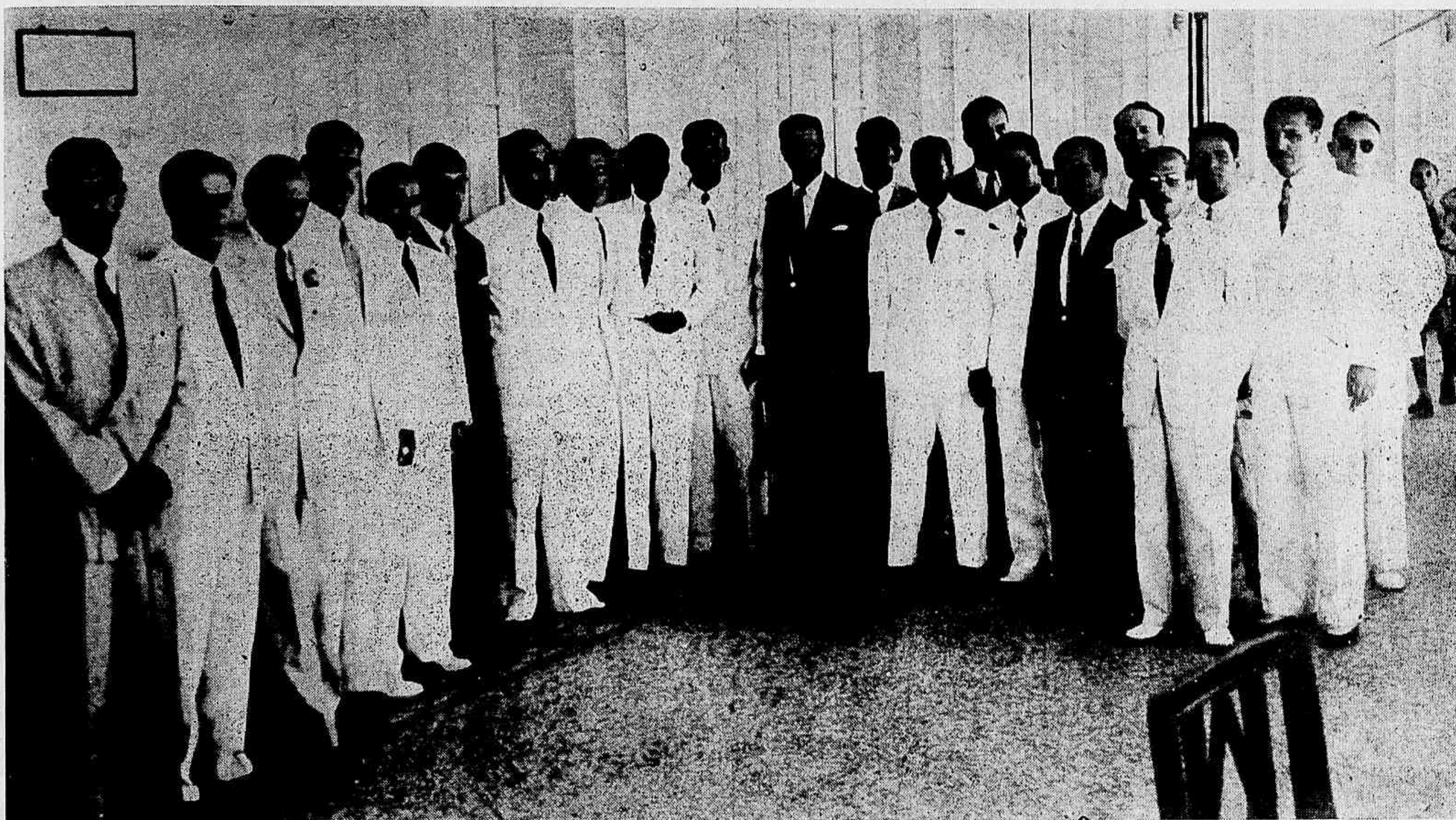
Quando os nazistas em 1940 irromperam através da "Linha Maginot" causando o aniquilamento da França, o general Alemão Heins Guderian, prestou um justo tributo ao homem de cujas teorias os alemães se aproveitaram para, desenvolvendo-as, planejarem o emprego dos tanques, com que se lançariam ao esmagamento de todo um continente.

Referindo-se a ele, disse o general alemão: "Este é um homem com quem aprendemos muitas coisas".

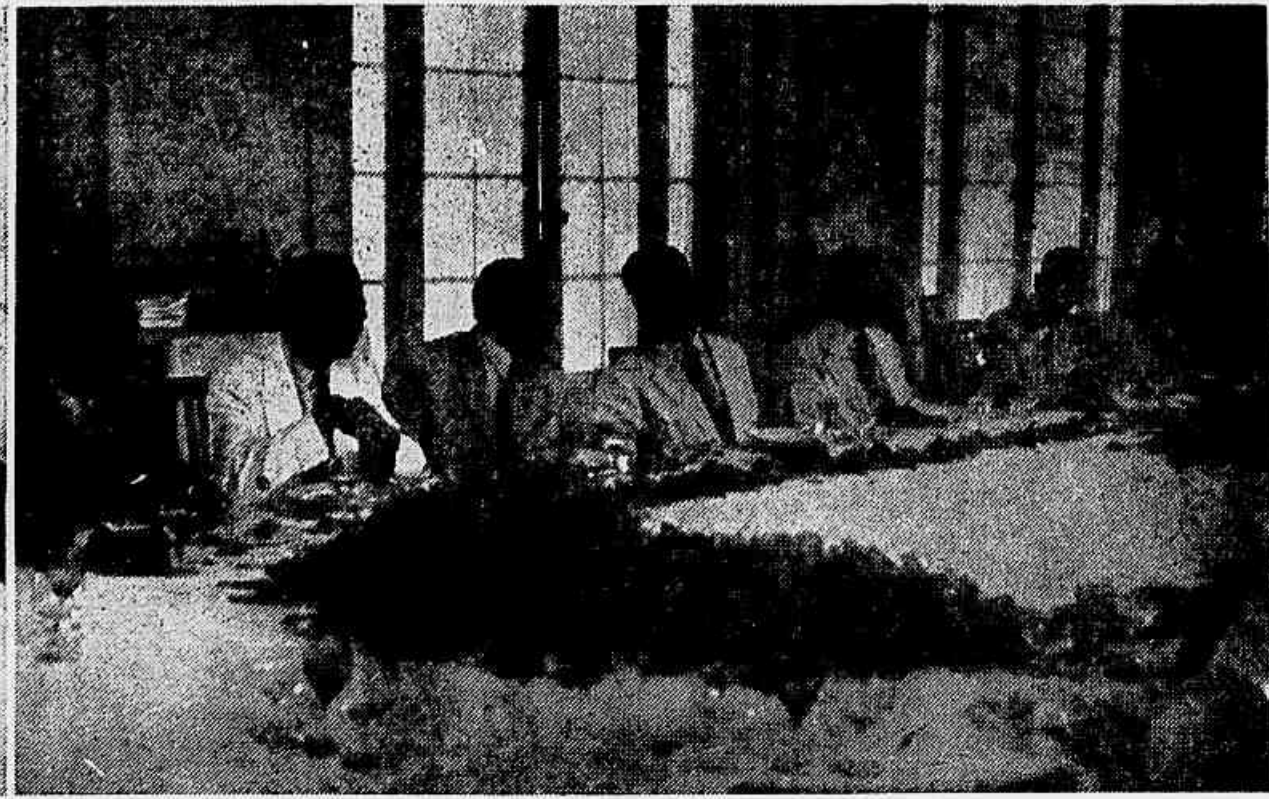
No exílio, sempre que pôde, procura as amenidades da vida no lar, em companhia de sua esposa e de seus dois filhos, Filipe, de 20 anos, oficial da Marinha da França Combatente, e Elisabeth, de 17, que frequenta ainda uma escola.



JOCKEY CLUB MUNDANO



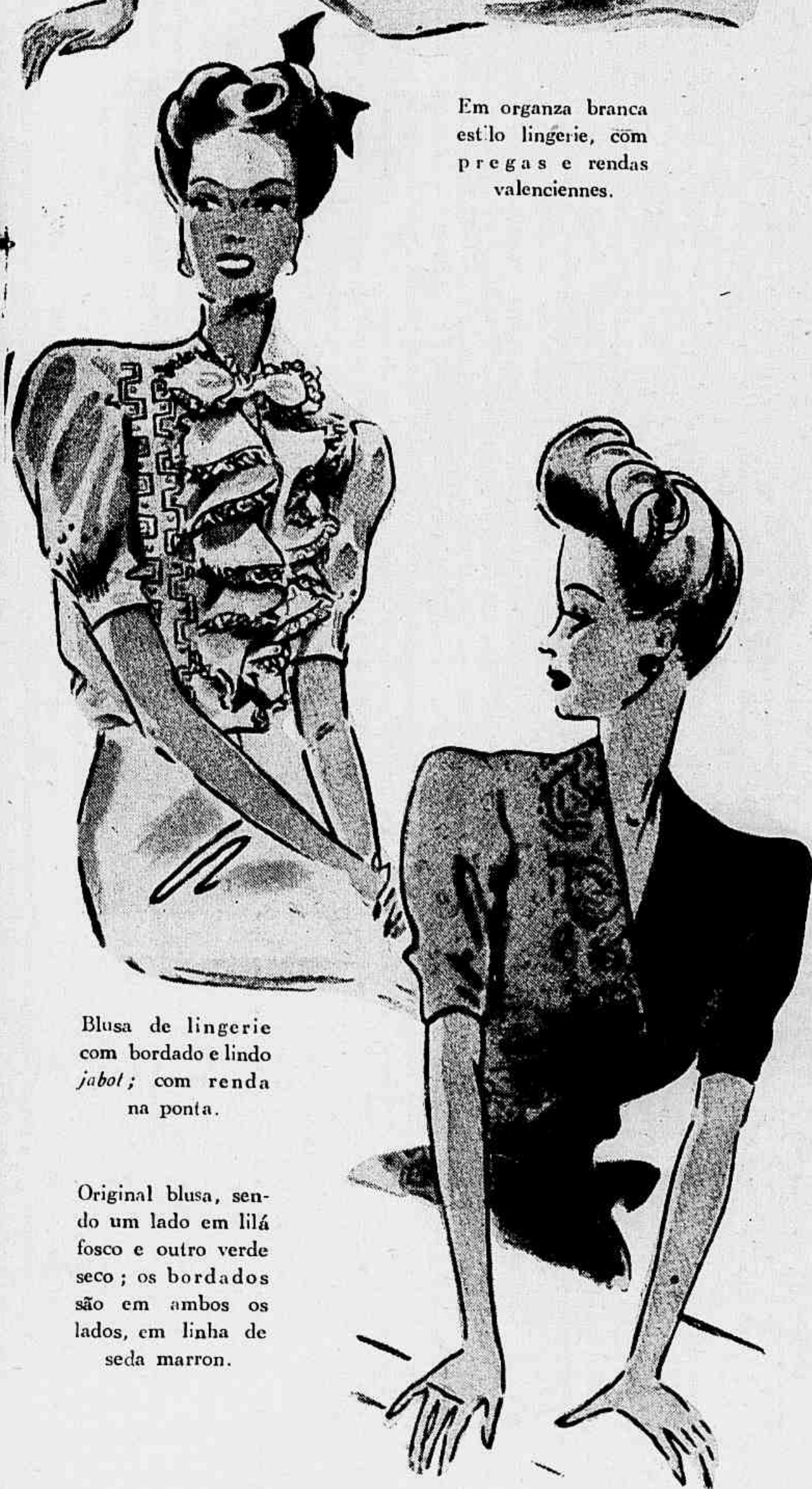
Vários aspectos do almoço oferecido no Jockey Club Brasileiro ao major-medico da Aeronautica Dr Uchôa Cavalcanti, diretor do Pronto Socorro da Base Aérea do Galeão, pelos oficiais medicos da Reserva da Aeronautica, que ali estão fazendo estagio. Ofereceu o almoço o Dr. Carlos Palhares, agradecendo o homenageado. Levantou o brinde de honra ao coronel Angelo Godinho dos Santos, Chefe do Serviço de Saude da Aeronautica, o Dr. Perilo dos Santos.



BLUSAS



Em organza branca
estilo lingerie, com
pregas e rendas
valenciennes.



Blusa de lingerie
com bordado e lindo
jabot; com renda
na ponta.

Original blusa, sen-
do um lado em lilá
fosco e outro verde
seco; os bordados
são em ambos os
lados, em linha de
seda marron.

Não cometa esse erro...

Dra. SILVIA ROGER

VISITA A ENFERMOS. Entre os deveres sociais, a visita a enfermos é dos mais delicados; suas regras obedecem a princípios que não visam simplesmente a etiqueta ou protocolo, uma vez que elas podem influir no estado do enfermo. Pessoas há cuja presença ou cuja palestra é um lenitivo ao doente; outras, ao contrário, irritam e incomodam. Só devemos visitar pessoas de nossa amizade; para aquelas que são simples relações sociais, basta uma telefonema ou um cartão de visita. O mesmo diremos de presentes e flores.

FLORES só se enviam a pessoas convalescentes ou parturientes, nunca a doentes graves; mesmo assim deve-se escolher flores de perfume suave, e em quantidade que não incomode no quarto. Isto em caso de estar o doente internado em "Casa de Saúde".

Para uma parturiente é mais adequado levar objetos que sirvam para o bebê.

BONBONS, BOLOS E FRUTAS só se levam a pessoas cujo estado de saúde sabemos que lhe permitirá comê-los.



Deixe o doente repousar, não o importune com conversas prolongadas...

As visitas nunca devem ser muito prolongadas, e si o doente não está passando bem elas devem abreviar-se o mais possível; caso o doente esteja proibido de receber visitas, não insista: basta que se aviste com pessoas da família e se informe do estado do amigo. Si é parente ou pessoa de intimidade deverá oferecer seus préstimos.

O TELEFONE poderá também informar de como vai passando o doente, mas nunca se deve abusar dele; também é desnecessário querer se comunicar com o enfermo, basta dar o seu nome, pedir informações e dizer que é seu desejo sejam elas consideradas como uma visitinha.

CONVERSAÇÃO. Não entre no quarto do doente, perguntando pela sua saúde, faça o possível por não falar em doenças a menos que o provoque o interessado; a conversa deve ser banal e alegre, de maneira a não causar nem obrigar a pessoa a nenhum esforço mental ou físico. Sente-se de modo a ser visto pelo doente, afim de não obrigá-lo a mover a cabeça. Não lhe faça perguntas seguidas, o doente prefere ouvir, pois isso cansa menos.

Não se mostre assustado, nem manifeste receios ante o estado ou abatimento do doente, pois isso lhe aumentará a depressão. É preciso não esquecer a grande influência espiritual sobre o físico.

Se é pessoa de sua intimidade, aborde sempre um assunto que você sabe lhe interessar particularmente.

O doente não terá que retribuir presentes ou cartas, mas apenas agradecer amavelmente.

PARA AS CRIANÇAS o procedimento do adulto tem uma grande importância, elas gostam de pessoas bem humoradas, que contem histórias. Os presentes podem ser de



Visitar doentes é um dever social, que requer alguns conhecimentos de certas regras indispensáveis.

preferência brinquedos, revistas ilustradas, livros também ilustrados, cadernos para desenho ou figurinhas para recortar. As guloseimas não devem ser dadas antes de prévia autorização dos pais ou parentes.

Isto é de um modo geral o essencial, no caso do qual nos ocupamos; contudo, acho que a delicadeza de sentimentos é um sexto sentido capaz de guiar a pessoa num caso qualquer fora do comum. Há criaturas de tão delicada sensibilidade que praticam atos verdadeiramente comovedores, assim foi com um garoto de 13 anos cuja irmãzinha estava há meses doente. Sabia ele que a mãe gostava de passaros; engendrou duas casinhas e pô-las na janela da doentinha; breve os passaros começaram a se aninhar e procriar e a pequenina seguia interessada dia a dia a vida dos seus hóspedes alados e canoros; isso foi um dos mais positivos e eficazes meios de cura para a doentinha.

Aquela suave alma infantil encontrou uma distração e interesse de vida no presente do seu irmãozinho, haurindo cada manhã, com a emoção de seguir a vida dos passarinhos, um hausto de vida também para si.

A alma das crianças está muito perto da alma de Deus.

Mo Teatro da Moda

WALLY.

AINDA E SEMPRE O AMOR

"Tu que fazes do amor uma aventura
Romantica e banal de cada dia;
Um pouco de embriaguez, um pouco
de loucura,
E um fingimento de alegria...

Tu que banalisaste pela vida
As emoções mais raras — mais sutis,
E que buscas em vão na fé perdida
Espalhar a impressão de que és feliz,

Por que não tornas a sonhar?...

Ana Amélia escreveu nestes versos as
mesmas impressões do amor que criaram
os mitos de Casanova e de D. Juan. So-
retudo este dicaz conquistador, que se
tornou o simbolo fantasma do amor-
aventura. Mozart, Byron, Molière, Hen-
ri Bataille, Rostand e até esse satirico

Shaw não fugiram ao encanto diabolico do sedutor de Sevilha; e si o D. Juan de
Molière é bem diferente daquele primitivo personagem de Tirso de Molina, porque
um é o instinto desenfreado e o outro é um cidadão conciente, não fôge contudo ao
mesmo tema que faz do amor uma aventura, galante ou cruel. D. Juan é uma som-
bra na lenda, é um mito literario, ao entanto ele vive real e pesadamente dentro da
realidade. E' o homem!

E o cavaleiro do seculo XVI atravessou os outros seculos, e nem a poesia, nem a
musica, nem a pintura, na conjugação imortal de sua força impressiva, conseguiram
ilumi-á-lo de espiritualidade, ou de grandeza, porque tirando-o do cenário em que o
puzeram os fantasistas de génio, ele continúa a simbolisar o instinto animal, ou o chi-
mo humano. Amor-aventura!... Bernard Shaw, de todos os autores que tomaram
como tema D. Juan, foi aquele cujo espirito satirico procurou explicá-lo, não como um
Sedutor, mas simplesmente como um Seduzido; mas John Tanner não é bem um D.
Juan, o *classico simbolo*. Ele é antes um tipo simbolico diferente e, tanto quanto o outro,
real, vivido, humano. "A mulher é quem espera em verdade o homem, mas como a
aranha espera a mosca". O tema sentimental vasto e complexo, infinito e vago, não
tem, não pôde ter um simbolo. Ele tanto pôde indicar um D. Juan, como um Tanner,
um Romeu, como um Otelo ou um Durandal das eras dos trevadores e genios.

O amor: é apenas a luta dos sexos

Os indios pariatitins, quando guerrelham, não têm chefe, nem armas determinadas;
cada qual lança mão dos proprios recursos, e da força de seus musculos, tanto quanto
de sua astucia...

E assim é, em verdade, no amor



G. SANDERS E MARGUERITE
CHAPMAN DA COLUMBIA

O homem pôde ser um D. Juan, tanto quanto pôde a mulher ser a aranha de Ber-
nard Shaw. Téco-Ima, aguerrida amazona na arena da luta, ela olha o viril companheiro
e sorri, certa de que, mesmo sem armas, ela o venceria, porque também é verdade que,
nas batalhas do amor, a mulher é muito mais forte, porque coaservou o mistério da
sua pureza, e a força inalienavel da sua beleza. E quando o homem sente a sua fraqueza,
vinga-se como Bernard Shaw: ou faz satira, ou faz ironia; é essa a galanteria mais mas-
culina que eu conheço. E repitamos ainda com a fidalga poetisa de "A harmonia dos
Seres e das Cousas".

"A vida é sempre a mesma, e sempre o mesmo

O homem que a sonha nova e singular,

E vai vivendo e vai sonhando a esmo,

Ilucindo a si mesmo,

Pela doce mentira de sonhar.

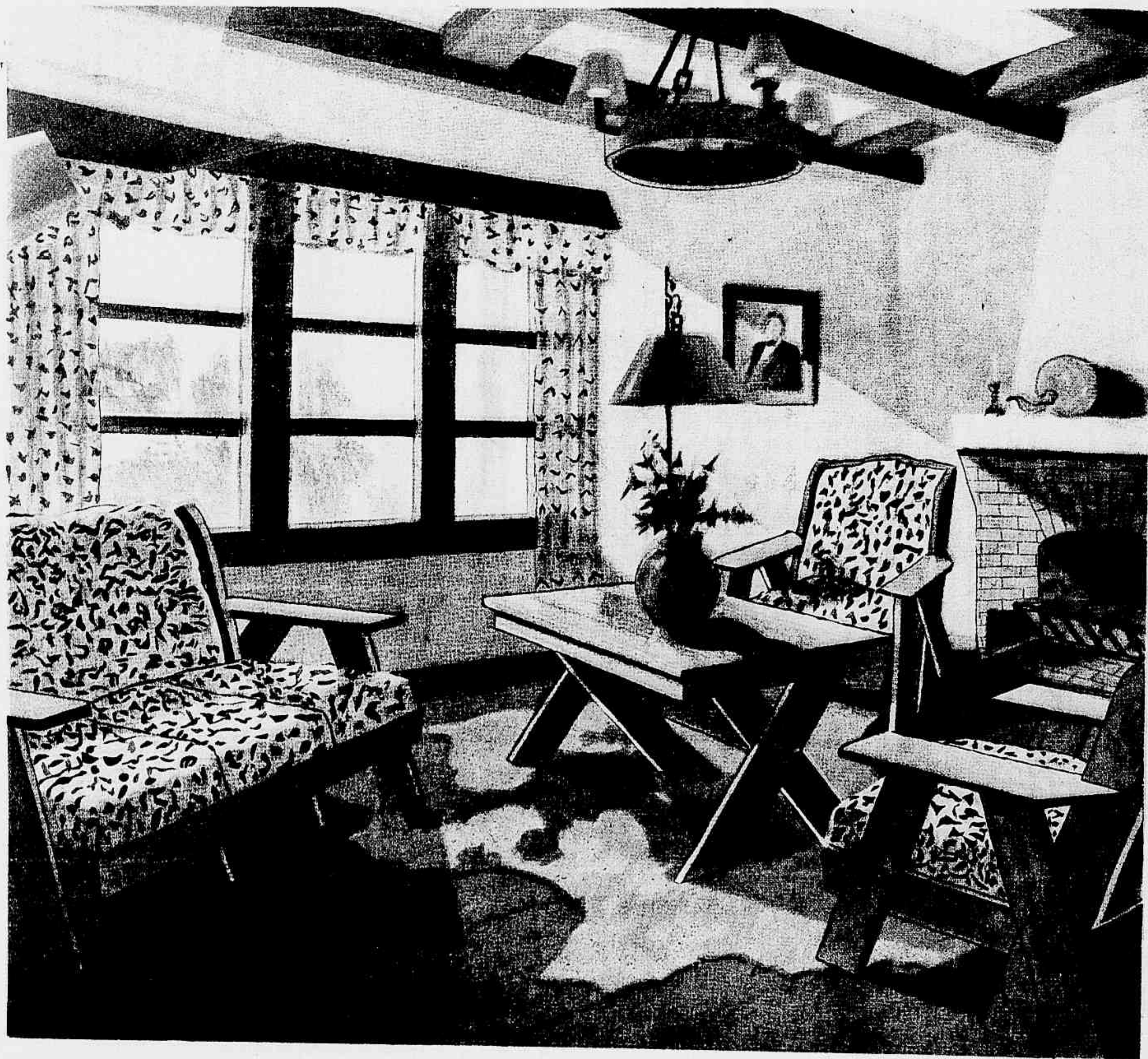
O destino não volta e, sempre adiante,

Os homens leva para a mesma dor

Mas em meio à miséria circundante,

O homem prosegue adiante,

Para o clarão chimerico do amor!



O Lar RUSTICOS

O S moveis rusticos, sobretudo para casas de campo, são hoje mais usados e, naturalmente, os mais adequados, mas nem sempre eles são escolhidos segundo um criterio logico, como o de combinar a linha da arquitetura com a linha dos moveis. Nem todo rustico pode servir a todo estilo, e saber harmonisar um conjunto e realçar o encanto do lar é dar ao ambiente uma beleza inteligente e bem orientada. Temos aqui uma "agua-furtada" ou sótão, bem aproveitado num rustico meio irlandês, tecto de traves salientes com grandes pregos de cobre; os moveis seguem a mesma linha: táboas lisas, apenas polidas e os pregos de cobre com as cabeças à mostra; o estofado das cadeiras, largas e confortaveis, é de cretone ou linho com colorido em vermelho vivo; o lustre, tambem da mesma madeira rustica, tem quatro bugias com *abat-jour* de papel apergaminhado vermelho. A lampada, com pé de cobre ou madeira, tambem tem quebra-luz vermelho. Pratos e jarros de ceramica sobre a chaminé.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

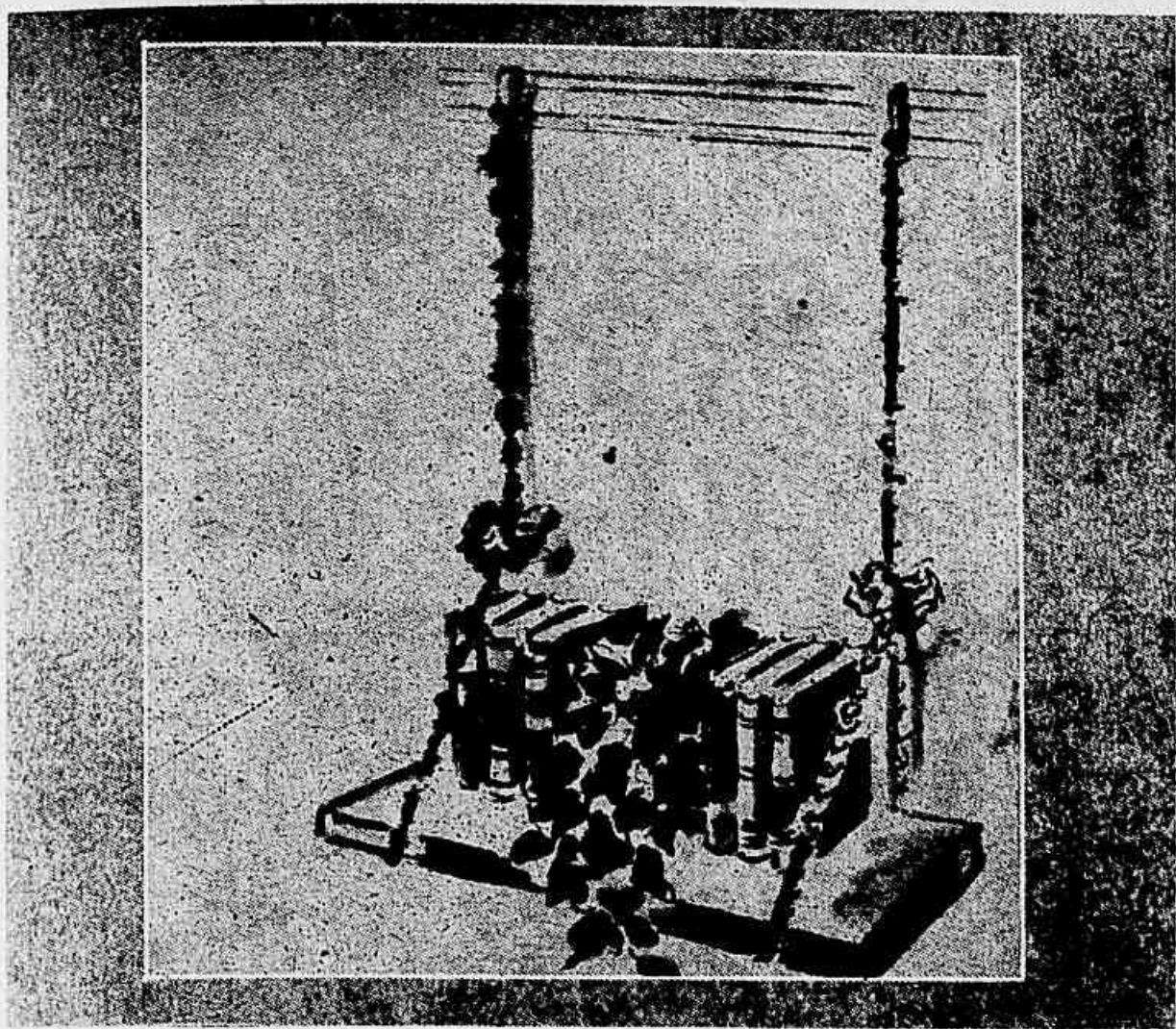
CASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 - RUA DA CARIOCA - 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



Lâmpada portátil original, que pode ser colocada na sala de estar, no terraço, na sala de repouso etc. Uma lâmpada envernizada, umas cordas pintadas, ou correntes com dois ganchos...

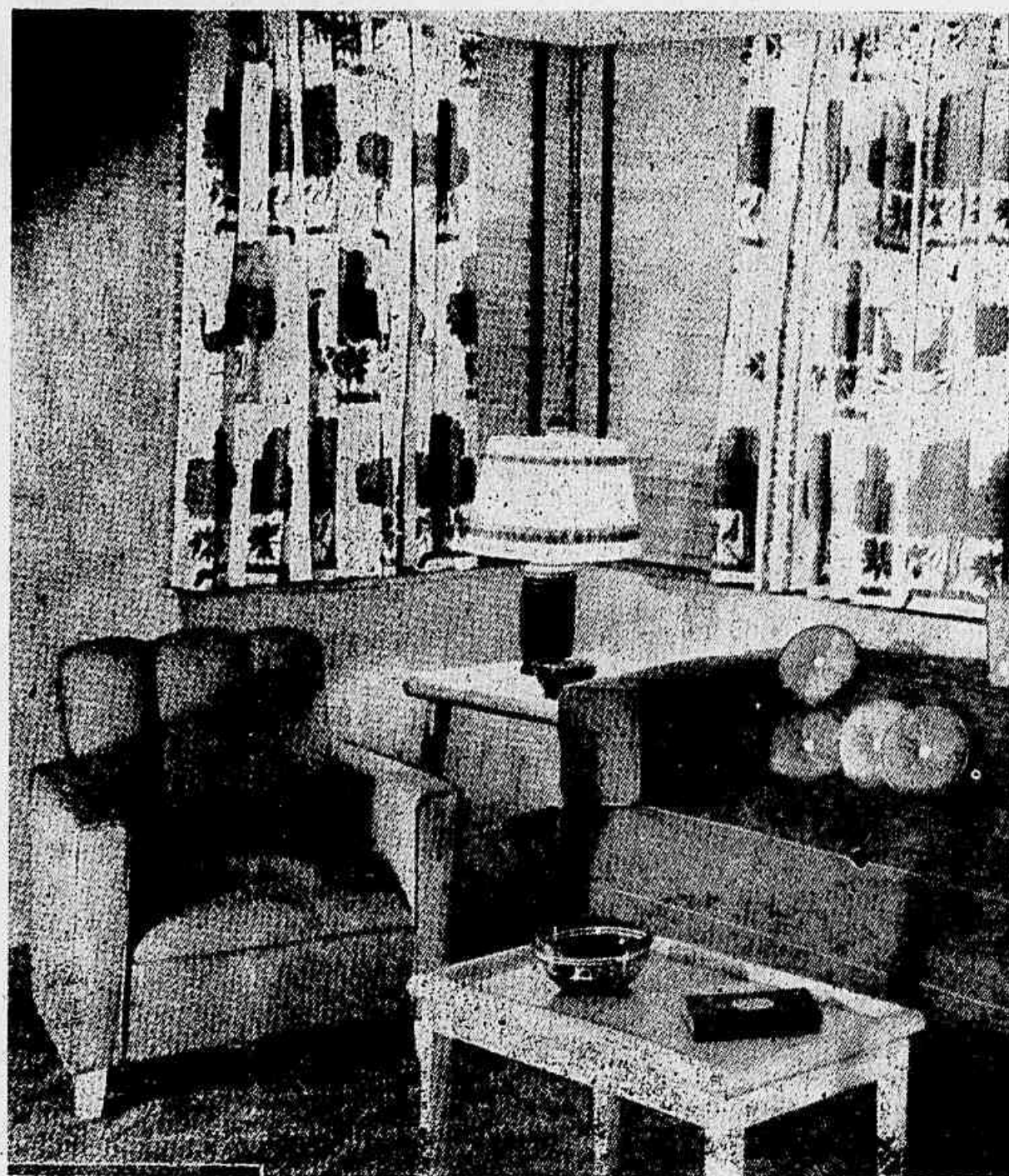


Dois carrinhos de jardim improvisados em aparador, um, e em fogão ambulante o outro.



Dois recantos de uma sala de casa de campo, menos rústica; tem móveis com estofos de couro em cor natural e os outros móveis laqueados de amarelo claro. As cortinas e o estofado do sofá são de cretonne amarelo com estampa viva, com motivos campestres, árvores e aves. Quadros de selvagens pelas paredes, e abat-jours de cerâmica. Como vemos são dois estilos campestres, bastante diferentes: um tem linhas clássicas, outro é moderno e de pura fantasia.

Começou com o ano a deserção geral: o período de férias, mesmo com o tempo instável, vai levando toda gente para fora. Fazendas, serras e praias, enchem-se, como as estações de água. Nós desejamos a todos os nossos leitores umas férias proveitosas e no intuito de ajudar um pouco, àqueles que têm o seu *home*, damos aqui algumas sugestões para o arranjo desses ambientes, que devem ser alegres, confortáveis e repousantes, diferentes de tudo quanto forma um ambiente de casa de cidade. Procuramos ser práticos, pois é isso, inegavelmente, o que requer a vida moderna. Repito que é com prazer que receberemos sugestões de leitores, bem como lh'as daremos quando o desejarem e sobre o assunto pedido. Ser útil e agradável é um bom lema. E' o nosso lema.



MODELOS DA SEMANA



1 — Costume em sêda grossa côr de palha clara, com enfeite de vivos largos côr de havana, grande laço ambem havana.

2 — Casaco de talhe japonês, com bordado em toda a volta da pala.

3 — O vestido é azul cobalto, com um cinto em roxo-azul, botões ouro velho, chapéu de *faillé* roxo-azul, com o véu em azul cobalto.

4 — Elegantíssimo costume para recepção ou casamento. O casaco em sêda brilhante e a saia em sêda fosca. Preto e branco.

-- CONTO --
ESTRANGEIRO

O MEDO

Guy de
Maupassant

Subimos ao tombadilho depois do jantar. Diante de nós o Mediterrâneo não tinha um frêmito sequer em toda a sua superfície que uma grande lua calma acinzentava. O vasto navio desliza, arremessando ao céu, que parecia semeado de estrelas, uma gorda serpente de fumo negro; e, por trás de nós, a água, muito branca, agitada pela passagem rápida da pesada embarcação, batida pela hélice, espumava, parecia torcer-se, revolvendo tantas claridades que dir-se-ia a própria luz da lua a ferver.

Aí nos achávamos, seis ou oito, silenciosos, admirando, os olhos voltados para a África distante aonde íamos. O comandante, que fumava um charuto entre nós, retomou subitamente a conversação do jantar.

— Sim, tive medo nesse dia. Meu navio ficou seis horas com esse rochedo no ventre batido pelo mar. Felizmente fomos recolhidos à noite por um cargueiro inglês que nos avisou.

Então um homem alto, de figura bronzeada, aspecto grave, um desses homens que sentimos terem atravessado grandes países ignotos, em meio de perigos incessantes, e cujo olhar tranquilo parece guardar na sua profundidade algo das paisagens estranhas que viu; um desses homens que adivinhámos temperados na coragem, falou pela primeira vez:

— O senhor diz, comandante, que teve medo; não o creio. O senhor se engana na palavra e na sensação que experimentou. Um homem enérgico nunca tem medo em face do perigo premente. Fica emocionado, agitado, ansioso; mas o medo, é outra coisa.

O comandante retrucou rindo:

— Com os diabos! Eu lhe garanto que tive medo.

Então o homem de tez bronzeada pronunciou com voz lenta:

— Permita que me explique! O medo (e os homens mais audazes podem ter medo) é algo de terrível, uma sensação atroz, uma espécie de decomposição da alma, um espasmo tremendo do pensamento e do coração, cuja lembrança, por si só, dá arrepios de angústia. Mas isto não acontece quando se é bravo, nem diante de um ataque, nem diante de uma morte inevitável, nem diante de todas as formas conhecidas do perigo: isto acontece em certas circunstâncias anormais, sob certas influências misteriosas, em face de riscos vagos. O verdadeiro medo é alguma coisa que se assemelha à reminiscência dos terrores fantásticos de outrora. Um homem que acredita em fantasmas e que imagina ver um espectro na noite, deve experimentar o medo em todo o seu espantoso horror.

Quanto a mim, adivinhei o medo em pleno dia, há cerca de dez anos. Senti-o, no inverno último, por uma noite de dezembro.

E, no entanto, atravessei muitos vicissitudes, muitas aventuras que pareciam mortais. Batime muitas vezes. Fui deixado como morto por ladrões. Fui condenado como rebelde a ser enforcado na América e lançado ao mar do tombadilho de um navio nas costas da China. De cada vez me acreditei perdido, mas imediatamente consoltei-me sem tristeza e mesmo sem saudade.

O medo, porém, não é isto.

Eu o pressenti na África. E, no entanto, é filho do Norte; o sol dissipa-o como uma névoa. Observem bem isso, senhores. Entre os Orientais a vida nada vale; logo se resignam; as noites são claras e vazias das sombrias inquietudes que vagueiam nos cérebros dos países frios. No Oriente, pode-se conhecer o pânico, ignora-se o medo.

Pois bem! Eis o que me aconteceu nessa terra d'África:

Atravessava as grandes dunas ao sul de Uargla. É essa uma das mais estranhas regiões do mundo. Os senhores conhecem a areia unida, a areia firme das intermináveis praias oceânicas. Ora! Imaginem o próprio Oceano transformado em areia no meio de um vendaval; imaginem uma tempestade silenciosa de ondas imóveis de poeira amarela. São altas como montanhas, essas vagas desiguais, diferentes, que se erguem em tudo semelhantes a ondas desencadeadas, maiores, porém, e estrididas como um tecido.

Sobre este mar furioso, mudo e sem movimento, o devorador sol do meio-dia esparze seus raios implacáveis e diretos. É preciso galgar essas vagas de cinza dourada, tornar a descê-las, subir ainda, subir sem cessar, sem repouso nem sombra. Os cavalos arquejam, afundam até os joelhos, e escorregam ao descer a outra encosta das surpreendentes colinas.

Éramos dois amigos acompanhados de oito **spahis** e de quatro camelos com seus camelheiros. Não falávamos mais, sucumbidos de calor, de fadiga, e ressequidos de sede como esse deserto ardente. Súbito um de nossos homens lançou uma espécie de grito; todos estacaram; e permanecemos imóveis, surpreendidos por um inexplicável fenômeno conhecido dos viajantes nessas regiões perdidas.

Em alguma parte, perto de nós, numa direção indeterminada, um tambor batia, o misterioso tambor das dunas; batia distintamente, ora mais vibrante, ora enfraquecido, detendo, depois retomando seu rufar fantástico.

Os árabes, terrificados, se entreolhavam; e um deles disse, em sua língua: "A morte vem sobre nós". E eis que de repente meu companheiro, meu amigo, quase meu irmão, caiu do cavalo, de cabeça, fulminado por uma insolação.

E durante duas horas, enquanto eu tentava em vão salvá-lo, esse tambor inatingível jamais cessou de encher-me os ouvidos com seu ruído monótono, intermitente e incompreensível; e eu sentia filtrar-se em meus ossos o medo, o verdadeiro medo, o medo atroz, diante desse cadáver querido, nesse buraco incendiado de sol entre quatro montes de areia, enquanto o eco desconhecido nos lançava, a duzentas léguas de qualquer aldeia francesa, o rápido rataplan do tambor.

Nesse dia compreendi o que era ter medo; soube-o melhor doutra feita...

O comandante interrompeu o narrador:

— Perdão, mas esse tambor... Que era?

O viajante respondeu:

— Ignoro-o. Ninguém sabe. Os oficiais, muita vez surpreendidos por esse barulho singular, atribuem-no geralmente ao eco aumentado, multiplicado, desmesuradamente dilatado pelas concavidades das dunas, de uma chuva de grãos de areia arrastados pelo vento e chocando-se contra um tufo de ervas secas, pois já se notou que o fenômeno se produz na vizinhança de pequenas plantas queimadas pelo sol e duras como o pergaminho.

Esse tambor, portanto, seria apenas uma espécie de miragem do som. Eis tudo. Só mais tarde, porém, eu aprendi isto.

Chego à minha segunda emoção.

Foi no inverno último, numa floresta do nordeste da França. A noite veio duas horas mais cedo, tão escuro estava o céu. Eu tinha como guia um camponês que marchava a meu lado, por um caminho pequeníssimo, sob uma abóbada de pinheiros que o vento desapoderado fazia uivar. Entre os címos eu via correrem nuvens em fuga, nuvens em pânico que pareciam escapar a um pavor. Por vezes, sob um arajada furiosa, toda a floresta se inclinava no mesmo sentido com um gemido de sofrimento; e o frio invadiam-me, mau grado meu passo rápido e minhas vestes pesadas.

Devíamos ceiar e dormir com um guarda florestal cuja casa pouco distava de nós. Aí eu ia para caçar.

Meu guia, por vezes, levantava os olhos e murmurava: "Triste tempo!" Depois falava-me das pessoas que íamos encontrar. O pai matara um caçador furtivo, dois anos antes e, desde essa época, parecia sombrio, como si uma recordação o perseguisse. Com ele viviam seus dois filhos, casados.

As trevas eram profundas. Nada via diante de mim, nem a meu redor, e toda a galharia das árvores que se entrecrocavam enchia a noite de um rumor incessante. Enfim, avistei uma luz e dentro em pouco meu companheiro batia a uma porta. Gritos agudos de mulheres nos responderam. Depois uma voz de homem, uma voz estrangulada, perguntou: "Quem vem lá?" Meu guia nomeou-se. Entramos. Foi um quadro inesquecível.

Um velho de cabelos brancos, olhar de louco, com um fuzil carregado nas mãos, esperava-nos de pé, no meio da cozinha, enquanto dois rapagões armados de machado guardavam a porta. Distingui nos cantos sombrios duas mulheres de joelhos, o rosto voltado para o muro.

Houve uma explicação. O velho tornou a pôr sua arma contra o muro e ordenou que preparassem meu quarto; depois, como as mulheres não se movessem, disse-me bruscamente:

— Olhe, senhor, matei um homem, há dois anos, esta noite. No ano passado ele voltou para me chamar. Espero-o ainda hoje.

Depois acrescentou, num tom que me fez sorrir:

— Por isso não estamos tranquilos.

Tranquilei-o como pude, satisfeito de ter vindo justamente nessa noite e de poder assistir ao espetáculo desse terror supersticioso. Contei histórias e consegui acalmar mais ou menos todo mundo.

Perto da lareira, um velho cão, quase cego e bigodudo, um desses cães que se assemelham a pessoas conhecidas, dormia, o focinho entre as patas.

Fora a tempestade furiosa batia a casinhola, e, por um pequeno quadrado, uma espécie de postigo colocado perto da porta, eu via repentinamente todo um maciço de árvores revolido pelo vento, ao clarão de grandes relâmpagos.

Apesar dos meus esforços, sentia perfeitamente que um terror profundo dominava essas criaturas, e cada vez que eu cessava de falar, todos os ouvidos escutavam ao longe. Cansado de assistir a esses temores imbecis, ia pedir licença para deitar-me, quando o velho guarda, súbito, deu um salto da cadeira, agarrou de novo o fuzil, gaguejando numa voz desvairada: "Aí está! Aí está! Eu o ouço!" As duas mulheres caíram de joelhos em seus cantos, escondendo o rosto; e os filhos retomaram os machados. Ia tentar ainda acalmá-los quando o cão adormecido despertou bruscamente e, erguendo a cabeça, esticando o pescoço, olhando o fogo com seus olhos quase apagados, emitiu um desses lugubres uivos que fazem estremecer os viajantes, à noite, no campo. Todos os olhos se voltaram para ele, que agora permanecia imóvel, erguido nas patas como si o perseguisse uma visão, e recomeçou a uivar para qualquer coisa invisível, desconhecida, terrível sem dúvida, pois todo o seu pelo se eriçava. O guarda, lívido, gritou: "Ele o sente! Ele o sente! Estava perto quando o matei!" E as duas mulheres alucinadas puseram-se a uivar com o cão.

Mau grado meu, um grande arrepio correu-me entre as espáduas. Essa visão do animal naquele lugar, àquela hora, no meio daqueles seres desvairados, era espantosa de ver-se.

Então, durante uma hora, o cão uivou sem parar; uivou como na angústia de um pesadelo; e o medo, o medo terrificante entrava em mim; o medo de que? Lá sei! Era o medo, eis tudo.

Permanecíamos imóveis, lívidos, na expectativa de um acontecimento, o ouvido à escuta, o coração batendo, perturbados ao menor barulho. E o cão pôs-se a rodar em torno da sala, farejando os muros e gemendo sempre. Esse animal nos punha loucos! Então, o camponês que me trouxera, lançou-se sobre ele, numa espécie de paroxismo de terror furioso e, abrindo uma porta que dava para um pátio pequeno, arremessou fora o animal.

Logo se calou; e ficamos mergulhados num silêncio ainda mais tremendo. E, súbito,

Atrás da barreira

(Continuação da página 10)

Então perguntelhe o que acontecera depois. Ele sacudiu a cabeça.

— Eu... eu não sei — respondeu ele. — Eu... devo ter vestido às pressas alguma roupa — fez uma pausa e olhou para os trajes pensativamente — e depois devo ter corrido pela escada abaixo. Agora me lembro de que o porteiro da noite estava no hall e olhou para mim assombrado. Oh, sim — eu me lembro também de que eu disse — "Deixe-me sair, deixe-me sair!" — diversas vezes, e ele olhou para mim dum modo singular ao me abrir a porta. E depois corri... não sei para onde, mas de repente vi seu nome na porta e... oh, Ralston, que é que se pode fazer? Eu sei que Frank está lá... naquele quarto... eu o senti.

— O que se precisa fazer no momento, Arthur, é arranzar? Eu sei que Frank está lá... naquele quarto... eu e inútil se continuar deste modo — disse eu. — Agora escute. Vou levar você lá para cima e metê-lo na cama e dar-lhe uma droga reconstituente. E de manhã — ou melhor, depois do **breakfast**, farei com você tudo o que puder.

Ele sacudiu a cabeça como se duvidasse de meus propósitos, mas eu insisti em que me obedecesse, e muito breve tive a satisfação de ver que estava dormindo. E isto posto, afastei o assunto do meu espírito. Voltando a considerar o caso, penso mesmo que não lhe dei muita importância, acreditando de fato que Arthur Treherbert havia se excitado indevidamente acerca do desaparecimento do irmão. E fui também dormir.

Mas a primeira coisa que fiz pela manhã foi tomar uma providência prática. Eu tinha uma ou duas vezes tido ocasião de utilizar os serviços de um agente particular de investigações, um Stephen Phimister, um homem que fizera nome na Scotland Yard e andara às voltas com grandes casos. Ninguém tomaria Phimister por um detetive — pois ele se vestia e tinha o ar de um sujeito elegante e nunca era visto sem ter na boca um pedaço de palha que estava continuamente mastigando — mas ninguém que tivesse tratado com ele duvidaria de sua sagacidade e de sua penetração. Era um homem de poucas palavras e ouviu em silêncio a narração que lhe fiz do caso de Arthur Treherbert.

— Que é que você acha, Phimister? — indaguei. — Pressentimentos e telepatia não valem muito para você, não é?

Phimister passou o coto de palha dum canto da boca para outro e olhou meditativamente para as pernas que

nessa manhã estavam metidas em calções de montar e em perneiras de Newmarket.

— Não há muita coisa que não tenha valor para mim, doutor — disse ele. — Dê-lhe o nome que quiser. Mas eu creio que vamos até ao hotel de Burchell com seu amigo, ver o que podemos fazer.

V

E assim, por volta de dez horas da manhã, nós três saímos, Phimister fazendo uma ou duas perguntas a Arthur Treherbert, enquanto seguíamos. Eu havia emprestado a Arthur o que lhe faltava para completar a toilette e lhe fornecera um chapéu e um sobretudo — não havia nada na sua aparência que despertasse crítica ou chamasse a atenção. Todavia pudemos ver que assim que entramos no hotel os criados que andavam por perto olharam para ele com uma considerável curiosidade e, antes de termos tempo de perguntar por Mr. Burchell, esse saiu do escritório e cumprimentou Arthur num modo que mostrava que ele estivera um tanto ansioso por sua causa. Quando viu que ele estava acompanhado levou-nos para um salão reservado.

— Meu caro senhor! — exclamou ele. — Eu estive muito preocupado a seu respeito. O senhor compreende, pois deixou o hotel na noite passada num estado de grande agitação e...

— Meu irmão voltou ou o senhor teve alguma notícia? — inquiriu Arthur abruptamente.

Mr. Burchell levantou as mãos.

— Lamento dizer que Mr. Frank Treherbert não tenha voltado nem dado notícias — respondeu ele. — E' muito estranho.

— Estes são meus amigos — disse Arthur. — O Dr. Ralston, que também era amigo de meu irmão, e Mr. Phimister, que é um agente particular de investigações.

Mr. Burchell lançou a Mr. Phimister um olhar penetrante.

— Ouvi falar muitas vezes no senhor — disse ele. — O senhor acha que pode sugerir qualquer coisa sobre o desaparecimento desse cavalheiro?

Phimister deu um chupão na palha.

— O senhor viu Mr. Frank sair do hotel? — indagou ele.

— Ninguém viu — replicou Mr. Burchell.

— Ele poderia ter saído?

— Poderia — disse Mr. Burchell — mas não é provável que pudesse passar despercebido.

— Deixe-nos ver o quarto dele — disse Phimister.

Nós todos subimos juntos. Ao nos aproximarmos da

porta do quarto — número dezoito — Arthur Treherbert começou a mostrar sinais de grande emoção. Eu fui obrigado a pegá-lo pelo braço e a lhe falar energicamente — e mesmo assim ele tremia de medo. Uma vez dentro do quarto sua agitação recrudescera. Tremia da cabeça aos pés e quando o forcei a sentar-se numa cadeira ficou se revolvendo nela, como presa dum incontrolável paroxismo de angústia.

— Ele está aqui... aqui... aqui! — dizia repetindo a frase sucessivamente. — Sinto que ele está aqui. E no entanto, oh, meu Deus, que é que isto quer dizer? E' como se... como se ele estivesse morto!

VI

Phimister, a palha na boca e as mãos nos bolsos, estava correndo os olhos pelo quarto. Meus olhos seguiam os dele. Havia pouca coisa que observar. O mobiliário era bom, sólido, fora de moda — uma cama de mogno, com quatro pilares laterais, e que devia ter sido feita na era georgiana, um grande guarda-roupa de mogno e assim por diante. Havia a valise de Frank, havia um terno, cuidadosamente dobrado, sobre uma cadeira. Escovas e pentes e os demais artigos de toilette estavam arrumados na mesinha de cabeceira e na pia. Um sobretudo pendia atrás da porta, e no cabide ao alto estava um chapéu. Nada poderia ser mais comum nem menos romântico do que a aparência desse quarto.

Phimister voltou-se para Arthur Treherbert. Sem parecer notar a emoção de Arthur, indagou:

— Quantos ternos seu irmão trouxe para cá, o senhor sabe?

— Sei — disse Arthur. — Um terno cinza, com que viajou, e um escuro, também cinzento mas muito escuro.

— Ali está o terno cinza — disse Phimister, apontando para a roupa cuidadosamente dobrada sobre a cadeira — e aqui — abriu a valise — aqui está o mais escuro. E aqui está, presumivelmente, a camisa que ele tirou ao se recolher ao leito, com os elásticos seguros, e também aqui estão, presumivelmente, suas roupas de baixo. Portanto, se ele saiu do hotel, foi com traje de dormir. E se assim não foi, onde está o pijama dele?

Mas o pijama não pode ser achado.

— E' uma coisa esquisita — disse Mr. Burchell.

VII

Mas Phimister se entregou a uma operação verdadeiramente singular. Primeiro, deu volta completa à velha

O MEDO

(Continuação da página anterior)

todos a um tempo, tivemos uma espécie de sobressalto: um sêr deslizando contra o muro de fora rumo à floresta; depois passou raspando a porta que parecia tatear com mão hesitante; depois nada mais se ouviu durante dois minutos que fizeram de nós uns insensatos; depois retornou, sempre raspando a muralha; e arranhou levemente como faria uma criança com a unha; depois, repentinamente, uma cabeça apareceu contra o vidro do postigo, uma cabeça branca de olhos luminosos como os das feras. E um som partiu de sua boca, um som indistinto, um murmúrio queixoso.

Então um ruído formidável explodiu na cozinha. O velho guarda tinha atirado. E logo os filhos se precipitaram, barricaram o postigo erguendo a grande mesa que prenderam com o armário. E juro-lhe que, ao estampido do tiro que eu não esperava, tive tamanha angústia no coração, na alma e no corpo, que me senti desfalecer, prestes a morrer de medo.

Assim ficamos até a aurora, incapazes de nos movermos, de dizer uma palavra, crispados num terror indizível.

Só ousamos abrir a porta quando avistamos, por uma fenda da janela, um delgado ralo de sol.

Ao pé do muro, contra a porta, jazia o velho cão, o pescoço partido com um tiro. Saira do pátio por um buraco que cavara sob a palçada.

O homem de rosto moreno calou-se; depois acrescentou:

— Nessa noite, no entanto, não corri nenhum perigo; prefiro, porém, recomendar todas as horas em que enfrentei os mais tremendos perigos ao minuto do tiro sobre a cabeça barbuda do postigo.

INVEJA

(Continuação da página 15)

corpo! quando vires uma mulher, cujo olhar, úmido e casto, te faça sofrer os delírios do amor, bate com os punhos cerrados contra o teu peito e lamba tua carne com as unhas, até que saíres de todo o veneno da tua mocidade! Fecha-te ao prazer e à ternura, fecha-te dentro da tua fé, como se te fechasses dentro de um túmulo!"

E, com estas recordações, o infeliz quedara-se esquecido, a olhar cegamente para a paisagem que defronte dele ia pouco e pouco se esfumando e esbatendo nos crepes da noite; ao passo que no céu as estrelas se acentuavam.

Desde que o destinaram a padre, sentia-se arrastado para a tristeza e para a solidão; achava certo gozo amargo em deixar-se consumir pela áspere certeza da sua inutilidade física. Não queria a convivência dos outros homens, porque todos tinham e usufruíam aquilo que lhe era vedado — o amor, a alegria, a doce consolação da família. O que ele desejava ao fundo do seu desgosto era morrer, morrer logo ou quando menos se velasse; quanto antes; ficar feio, acabado, impotente; que o seu cabelo de preto e lustroso se tornasse todo branco que o seu olhar arrefecesse que os seus dentes amarelassem e a sua fronte se abrisse em rugas. Desejava refugiar-se covardemente na velhice como num abrigo seguro contra as paixões mudáveis.

Sofria ímpetos de arrancar aquele seu coração importuno e esmagá-lo debaixo dos pés. Não se sentia capaz de comar a matilha que lhe rosnava no sangue; sobressaltava-se com a ideia de sucumbir a uma revolta mais forte dos nervos, e só a lembrança de que seria capaz de uma paixão sensual sacudia-o todo com um frio tremor de febre.

— Todavia... replicou-lhe do fundo da consciência uma voz meiga, medrosa, quase imperceptível — todavia, o amor deve ser bem bom!...

E dois fios compridos escorreram pelas faces pálidas do padre.

Não, o calor de um passaro lhe fê-lo olhar para cima. Na embalsamada cúpula de verdura que cobria o monte o inocente intruso triava ao laço da sua companhia.

O moço estremeceu e fitou o olhar fixamente para eles. Os dois velhaquinhos, desconfiados da sua felicidade, conservavam-se muito unidos, como se estivessem cochichando segredos de amor. A fêmea estendia a cabeça ao amigo e, enquanto este lhe ordenava as penas com o bico, ela, num arrepio, contraía-se toda, com as asas levemente abertas e trêmulas. Depois, ultravam-se ainda mais, prostrados logo pelo mesmo entorpecimento.

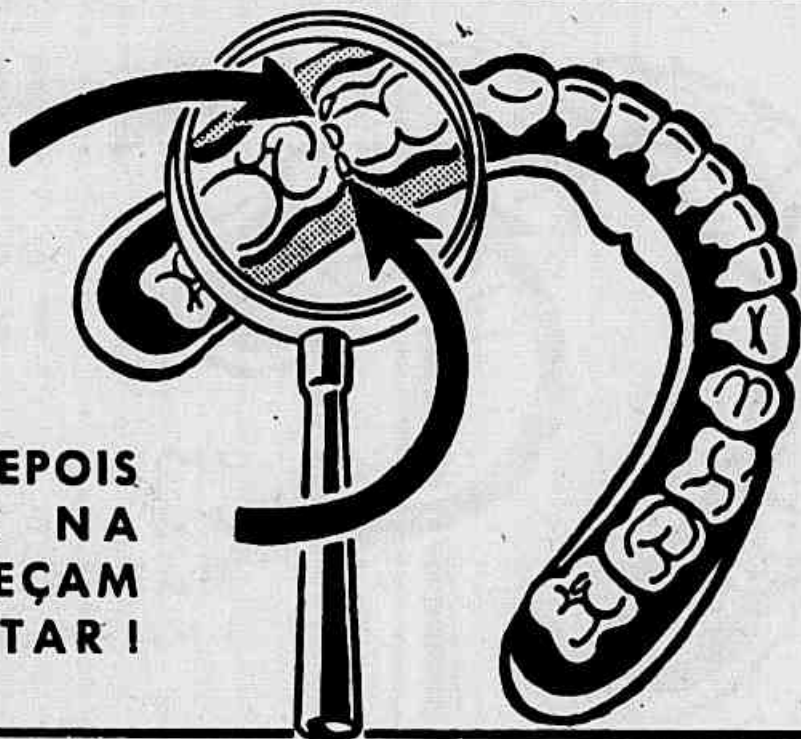
Então, o jovem eclesiástico, tomado de uma vertigem, levantou o guarda-chuva e com uma passada lançou por terra o amoroso par.

Os perezinhos, ainda palpitantes de amor, caíram, estrebuchando a seus pés.

O padre voltou o rosto e afastou-se silenciosamente.

No horizonte esbatia-se a última réstea de sol e o sino de uma torre distante começou a soluçar Ave-Maria.



CUIDADO!**Aqui
atacam os
micróbios!****2 HORAS DEPOIS
DE ESTAR NA
BOCA COMEÇAM
A FERMENTAR!**

Os resíduos alimentares que ficam nos interstícios dos dentes, fermentam *2 horas após as refeições*. Somente um dentífrico medicinal como o Odorans, pôde penetrar nesses restos de alimento e embebê-los, evitando assim a fermentação, causa da cárie e do mau hálito. Faça de Odorans o complemento da sua higiene bucal em bochechos e gargarejos diários.

ODORANS

O DENTÍFRICO MEDICINAL

cama de quatro pilares, depois agachou-se para examiná-la. E de repente, sem um olhar de entendimento para mim, começou a despojar o leito de tudo o que o cobria — travesseiros, cobertores, lençóis, em ordem regular. Era um desses leitos muito antigos, os quais uma camada de colchões de penas e de palha é depositada como num receptáculo — dois colchões de palha em baixo e um de penas em cima.

— Dê-me uma ajuda, Mr. Burchell — disse Phimister ao tirar o último lençol e descobrir o colchão de penas.

— O senhor certamente não pensa... — começou Burchell.

— Silêncio — disse Phimister. — Agora me ajude a levantar este colchão. Vamos, ch!

Ali estava o cadáver de Frank Treherbert. Que era um cadáver via-se imediatamente — e que Frank tinha sido assassinado viu-se um momento depois. Não foi preciso mais do que um relance de olhos para ver que ele tinha sido assassinado — fôra evidentemente derrubado com um tremendo golpe que o tornara inconsciente, e depois deliberadamente estrangulado. E a corda com que fôra estrangulado — um pedaço dum velho cordão de campainha — permanecia-lhe em torno do pescoço, tão apertado que dava uma dor no coração pensar na feroz determinação com que o crime fôra praticado.

Depois duma explosão de dor frenética, a atitude de Arthur Treherbert sofreu uma transformação completa. Ficou estranhamente reservado e sereno; os únicos sinais da excitação interna eram o brilho dos olhos que tinham a expressão de estar já fixos numa vítima que devesse ser punida sem misericórdia.

— Quem fez isto... quem fez isto? — repetia ele. — Quem fez isto?

— Ah, é isto que vamos ver agora — disse Phimister. — Por enquanto, cavalheiros, permitam-me trancar o quarto e vamos descer para conferenciar. Agora vamos, continuou ele, quando nos reunimos no salão reservado de Burchell, quem lhe disse que Mr. Frank Treherbert tinha saído terça-feira de manhã?

Mr. Burchell começou a pensar.

— Não sei se alguém disse isso — respondeu ele por fim. — Creio que nós notamos que ele não se achava no hotel e acredito que a arrumadeira finalmente tenha sugerido que ele devia ter saído muito cedo porque achara o quarto vazio, quando viera para o serviço. Eu me lembro de que o quarto estava arrumado cerca de nove horas da manhã, porque aconteceu que eu passasse por ele e relanceei a vista por dentro, não podendo deixar de pensar que a arrumadeira tinha sido muito expedita.

— Deixe-me ver a arrumadeira — disse Phimister.

Mr. Burchell contudo não pôde trazer a arrumadeira. A mulher em questão, Meacher, caiu doente terça-feira e pediu licença para ir em casa por uma ou duas semanas, e Mr. Burchell dera seu consentimento.

Phimister chupava a palhinha.

— Como é essa mulher? — indagou ele.

— Uma mulher forte e corpulenta — replicou Mr. Burchell. — Capaz de fazer o serviço de duas na casa. Faz três anos que está aqui; é uma mulher quieta e respeitável.

— Onde mora ela? — perguntou Phimister.

Mas ninguém sabia dizer. Parecia que ninguém ligava tanta importância a Meacher a ponto de saber se ela vivia em Mayfair ou em Hackney, e decorreu algum tempo antes que se descobrisse que uma criadinha sabia exata-

mente onde Meacher morava em Dalston, porém não se lembrava do número nem da rua.

— Mas eu sei qual é a casa — disse ela.

— Deixe esta mulher se preparar e vir conosco, Mr. Burchell — disse Phimister. — E não diga nada à sua

(Continúa na página 43)

*Em passeios
ao sol***ÓCULOS ESCUROS**

para os olhos...

LEITE DE COLONIA para sua pele!

Renove o prazer de viver praticando sports e realizando passeios ao ar livre... Mas proteja sua delicada epiderme, afim de evitar o aparecimento de sardas e manchas. Antes de sair, e assim que regressar ao seu lar, faça uma aplicação de Leite de Colonia sobre o rosto, colo e braços. Filtrando os raios solares, Leite de Colonia protege sua pele e aumenta sua suavidade e seu fascínio. Leite de Colonia limpa, rejuvenesce e amacia a pele! Use-o sempre!

Leite de Colonia

MOBILIÁRIOS FINOS EXPOSTOS
EM GRANDES MOSTRUÁRIOS

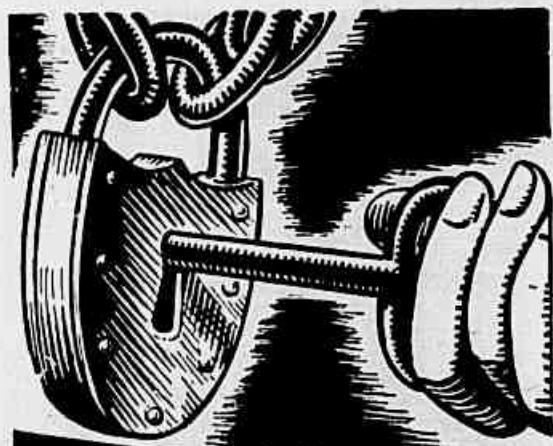
Convidam-se as distintas famílias a visitarem os mostruários junto à fábrica de Moveis "Lamas", nos quais estão expostas as mais recentes criações de mobiliários nos diversos estilos, dotados de todos os requisitos para satisfazer quem pretende adquirir moveis de qualidade e de bom desenho.

As exposições que a fábrica "Lamas" mantém no Flamengo, Urca e Copacabana são de simples propaganda, sendo os moveis "Lamas" vendidos exclusivamente nos mostruários anexos à fábrica com facilidade em certos casos de pagamento.

Deixa aí
Menino!

... Aplique-lhe Mentholatum abundantemente, e as suas propriedades analgésicas e refrescantes aliviarão a dor. Ajuda a cicatrizar e a sarar as queimaduras e evita a formação de empolas. O remédio de confiança mundial. Exija o legítimo

MENTHOLATUM



LAXOLAGAR
GRANADO

COMBATE A
PRISÃO DE VENTRE
E NORMALISA AS
FUNÇÕES DO TUBO
DIGESTIVO



T. TARQUINO

"ALMANAQUE EU SEI
TUDO" PARA 1944

A' venda em toda parte

Calendário e informações completas sobre o novo ano, de interesse geral, veem ao lado de outras matérias, inclusive conselhos práticos, notas úteis, etc.

Os agricultores, os aeronautas, os banqueiros, os militares de terra e mar, os bancários, os turistas, os amadores de rádio; toda a gente, enfim, das cidades e dos campos, terá no "ALMANAQUE EU SEI TUDO" um informante através de leitura agradabilíssima.

Trabalho feito para o homem e para a mulher, o "Livro dos mil assuntos", não obstante as dificuldades do momento, oferecerá aspecto agradável em quasi 300 páginas, muitas das quais primorosamente coloridas.

Poderá ser procurado em todas as livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço único de Cr\$ 8,00 por exemplar.

Pedidos por via postal pelo serviço de reembolso ou mediante vale do Correio à COMPANHIA EDITORA AMERICANA, Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

Desfile de



1 — "Short" — calção branco, blusa quadriculada branco e vermelho, casaco vermelho com a gola do quadriculado.

2 — Vestido de listas, com barra azul e laço azul bolero chaudron.

3 — Blusa de listas vermelhas e brancas, gola branca; botões em forma de estrelas, calção azul e um "short" estilo: TIO SAM.

4 — Macacão estilo jardineiro azul, com lista do lado das calças e na beira do bolso em vermelho, blusa vermelha.

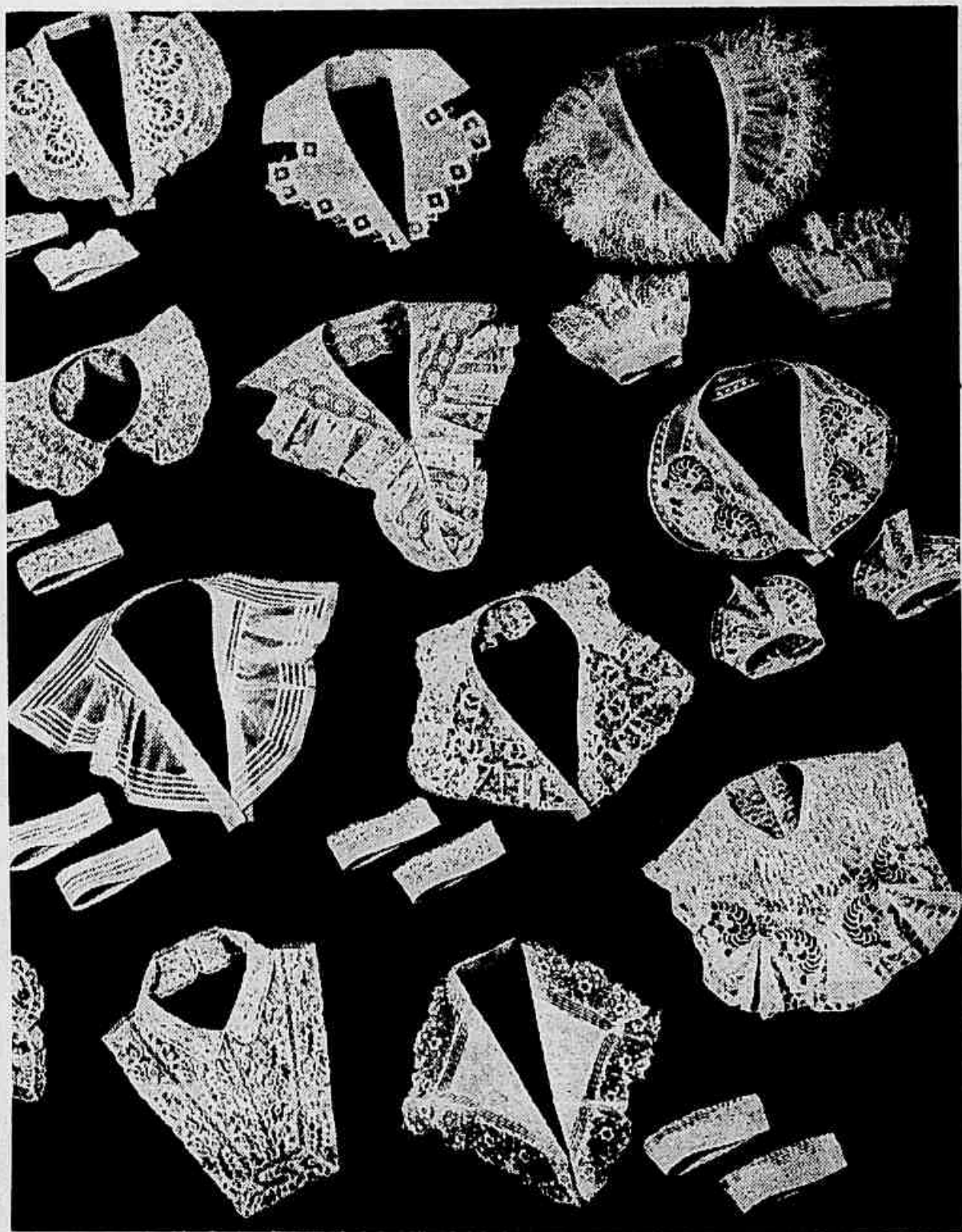
Modelos



UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO

incarelli

O valor do Detalhe



A gola é o "charme" por excelência de um costume ou de um vestido simples. Dá a nota de frescura a um vestido escuro como a um claro; realça-lhe a elegância e a graça. Às vezes uma gola ou um *jabot* bastam para "valorizar" uma "toilette" modesta e singela. "Golas" e "punhos" são encantadoras sugestões para o verão.

Não é toda mulher, mesmo considerando-se elegante, que dá valor ao detalhe. Uma luva, uma flôr, uma gola, ou uma joia devem ser escolhidas, como complemento da *toilette*, com o mesmo cuidado com que escolhemos o sapato, a bolsa, o chapéu; tudo deve combinar e harmonizar em cores e... valor. Nunca será de bom gosto usar jóias caras pela manhã; nunca deverão ser usadas em profusão; não se deve misturar jóias verdadeiras com fantasias, exceção feita à aliança ou alguma peça de ouro muito simples. As jóias de platina com brilhantes ou outras pedras preciosas devem ser usadas, sem outras de ouro etc... Uma luva de *suede* ou pelica não deve ser usada com vestido sportivo assim como as de *crochet tricot* ou linho, *jersey*, etc., não devem ser usadas com *toilettes* finas; os chapéus de véus de tule e flores caras não devem ser usados pela manhã com vestidos ligeiros ou sportivos, a não ser que os véus sejam claros, brancos e mais grossos.

Um *jabot* ou uma gola, seja de *guipure*,



Bonito blusão que pôde ser executado em "shantung" ou linho, com bordado em cores vivas. A bolsa pôde ser feita do mesmo material.

laisé ou fustão bordado, servem quasi sempre como complementos de *toilette* de verão.



Duas blusas e dois blusões, de corte simples, mas que podem ser de grande efeito, pela originalidade da confecção.

Blusa de seda grossa, com uma gravatinha clara e vez igual na gola. É toda salpicada de tachinhas douradas.

Blusão com o cinto para as costas; é todo bordado com tachas miudas formando pequeninas flores, a barra além das tachas tem bordados em fio dourado. Esta blusa tem apenas um grande laço, com bordados a mão.

Blusão com pregas miudas nos ombros e aplicações bordadas. São detalhes que lhes dão chic, valorizando-o e tornando-o peça para "toilette".





Atrás da barreira

(Continuação da página 39)

mulher sobre o que nós encontramos, até estarmos de volta.

Com a criadinha incorporada ao grupo, agindo como guia, e Burchell, Phimister, Arthur Treherbert e eu dentro do taxi, andamos um longo trecho, antes de pararmos ao fim duma ruazinha sombria além de Kingsland Road. A criadinha saltou e esticou um indicador encardido.

— E' a quinta casa deste lado — disse ela.

Nós quatro, os homens, marchamos em bloco para a casa indicada — uma casa insignificante, cinzenta, com a mancha dum jardim úmido no lado de fora. Três esperamos no portão, enquanto Phimister trocava uma ou duas palavras com uma mulher que atendera ao chamado. Ele disse que nos aproximássemos para entrarmos.

— Ela safu — disse ele — mas voltará daqui a pouco. Ah! Olhem aqui!

Dentro dum quartinho onde Phimister havia entrado como que por instinto, havia duas grandes malas, completamente novas, dentro das quais a proprietária estivera, evidentemente, arrumando uma grande variedade de objetos. Ela havia claramente interrompido a arrumação para sair por um momento — pois grande número de objetos estava espalhado por cima das cadeira e das mesas.

— Eu creio que ela vai fazer uma longa viagem, miss Meacher — disse a mulher da casa. — Ela não me disse nada, mas tem andado muito ocupada, fazendo compras e arrumando as coisas como se estivesse escarreada, não é?

— Ah! — disse Phimister. — Não é mesmo?

VIII

A mulher olhou-nos com uma certa curiosidade e depois se retirou, dizendo qualquer coisa a respeito de seus afazeres. Phimister fechou a porta e se voltou para Arthur.

— Agora, Mr. Treherbert — disse ele — quero que o senhor se torne útil. Esta mulher vai entrar com a chave de sobressalência e vem dar diretamente neste lugar. Fique aí, Mr. Treherbert, onde a primeira coisa que ela veja seja o senhor. Quero ser um holandês se isso não a puser knock-out.

Arthur Treherbert ficou ereto onde Phimister o colocara. Seus olhos estavam fixos na porta com uma expressão que ameaçava transpassá-la.

Cinco minutos se passaram... dez... quinze. Então ouvimos passos no jardim, o ranger duma chave, um passo no hall. Depois a porta se escancarou.

Uma mulher alta, ossuda, de aspecto masculino, com os traços duros e os olhos unidos sob a testa fugidia — Meacher — uma assassina.

Ela parou, como se tivesse tomado um tiro, soltou um grito agudo e caiu desamparada aos pés de Arthur Treherbert.

Depois de ter sido condenada a prisão perpétua, poucas semanas depois Meacher, provavelmente por causa de simples deleites que envolviam as suas reminiscências, contou tudo ao capelão.

— A culpa foi toda dele — disse ela — mais do que minha. Quando entrei de noite, para arrumar o quarto, lá estava o meu senhor contando todo aquele dinheiro, em libras de ouro, brincando com elas como uma criança,

— Veja, arrumadeira, você já viu um lote destes — não brilha um bocado?

— "O senhor devia pôr isto no cofre do hotel, sir", digo eu. — "Não", diz ele. — "Eu vou colocar no guarda-roupa quando tiver de descer e levo a chave do quarto

comigo". — Louco! Naturalmente aquilo me tentou. E foi muito fácil para mim — concluiu Meacher. — Só tive que dar uma pancada, e o resto não custou nada. Mas não tive sorte nenhuma. Oh, se apenas eles tivessem chegado três horas mais tarde!

Com uma garota assim e um
lanche assim... que paraíso...
se não faltasse **MALZBIER!**



Ao fazer uma refeição, não dispense a Malzbier da Brahma. Rica em malte, esta saborosa cerveja de gosto levemente adocicado, completa qualquer refeição, aumentando-lhe o poder nutritivo, facilitando a digestão e deliciando o paladar. Complete a sua refeição com Malzbier da Brahma, a cerveja saborosa e nutritiva.



Malzbier
da
Brahma

COMPLETA QUALQUER REFEIÇÃO

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA SOCIEDADE ANONIMA BRASILEIRA — RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — CURITIBA

TRABALHO MANUAL

Ao lado: Aplicação de Richelieu feita em linho grosso bege ou branco. O ponto de Richelieu é bastante conhecido; contudo damos em detalhe a sua execução, que começa com o alinhavo sobre todo o risco, depois o ponto de festonné ou caseado. O centro é cheio.

Em baixo: Estas aplicações podem ser feitas para atoalhado ou pano para movei e distribuídas ao gosto da executante; em barra ou distribuída de modo a formar desenho simétrico no trabalho.

PETRÓLINA MINANCORA

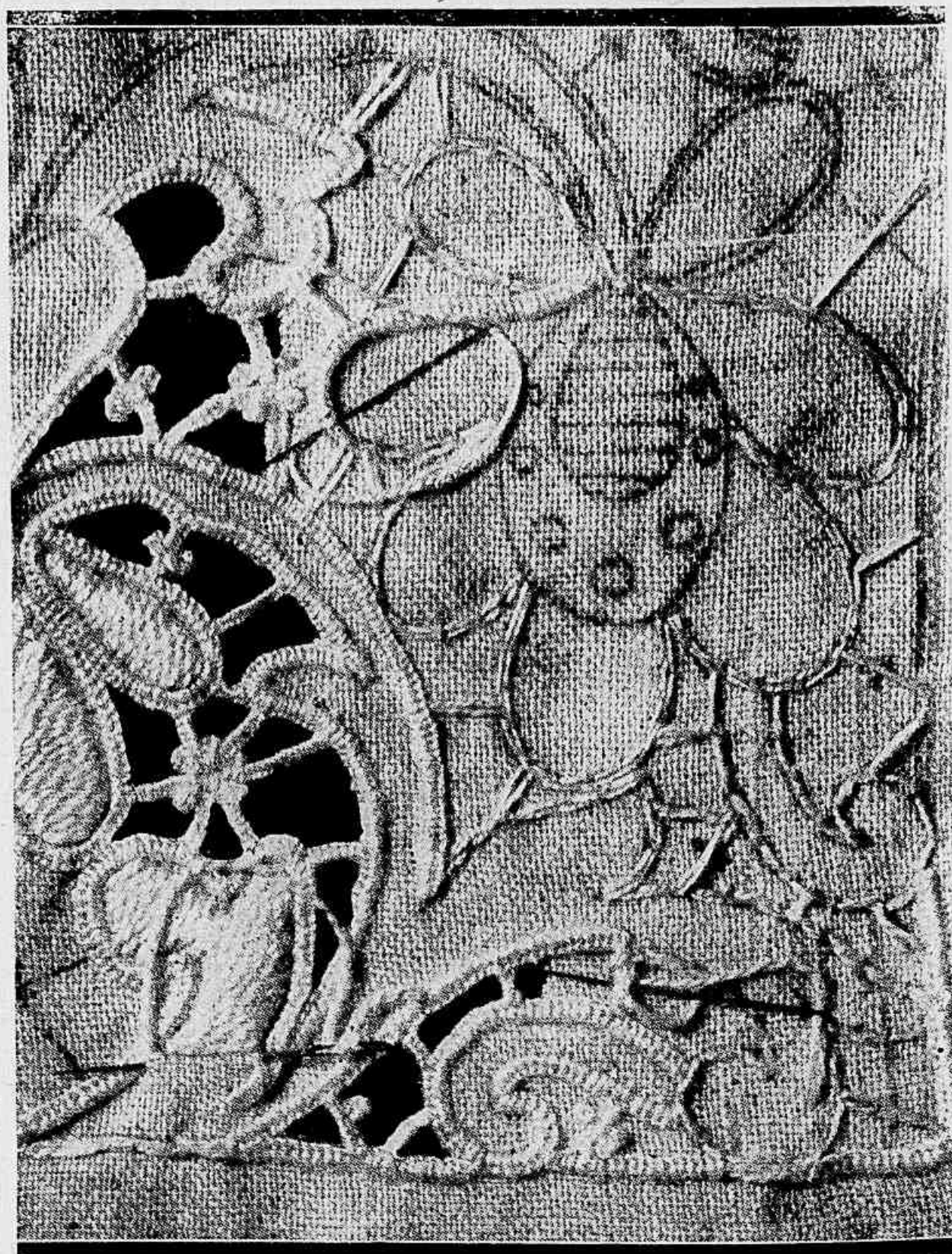
O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos,

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUÉDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo





2 carreiras de lã branca em p. de jersey do começo ao fim (não esquecendo que no meio do quadrado de arroz faz-se a casa como da primeira feita.) Do lado contrario da carreira de arroz aumenta um p. em cada 6 carreiras, até a cava, quando tiver pronto 4 quadrados tanto horizontaes como verticais, então começa a diminuir para a cava; 1 vez três ps. 1 vez 2 ps. e 3 vezes de 1 ponto; segue-se assim até ter pronto o 5.º quadrado; e então começa-se a tecer só em azul, os 14 primeiros em arroz o resto em jersey (não esquecer a casa). Começa-se a arrematar para o decote, 1 vez 14 ps. 3 vezes 3 ps. 3 vezes 2 ps. e durante as 10 carreiras seguintes 1 ponto, terminando o ombro; para diminuir o ombro começa-se do lado da cava.

O lado esquerdo é executado da mesma forma.

Costa — Começar com 120 ps. e fazer a mesma quantidade de sanfona e também de quadrados até a cava; arremata-se da seguinte maneira 1 vez 2 pontos juntos, 2 vezes 1 p. Depois do 5.º quadrado faz-se novamente como na frente todo em jersey azul; arremata-se o ombro igual à frente, e o resto é arrematado para fazer o decote.

Manga — 56 pontos cada uma. Fazer em agulha 1½ 10 carreiras de sanfona lã branca. Muda-se para a agulha 1½ fazendo 14 pontos de jersey lã azul e 1 p. em branca para formar os quadrados aumentando 1 p. em cada carreira, quando tiver 2 quadrados verticais começa-se a fazer só em p. de jersey azul e vai diminuindo, 4 ps. de 1 vez, em cada lado, e depois seguir diminuindo 1 p. em cada lado até ter 40 ps. na agulha que se arremata de uma só vez. Os botões são feitos em crochet.

Gola — É feita à parte, começando com lã branca, fazer 60 ps em jersey. Depois da 3.ª carreira aumenta-se 1 p. cada 5. Tecer 6 carreiras para logo voltar a aumentar 1 p. cada 8, por espaço de 6 carreiras, sendo que no fim da 6.ª aumenta 1 p. cada lado. Para finalizar levanta-se os pontos nas pontas, e com eles tecer 6 carreiras de Santa Clara, sempre pelo direito e se cose ao redor do pescoço.

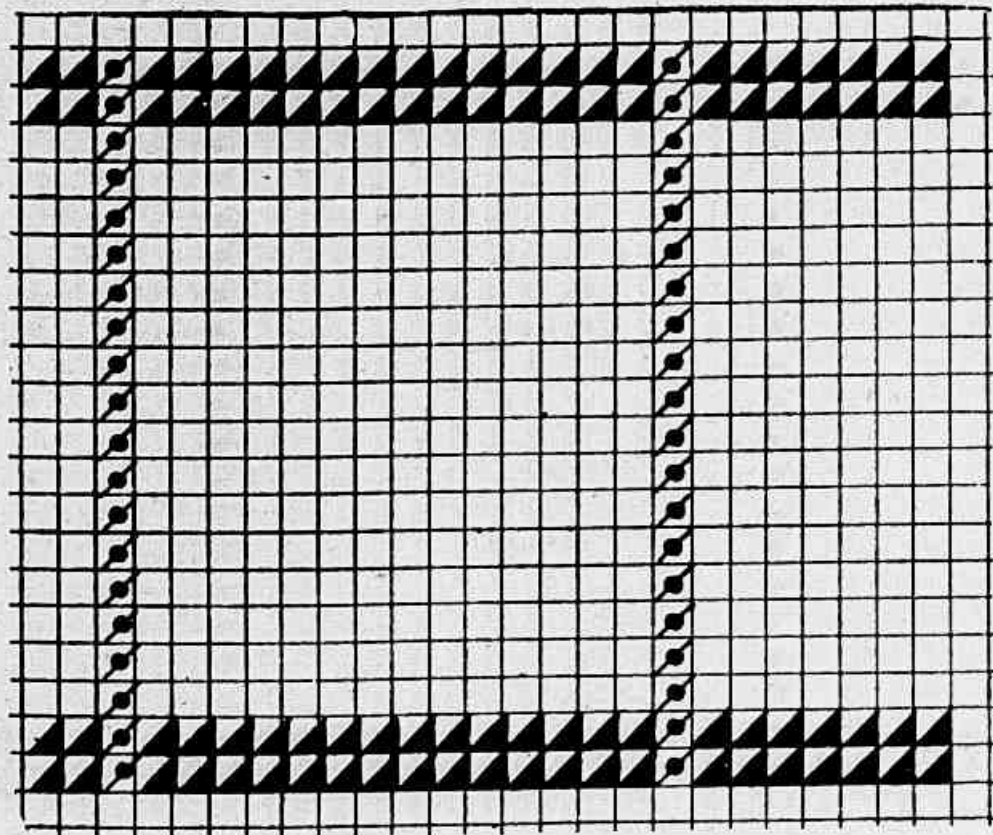
CASAQUINHO tamanho para moça

Materia — Lã fina, suave e retorcida.
60 gramas da cor azul.
1 nov. de lã bouclée branca.
1 par de agulhas 1½
1 par de agulhas 2½

Pontos empregados — Sanfona, ponto de arroz (1 direito, 1 avesso) contrariando nas outras carreiras. Jersey (1 direito; outro avesso) separados os pontos por 1 em lã branca, de acordo com a explicação sobre a marcha do trabalho.

Frente — Lado direito: — Começar com lã azul, agulha 1½, com 74 pontos dos quaes os 14 primeiros em ponto

de arroz, o resto em sanfona durante 10 carreiras; aí começa-se a fazer a primeira casa, arrematando-se 4 ps. dos 14 de arroz; repondo os pontos na carreira seguinte, então segue-se novamente as carreiras de sanfona fazendo mais 10. Nesse ponto muda-se a agulha para o par 2½ e se faz 2 carreiras ponto de Jersey em lã branca, depois faz-se 14 pontos lã azul p. de arroz; 1 ponto em Jersey lã branca; 14 ps. de jersey azul, e assim por diante, sempre os 14 primeiros em arroz para fazer a tira da frente até perfazer 14 carreiras verticais; então, nessa altura faz-se



Cetrolina

antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.

GENTE NOVA



Marisa Barcelos Dias, a jovem a quem a nova turma de bacharelados de Letras neo-latinas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santa Ursula, escolheu para oradora na recente colação de grau. O seu curso ginasial fora anteriormente concluído com notas altas no Colégio Notre Dame de Sion. É ela filha do Sr. Paulo Dias e de dona Nazinha Barcelos Dias, figuras da nossa sociedade.



Ronaldo, filho do ten. c.1. Raul de Albuquerque e de D. Rachel Bezerra de Albuquerque, no dia de sua primeira comunhão.

ANIVERSARIOS DA SEMANA

15 — Sras. D. Giselda Feijó Pereira Pinto.

Srs. Dr. João Severiano da Fonseca Hermes, Dr. Alberto Toledo Bandeira de Mello, coronel Theodoro Pacheco Ferreira, Dr. Alberto Ision Ponte, Sr. Manoel Ferreira Gomes.

16 — Sras. D. Judith Alves Alvaranga, D. Elsa de Moraes Singer, D. Carmen Limeiro.

17 — Dr. Olyntho de Magalhães, Dr. Jorge Dedsworth.

18 — Sra. D. Adelaide Salema, Srta. Ida Brito.

Srs. Dr. Geraldo de Rezende Martins, Dr. Alvaro Moutinho, general Francisco José da Silva Junior.

19 — Sra. D. Esmeralda Carvalho, Srta. Isaura de Noronha, Srs. Vitorino de Oliveira, general Alvaro Tourinho.

20 — Prof. Clvis Salgado Garcia, Sr. Armando Gonzaga, general Estarileu Vieira Pamplona, Dr. Lauro Bozmore.

21 — Sras. D. Sophia Tavares de Lyra, D. Angelica de Souza Garcia de Noronha.

Srs. Dr. Júlio de Azurem Furtado, professor José da Trindade Filho.



Carmen Roberto, filha do Sr. Francisco Inacio Roberto e de D. Emilia Hadade Roberto, residentes no Estado do Rio.



Lucia e Luiz Nicenor — filhos do coronel Nicenor Guimarães de Souza, chefe de Gabinete da Secretaria Geral do Ministério da Guerra, e de sua esposa sra. D. Lucia Pontes de Souza.



Um cantinho para o garoto

POR M. EVANGELINA

Minha presada amiga Mme. Serra Lins.

Você se aflige porque os seus garotos são turbulentos e brigam entre si, sobretudo os dois mais velhinhos; você acha que lhes falta espírito de camaradagem. Esse sinal de egoísmo, minha amiga, é o mal da época; uma creatura generosa como você há de sentir-se mesmo alarmada. Você fará uma obra sobre e benéfica desenvolvendo nos pequenos essa virtude rara e útil a todos. É como semear para poder prover-se de ele-



— Marcha soldado, cabeça de papelão!...

mentos para o futuro. Todas nós devemos tentar esse esforço. O que lhe posso aconselhar é que para obter umas horas de tréguas nesse apertado ambito de um apartamento desenvolva nos seus garotos o habito da leitura. Comece você mesmo lendo para eles, depois promova entre eles uma especie de concurso; cada um lerá uma pequena historia, o juri será composto dos ouvintes; aquele que ler melhor terá um premio. Agora vou contar a você uma interessante historia sobre a experiencia realizada por um pai diligente para inculcar nos seus dois filhos o espirito de camaradagem.

— Carolina e Paulo desejavam ardentemente um par de patins, cada um. O pai comprou um par somente.



1 — Roupinha de linho verde claro, com pespontos verde escuro. 2 — Vestidinho sem mangas, de crepe rosa, guarnecido com franzidos; o decote e as cavas debruados com um vize do crepe. Camiseta de voile branco com salpicos côr de rosa. 3 — Casaco e touca de crepe rosa, os bolsos e a touca são enfeitados com franzidos.

Carrou os dois brigos, mostrou o par de patins sobre a mesa e disse: Aqui têm vocês um par de patins, mas ele pertencerá ao ultimo que o usar. O pai retirou-se da sala, os irmãos olharam-se espantados e desafiantes. Que fazer? Carolina teve um desejo louco de usá-los. Paulo pensou: Ótimo se ela o usar primeiro, eles serão meus para sempre. Mas Carol resolveu afastar-se. Que problema... Finalmente, passada uma meia hora de expectativa os pais ouviram o rodar dos patins na calçada. Correram, curiosos. Quem teria abdicado em favor do outro? Mas coisa inesperada: Lá estavam os dois garotos cada um com um lado do patim. A mamãe sorria satisfeita e o pai concluiu:

— Bem te dizia eu que eles saberiam pôr-se de acordo quando lhes conviesse!

Ai tem você, minha amiga, um exemplo do que poderá sua inteligencia fazer em beneficio dessa gente miuda, cujo mundo tem fronteiras que nos desorientam.

A você e a qualquer mamãe, responderei sempre com prazer.

As cartas devem ser endereçadas à Redação da REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape, 15.

Silhuetas finas e longas como piteiras, piteiras esbeltas como mulheres elegantes

De

MARIA

LUIZA

A pesar da guerra, ou talvez por isso mesmo, as mulheres se tem á noite uma necessidade premente de se tornarem femininas, elegantes, requintadas... As mulheres inglesas e norte-americanas, que durante o dia trabalham como homens e se tem como eles a responsabilidade de vencer a guerra pesando sobre seus ombros considerados frágeis, precisam em seus noites de folga retornar ás antigas personalidades, vestir belas *toilettes*, saber-se elegantes e sedutoras como nos dias alegres e despreocupados do passado.



Tem necessidade de saber que a vida apesar de tudo continua bela e que vale a pena lutar por ela... Mas a guerra, entre outros sacrifícios bem mais sérios e maiores, exige o racionamento dos tecidos; e os vestidos, para continuarem longos, precisaram perder sua amplitude e seus *drapés*. As silhuetas se tornaram finas e longas como espadas ou como piteiras e as mulheres que não perderam o amor ao requinte continuam usando piteiras esbeltas como suas silhuetas...



SHEAFFER'S

Lifetime
WELLS PAT. OFF.

Um presente que se guarda junto ao coração...

A SHEAFFER'S *Lifetime* — garantida por toda a vida, reúne qualidades técnicas tão extraordinárias que é considerada, em todo o mundo, a mais perfeita e completa caneta-tinteiro... Tem o fino acabamento de uma joia de alto preço... O alimentador *Flo-Rite*, de capacidade superior à comum, controla o fluxo exato e constante da tinta, evitando borrões e falhas na escrita... A pena "*Feathertouch*" (toque de pluma) feita à mão, de ouro de 14 ks. com platina na ranhura, patente exclusiva da Sheaffer, e ponta de irídio, escreve de dois modos diferentes com a suavidade e leveza de uma pluma... Abastecimento instantâneo e fácil com um só golpe de pressão. Visibilidade perfeita do depósito. SHEAFFER'S *Lifetime*, em luxuosos estojos para senhores e cavalheiros, acompanhada com a linda lapiseira "*Fineline*" — de ponta sempre afiada — é o melhor presente que se pôde dar como símbolo de uma amizade duradoura...

* Todas as canetas SHEAFFER'S *Lifetime*, são incondicionalmente garantidas para a vida inteira do possuidor, exceto nos casos de perda, roubo ou dano proposital. Para qualquer conserto, a caneta deve ser entregue ou remetida completa aos representantes locais da SHEAFFER'S Pen Co., acompanhada da importância de CR\$ 10,00

Representantes exclusivos para o Brasil:

M. AGOSTINI & CIA. LTDA.

Av. Rio Branco, 47 - 1.º - Rio de Janeiro

R. Anchieta, 35-9.º - Salas 803 5 - São Paulo

CUBA-TINTEIRO SKRIP
 usável até a última gota.

A tinta SKRIP fabricada especialmente para as canetas SHEAFFER é de fluidez e nitidez absolutas. Não deixa sedimento. Resiste à ação do tempo e da água.



TAMPA
 "CÍRCULO MÁGICO"
 Limpa automaticamente a rosca do frasco de tinta.



Grafite SHEAFFER'S
 "Fineline" de comprimento duplo. Fina, macia e de maior durabilidade.

Jogo "TRIUMPH" Tuckaway *Lifetime* com pena "*Feathertouch*" de ouro de 14 ks. Modelo criado especialmente para ser transportado com segurança, em qualquer posição, em bolsas de senhores, bolsos de cavalheiros ou tunicas militares.



O PONTO BRANCO é o sinal de identidade da SHEAFFER'S *Lifetime* — garantida por toda a vida!

Jogo "STATESMAN" *Lifetime* com pena "*Feathertouch*" de ouro de 14 ks.

